

O Venerável Padre Gaspar Bertoni

Fundador dos Estigmatinos



Padre Gaspar com os meninos no Oratório Mariano
fundado por ele em 1802.

Padre Nello Dalle Vedove, CSS

1964

Ex parte Congregationis
Nihil Obstat quominus imprimatur
Verona, 12 junii 1964
P. MARIUS ZUCCHETTO
Sup. Provinciae Sanctae Crucis

Romae, 10 Julii 1964
NICOLAS FERRARO, S.R.C., Adssessor
Fidei Sub Promotor Generalis

Ilustrações de Mário Barberis

Advertência

As fontes da presente biografia são: os Processos Ordinários e Apostólicos da Causa de Beatificação e Canonização do Venerável Servo de Deus; o volumoso *Summarium Additionale* compilado pela Seção Histórica da Sagrada Congregação dos Ritos para a *Positio super virtutibus*; os estudos de Pe. José Stofella; e outras investigações pessoais dos arquivos e bibliotecas.

O autor declara que se submete em tudo às prescrições dos Decretos de Urbano VIII e às disposições da Santa Igreja, da qual se professa filho obedientíssimo.

Edição Estigmatina
1964

Stampato nella
TIPOGRAFIA PADRI STIMATINI
Verona - Italia - 1964

Edição Eletrônica e adaptação para a língua Portuguesa atual
por Tereza Lopes, leiga Estigmatina (2025)

Índice

Contracapa	8
Apresentação por S. Excia, o bispo de Verona	9
OS PRIMÓRDIOS	10
Amor que termina em lágrimas	
Primeiro vagido	
O pai	
A mãe	
O menino	12
A irmãzinha	
Na escola	
Aluno de São Sebastião	
Passa o santo	
Lírio sobre espinhos	15
O terno da moda	
Pureza radiante	
Talento musical	
A VOCAÇÃO SACERDOTAL	18
O chamamento	
Tomada de hábito	
L. D. S.	
A indiscrição de Pe. Moschini	
Apóstolo dos meninos	20
A ritmo de canhão	
Consolador dos enfermos	
Ordenação sacerdotal	
O INÍCIO DE SUA VIDA SACERDOTAL	24
Sublime e tremenda dignidade!	
Centro de cultura eclesiástica	
A convivência com Jesus	
Espetáculo excepcional	
Sacerdote mariano	
Serás missionário dos meninos	27

Oratório recreativo de São Paulo	
A coorte mariana	
Pobre inocência	
Mestre da vida interior	
Fragrância de um lírio	33
Uma conquista	
A troça do grande jantar	
A voz de Nossa Senhor	
Com a beata Marquesa de Canossa	37
Fiquem tranquilas, a irmã vai sarar	
São José acode	
Diga que me espere	
No Purgatório pelo espaço de 3 Missas	
Sairá do Purgatório depois de tantos dias	
Uma visita inesperada	
A morte de sua mãe	39
As supressões de Napoleão	
Fidelidade ao Papa	
Vida exemplar de um soldado	
Orientador espiritual do clero	42
Noites em oração	
Rumo à união transformante	
Olha para este meu coração	
A direção de Leopoldina Naudet	45
Aos pés do altar de Sto. Inácio	
FORTE DECLÍNIO EM SUA SAÚDE	46
Primeira doença mortal	
Um apóstata e matricida	
Os sofrimentos: escola de Deus	
A FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO ESTIGMATINA	49
Inspiração do céu	
O capital para a fundação	
Transladação de São Gualfardo	
A hora da Providência	

Funda a Congregação	
Primeiro ano letivo nos Estigmas: 1816 - 1817	55
Com o carrinho de mão	
Grande oferta de ouro devolvida	
Como são mortificados	
Conversões	
Didática de Pe. Gaspar	60
Apóstolo da cátedra	
Fixando o Crucifixo	
Primeiras escaramuças	
Trago no meu corpo os Estigmas de Jesus	
Cerca de 300 intervenções cirúrgicas	64
Visita de Francisco I	
A doença: maneira secreta da graça	
Visita de Antonio Rosmini	
Ferido, não morto	68
Inesperada cura da senhora Ferrari	
Debaixo dos ferros e bisturis	
Outra vez São José	
Brincadeiras da Divina Providência	
Rumo à cura	
Considero-o um santo	
Brincadeiras da Divina Providência	
Rumo à cura	72
Considero-o um santo	
Mensagem de confiança na Divina Providência	
Procurai antes de tudo o reino de Deus	
Verá que Deus providenciará	
O DESABROCHAR DE SUA SANTIDADE	76
Conselheiro e cooperador de obras	
Oferta do canonicato	
Aos pés do novo bispo	
De joelhos na rua	
O cólera	

Cenas comoventes	80
Recobrou a saúde com uma bênção de Pe. Gaspar	
Outra bênção com efeito imediato	
Um médico curado	
A febre desapareceu	
Múltiplos recursos ao Servo de Deus	
Penetrou nos segredos da minha consciência	
O milagre da humildade	
Sorriso que anima e conforta	84
Anjo do conselho	
Ardil para um retrato	
As pegadas do Pai	
Dos Estigmas à corte de Viena	88
O Papa se comoveu até às lágrimas	
Filial submissão ao Sumo Pontífice	
O espírito dos Fioretti	
Último Sermão	
À cabeceira do bispo	
Um convento em alvoroço	92
Conselheiro municipal de Grezzana	
O “lixo” de Pe. Cartolari	
Fecundidade de uma renúncia	
Tinha impressão de tocar o corpo de um santo	
Contínua peregrinação	
Na escola do sofrimento	96
A conversão de um protestante	
Até à vista no céu	
SEUS ÚLTIMOS ANOS	99
Terrível martírio	
Rumo ao fim	
Durma, irmão, não preciso de nada	
Morte do justo	
Paulo, irei eu ao cemitério?	

CURAS APÓS A SUA MORTE**105**

Pedidos de relíquias	
Tive impressão de que estava ao meu lado	
Sarou com a meia de Pe. Gaspar	
Corpo incorrupto	
70 anos depois da morte	
A bomba respeita a sepultura	107
Curado de periostite com cárie	
Deus, somente, poderia salvá-lo	
Sara de sinovite óssea e entra para o convento	
Inesperada cura	
Não havia mais esperança	
Uma voz me chamava	109
Aqui a ciência pára	
O moribundo recupera a saúde	
Instantaneamente sara, sem operação	
Eu tenho quem me ajude	112
Cura de um menino, quase esqueleto	
Recupera a saúde sem intervenção cirúrgica	
Um jovem se restabelece de um câncer	
Quase morta recupera a vida	

A CONGREGAÇÃO DOS ESTIGMATINOS**115**

Contracapa

Trabalho de equipe. esta tradução da vida do Ven. Gaspar Bertoni, escrita à luz das incessantes buscas do Pe. Nelo nas fontes originais, pretende divulgar no Brasil o espírito ardente de um homem novo para os tempos novos, um apóstolo da juventude, um precursor da Ação Católica, o fundador dos Oratórios Marianos. Homem de uma cultura quase fabulosa, de uma santidade espontânea e contagiente, soube de tal maneira movimentar para o bem o complexo mecanismo dos valores humanos seus e dos que o rodeavam, que conseguiu recuperar toda uma sociedade em desintegração moral.

Guiou firme no caminho da perfeição evangélica um sem-número de almas sedentas de Deus. Ensinou por mais de 20 anos nas escolas gratuitas que abriu. E, por 20 anos no leito da dor, pregou silenciosamente o mistério da Cruz: “trago em meu corpo os estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Fundou uma congregação que se dedica ao ensino, à pregação de退iros, às missões populares, e a toda obra de ministério em bem do próximo. Está presente na Itália, Estados Unidos, Brasil, Tailândia e África. Em nossa terra, é conhecida pelas obras que mantém em São Paulo, Paraná, Guanabara, Minas Gerais e Goiás, com: 28 paróquias; várias reitorias; 7 seminários com cursos a partir do preparatório até o final da teologia, sendo um deles para vocações de adultos (Escola Apostólica Santa Cruz, Rio Claro, SP) e outro para a formação de irmãos coadjutores (Escola Apostólica Nossa Senhora do Desterro, Casa Branca, SP); escolas elementares; cursos básicos; ginásios; escolas técnicas de comércio; colégios; cinemas; radioemissoras; círculos operários e outras obras de assistência social. A congregação é um grupo de missionários composto por padres e irmãos coadjutores, às ordens dos senhores bispos e párocos, em constante atividade para promover o bem do povo.

Tudo isso é fruto do ardor apostólico que o Fundador Estigmatino soube transmitir a seus continuadores, e do qual nos deixará uma centelha, se soubermos ler esta história de sua vida não por curiosidade, mas como quem entra na escola de um santo.





O BISPO DE VERONA

A figura do *Venerável Gaspar Bertoni* vive ainda no coração dos seus filhos, os estigmatinos, que lhe continuam a obra com dedicação, e no coração de quantos, na Itália ou fora, se beneficiam da ação apostólica deles.

Mas é de se desejar que o conhecimento deste insigne educador, que tem tanta afinidade com outros célebres Apóstolos da Juventude aparecidos na Itália no século passado, dos quais pode sob muitos aspectos ser considerado o precursor - seja sempre mais divulgado.

O espírito do Ven. Gaspar, em sua simplicidade, em seu otimismo, em seu filial e sereno abandono em Deus, corresponde às exigências e anseios mais atuais.

Sua dedicação pela juventude, suas iniciativas e seu método coincidem com os problemas e orientações didáticas que assaltam e preocupam o espírito de todos os atuais pastores de almas.

Seja abençoada esta publicação de fácil leitura, que nos traz em forma simples, agradável e real, a figura amável do Ven. Gaspar.

Encontre muitos leitores que compreendam e assimilem a “espiritualidade Bertoniana”: terão muito proveito pessoal e ganhará não pouco a santa causa da educação cristã.

† D. José Carraro, Bispo de Verona
e Presidente da Comissão Pontifícia
para a América Latina

OS PRIMÓRDIOS

“Amor que termina em lágrimas”

A polícia de Verona, há mais de um ano, trazia sob vigilância especial o jovem sacerdote Padre Gaspar Bertoni, porque era suspeito de manter clandestinamente os Oratórios Marianos, que Napoleão Bonaparte havia suprimido.

Suspeitas e ameaças apareciam a cada passo, tanto que o “Pai da juventude veronesa” se viu constrangido a limitar a sua atividade organizadora no âmbito da igreja paroquial, renunciando temporariamente à forma externa de sua característica “Coorte Mariana”.

Sua casa, já sede de barulhentos encontros juvenis, tornou-se deserta, e ele, naquele imperturbável silêncio, sentiu despertar mais imperiosa e necessidade de um ininterrupto colóquio com Deus.

A perseguição tornou-se-lhe, desta maneira, maravilhosamente fecunda. Várias experiências de ordem mística ficam gravadas no seu diário espiritual deste período.

No domingo, 9 de outubro de 1908, dia em que completava 31 anos de idade, deixou escrito:

“Na Missa, durante as orações secretas perto do memento dos vivos, *como um abrir-se do intelecto para conhecer com quem falava; grande afeto e expansão de amor. Depois, certos arroubos de coração*, como de pessoa de pessoa surpreendida por um grande amigo que não via há muito tempo, ao dar com ele, se lhe quer lançar ao pescoço para abracá-lo. Veio então um desejo que crescesse a vista e o ímpeto para poder atingir o Sumo Bem. Mas, temendo algum movimento de vaidade achando-me em público, recorri à consideração dos pecados gravíssimos: *então, cresceu o conhecimento da bondade e o amor que terminou em lágrimas muito suaves*, que duraram até depois da comunhão. No entanto, a fé e a confiança cresciam muito mais, juntamente com a humildade e uma amorosa reverência. Finalmente, à comunhão, *grandíssima devoção e sentimento igual ao da primeira comunhão em menino*, que não me lembro nunca de tê-lo experimentado depois; o recolhimento durou até uma hora depois, prolongando-se pela tarde toda.”

Riquezas interiores, cuidadosamente guardadas no silêncio e no escondimento: este o marco característico da espiritualidade Bertoniana, segundo o mote adotado como programa de toda a sua vida:

baixinhos, baixinhos, humildes e escondidos.

Primeiro vagido

Em Verona, rua Di Sotto, número 5459, os tabeliões Inácio e Antônio Bertoni lavravam atas e escrituras, autenticavam, expediam cópias de contratos e testamentos.

Os clientes, atraídos pela fama dos dois notários públicos, não podiam se subtrair à impressão de que aquela casa fosse muito triste, sem o sorriso de um berço e a alegre voz de uma criança.

Mas, no dia 9 de outubro de 1777, o raspar das penas que lavravam ainda um contrato ou punham uma rubrica ao pé de um protocolo, foi interrompido lá pelas 16 horas, por um vagido.

- O futuro tabelião da casa Bertoni finalmente chegou! - exclamaram com satisfação os familiares. Só Pe. Tiago, que no dia seguinte batizaria o sobrinho com o nome de Gaspar Luís Dionísio, poderá alimentar esperanças de que se trate, ao invés, de um ministro de Deus.

O pai

Francisco Luís Bertoni conseguiu o título de tabelião dois meses depois do nascimento de seu primogênito, mas deixou o exercício de tal profissão ao tio Inácio e ao irmão Antônio Maria, que teria chegado à celebriidade ao se tornar chanceler da prefeitura de Verona.

Por inclinação, o Sr. Francisco almejou a liberdade dos campos, mesmo se em trajes de administrador das propriedades de Caldiero e de Illon não deu senão provas muito apagadas de habilidade.

Absorvido pelos seus afazeres, foi um estranho aos afetos familiares, e em particular um ausente na educação do filho. Felizmente, o tio, Pe. Tiago, pode suprir em boa parte a falta de autoridade paterna, dando ao sobrinho os ensinamentos mais apropriados à sua tenra idade.

A mãe

A Sra. Brunora, filha do Tabelião Francisco Ravelli, da cidade de Sirmione, às margens do lago De Guarda, era dotada de todas as qualidades que costumam adornar uma mãe ideal: grande fé em Deus, uma extraordinária prudência e uma fortaleza cristã que a fariam levar exemplarmente a cruz de uma união conjugal pouco feliz. Dedicava todos os seus cuidados a Gaspar, que a compensava largamente com afeto e devotamento.

Mamãe Brunora não se julgava digna de tal filho, e elogiando-lhe a docilidade, costumava repetir: “Se todos os meninos fossem obedientes a milésima parte do que é Gasparzinho, seria o bastante para tornar felizes pais e mestres”.

O menino

Gaspar era de índole suavíssima. A educação para a virtude encontrou nele fatores favoráveis: suma docilidade, além de um particular atrativo para as coisas de Deus.



“Preparava o altarzinho, e imitava as funções sacerdotais.”

Para alegrá-lo, bastava colocar-lhe nas mãos um santinho, ou deixá-lo entreter-se com seu altarzinho, diante do qual balbuciava as primeiras orações aprendidas pela voz materna.

A vivacidade do caráter brilhava em seus olhinhos inteligentes, e o celestial sorriso conquistava todos os corações. Os presságios sobre seu futuro não poderiam ser senão lisonjeiros. Há pessoas que - testemunharam mais tarde - conservam ainda paninhos que Pe. Gaspar usou quando menino, guardados precisamente porque *“desde então se prognosticava a sua santidade”*.

A irmãzinha

Aos seis anos, sua solidão foi interrompida pelo nascimento de uma irmãzinha, que recebeu o nome de Matilde. Foi um aparecimento fugaz. Tão logo a companhia da menina começava a ganhar importância também nos inocentes divertimentos e nas pequenas funções que o menino Gaspar desenrolava diante de seu altar, um ataque de varíola a levou na idade de quatro anos incompletos.

Na escola

Foi confiado aos cuidados de uma professora elementar. A umas tantas horas, a lição se interrompia e todos os meninos corriam vociferando ao redor da professora para receber o lanche. Só Gaspar continuava bem composto em sua carteira, esperando que todos os companheiros fossem atendidos. A professora, no entanto, olhava envaidecida o seu “angélico Gasparzinho”, pelo qual já sentia veneração como a um “santinho”, comprazendo-se de chegar até ele para servi-lo.



“Só Gaspar esperava bem composto em sua carteira.”

Aluno de São Sebastião

Com oito anos, passou para a escola de São Sebastião, tornada municipal depois da supressão da Companhia de Jesus (1773).

Gaspar Bertoni encontrou nela ainda padres que tinham ficado para continuar ensinando e dirigindo uma florescente Congregação Mariana. Entre todos, distingua-se o Pe. Luís Fortis, que seria mais tarde o primeiro Superior Geral da restabelecida Companhia de Jesus.

Em Pe. Fortis, o pequeno Gaspar teve não só um sábio guia para seus estudos, mas também o pai espiritual de sua juventude. Sob a sua direção, aos onze anos e meio, foi se dispondo para a primeira comunhão, que infundiu em sua alma ilibada a fragrância celestial de uma incomparável doçura. A lembrança deste encontro com Jesus Eucarístico, seguida de uma primeira experiência mística, chegaria logo mais a despertar uma onda de ternura tal que o viria comover até às lágrimas.

A primeira comunhão marcou para nosso Gaspar também a entrada definitiva na Congregação Mariana.

Com isso, ainda não acabou para ele o período da divertida infância.

Ao nome de Gaspar, no registro das contas de família, lê-se: “Dezesseis de agosto de 1789... conserto de uma espingardinha, quatro liras”. As férias de verão de um menino de doze anos no ameno sítio de Caldiero não poderiam passar sem alegres aventuras com seus companheiros.

“Passa o santo!”

O fervor de Gaspar Bertoni, novo congregado mariano, alimentava-se com a comunhão frequente e, cotidianamente, com Missa, meditação, leitura espiritual, exame de consciência, visitas às Igrejas e aos doentes e, finalmente, a cada ano, com um curso de exercícios espirituais.

Nestas práticas, nada de mecânico: tudo assumia o caráter da mais ampla espontaneidade na devoção filial a Nossa Senhora, sob cuja proteção ele se colocava inteiramente, consagrando-lhe a cada manhã o seu coração, e invocando-a muitas vezes durante o dia.

Quando, com o avançar dos anos, começou a despertar no rapaz a consciência da própria personalidade, com uma acentuada tendência de refugiar-se nos seus sonhos, nas suas reflexões e nas suas esperanças, Pe. Fortis foi solícito em favorecer a gradual evolução do aluno, orientando-o para uma vida interior mais intensa, sustentada por mais frequentes meditações, retiros e exames.

Para facilitar a luta contra seu defeito predominante, Gaspar trazia ao pescoço umas contas; a cada falta puxava uma.

Assim, à tarde, era fácil saber o número de faltas, pedir perdão a Deus e propor o reparo.

Pe. Fortis apresentou, com muito acerto, o jovem São Luís Gonzaga como modelo que encarnava o ideal que correspondia perfeitamente às aspirações de seu filho espiritual. Assim, à luz emanada dos exemplos de Luís Gonzaga, o adolescente Gaspar Bertoni passou facilmente do equilíbrio interior de criança para um domínio consciente dos novos impulsos da natureza. E estas suas conquistas não ficavam só no segredo de sua alma. “Jovem estudante, era de suma edificação a todos”, afirmavam testemunhas diretas, e ainda acrescentavam que: “vendo-o passar quando ia à escola, era tal a sua modéstia e compostura que inspirava veneração e devoção”. Muita gente se achegava de propósito às janelas para observá-lo, e sussurrava: “Passa o santo!”.

Lírio sobre espinhos

“A alma inocente - dirá o Pe. Gaspar - é semelhante a uma praça bem murada e guarneida, onde o temor de Deus é como o soldado, e a modéstia, a defesa.”

O santo temor de Deus é um instintivo horror pelo pecado bem depressa lhe puseram as mãos instrumentos de uma asperrima penitência. As testemunhas falam de uma “guerra contínua declarada aos seus sentidos”, com proibição de qualquer espetáculo ou divertimento público, mesmo inocente.

Frugalíssimo era o almoço, parca a janta, e, fora das refeições, nenhuma fruta ou doce.

Breve o sono, e, além disso, interrompido por aquelas indústrias que ele tinha aprendido na vida dos santos.

Chegou ao ponto de pedir com insistência à empregada, a carinhosa Margarida Bonvicini, que não lhe arrumasse mais a cama, porque ele mesmo faria esse serviço. A empregada estranhou esta espécie de ordem, mas não se opôs. Um dia, porém, levada pela curiosidade, quis descobrir o que havia. Entrou furtivamente no quarto do patrão, examinou a cama, e, com grande espanto, descobriu debaixo dos lençóis uma camada de pedregulhos e cacos. Exatamente como se lê na vida de São Luís. Não sem motivo, Gaspar era considerado até pelo seu vigário um “redivivo São Luís Gonzaga”.

O terno da moda

Os tabeliões constituíam uma categoria de “ilustríssimos”, cujo grau cediam só diante de “Excelências”. Os Bertoni não entendiam por certo renunciar ao decoro que cabia à sua condição, e assim também o nosso Gaspar, em atenção ao brilho que devia conservar à família, não podia se apresentar em público senão como um “senhorzinho”. Justamente por isso lhe tinha sido comprado um precioso relógio, que naquele tempo era uma raridade.

Um dia, a mãe Brunora foi encomendar ao alfaiate um terno segundo a moda do tempo. O rapaz, sem que ela soubesse, chegou pouco depois à mesma alfaiataria para sugerir algumas modificações do seu gosto. Fizeram-lhe a vontade, mas o terno saiu com um feitio muito modesto e antiquado. Não sabemos qual tenha sido a surpresa da mãe, que facilmente achou um modo de se conformar, aceitando as explicações persuasivas do filho. Mas, quando apareceu em público com o novo terno, os companheiros não lhe pouparam caçoadas, pondo-lhe o apelido de “capuchinho”. Mas ele, longe de se envergonhar, participava da alegria deles com franca desenvoltura, contente com a humilhação.

Pureza radiante

O pároco da Santíssima Trindade, que escreveu a vida de Pe. Gaspar Bertoni, com a assistência do próprio confessor dele, assegurou que este “guardou sempre com ciúme ilibado a estola da inocência recebida no batismo, e a conservou sempre imune, ao menos deliberadamente, de qualquer mancha que a pudesse, de algum modo, ofuscar”.

Simplesmente nomear-lhe o pecado bastava para fazê-lo empalidecer, tomado de improviso calafrio em todo o corpo.



Pequeno diretor de orquestra; sabia tocar todos os instrumentos.

Não só vigiou para que o estado de graça nunca fosse interrompido por falta grave, mas pôs todo o empenho em evitar até a menor negligência ou imperfeição.

A recatada modéstia que emanava de sua pessoa despertava um sentido de instintiva veneração em quem dele se aproximava. Ninguém teria ousado permitir-se um gesto ou uma palavra menos digna em sua presença.

Nunca se dobrou ao mal - garante o biógrafo Giacobbe. Procurava, sim, a companhia dos jovens, mas unicamente com a finalidade de insinuar-lhes o bem, pois desde a mais tenra idade estava decidido a ser o missionário deles.

Talento musical

Sua acentuada tendência pela música foi cultivada por um excelente maestro de Verona. Gaspar tornou-se hábil no manejo do piano, da cítara e de todo instrumento de corda; dominou também os instrumentos de sopro, como a flauta, o pistão, o aboé e o trombone, a ponto de alcançar a competência de um diretor de orquestra. E quando entre seus companheiros se punha a dirigir um pequeno concerto, dizem que nada ficava devendo aos músicos mais experimentados.

Além do talento musical, era dotado de veia cômica irresistível, conseguindo imitar com perfeição voz e gestos de quem quer que fosse.

Os meninos o seguiam divertidamente, atraídos pelas suas facécias, mas cada divertimento ou jogo iria terminar aos pés do Sacrário ou no quarto de um doente, ou no tugúrio de um pobre, onde todos depunham os frutos de suas economias.

A VOCAÇÃO SACERDOTAL

O chamamento

Aos dezoito anos, Gaspar defrontou-se com a decisão mais importante de sua vida. O ideal do sacerdócio já havia brilhado aos seus olhos. Ele mesmo o deixa entender em uma composição poética que nos ficou como primeiro documento histórico autobiográfico:

" ... desde a infância, meu coração sentiu O chamado gentil de um casto
Esposo: ouvi, afervorei-me, e quase vi..."

Parece aqui lembrar a experiência mística da primeira comunhão, como um longínquo apela, conservado depois latente na alma, e agora despertado por um "*gentil paraninfo*", que lhe determina com precisão as condições para chegar ao divino Amante.

Sabemos que foi o seu vigário, Pe. Francisco Girardi, quem lhe deu o primeiro sinal para que ele se dedicasse ao serviço do santuário. Gaspar, não sem trepidação, respondeu-lhe que queria esperar a confirmação do alto, em um curso de Exercícios Espirituais. Longe do barulho atordoante do mundo, que tumultuava em volta de sua promissora juventude, ouviu a voz tênue daquele que "*fala ao coração, mas doce e suavemente*". Não teve mais dúvidas: Jesus, terno amante da alma, o queria como seu ministro.

Tomada de hábito

Gaspar frequentou os cinco anos de teologia (1795 - 1800) como aluno externo, em uma época particularmente tempestuosa.

Verona, que desde há quatro séculos pertencia à República de Veneza, em primeiro de junho de 1796 começou a sentir a dominação estrangeira. O exército de Napoleão, violando a neutralidade vêneta, espalhara por toda a parte ruína e

consternação. Por cúmulo de infelicidade, dando a mão e fortalecendo os invasores, uniram-se a eles alguns concidadãos, enfatizados de idéias revolucionárias.

Não faltou o triste espetáculo de alguns apóstatas, que subiram aos palanques fazendo demagogia diante das multidões, com falas indignas; dependuraram as batinas nas árvores da liberdade, que se iam plantando em toda parte, com cantos, músicas, danças, hinos e vivas à liberdade e à igualdade, gritos de morte ao clero e à nobreza.

Justamente neste clima, em 31 de dezembro de 1796, Gaspar, aos 19 anos, dava um adeus decisivo ao mundo, vestindo o hábito eclesiástico na capela do seminário.

Pela sua batina, ele terá sempre veneração e respeito, como para um segundo anjo da guarda.

Um dia, a um eclesiástico que, segundo o uso do tempo, se apresentava à paisana, dirigiu uma inflamada exortação para que não deixasse nunca a sua batina; em seguida, puxando-o a um canto da sacristia, suspendeu um pouco a própria batina, acrescentando: “*Assim se faz também economia, e a gente se veste por baixo como quer*”, e lhe mostrou umas calças muito velhas e remendadas.

L. D. S.

A resposta à graça da vocação manifestou-se em Gaspar com uma redobrada fidelidade aos seus deveres cotidianos.

Temos um depoimento muito eloquente do Pe. Marcos Marchi, seu companheiro de escola: “*Quando seminarista, estudava dez horas por dia, além das aulas: muita oração; grande penitência; vigílias frequentes*”.

Conservam-se ainda os enormes volumes das lições que Gaspar transcreveu de próprio punho, com uma paciência de monge. Chegou a rubricar cada página com as iniciais das palavras: “*Laus Deo Semper*” - sempre louvor a Deus. Para Deus, de fato, se voltavam todos os seus pensamentos e suas intenções durante o estudo.

Quando, com algum tratado sob o braço, passeava ao longo das ridentes margens do rio Ádige, ou por alguma colina nas cercanias da cidade, o convite para elevar o espírito lhe vinha mais diretamente do grande livro da natureza. De tudo se servia como de degraus para subir às mais altas contemplações.

As noites, então, muitas vezes inteiras, eram reservadas àqueles íntimos colóquios com Deus, que o absorviam a tal ponto de nem perceber o andar veloz do tempo.

A indiscrição de Pe. Moschini

No início de 1797, a fúria devastadora da guerra recomeçou a castigar o território veronês, começando com o Caldiero, onde foram envolvidas também as propriedades da Casa Bertoni, depois Árcole e Rívoli. A população, estimulada pela crescente prepotência dos invasores, não soube refrear seus ímpetos, e deixou que se desencadeasse todo o seu furor, que eclodiu nas trágicas “Páscoas Veronesas”.

Seguiram-se imediatamente bárbaras represálias, com bombardeios sobre a cidade, reféns justiçados, o bispo preso e ameaçado de morte, e pesadas multas, fossem em dinheiro, ou em gêneros, preciosidades de prata das igrejas ou obras de arte.

No meio de tanta desventura, restava uma só esperança: Nossa Senhora do Povo, cuja venerada imagem, exposta desde o primeiro dia de invasão, ali permaneceria por um ano e meio, sempre com velas acesas, até que obtiveram a graça da libertação.

Nesse tempo, Gaspar Bertoni não se limitou a orações e penitências, mas também se desdobrou em atividades tendentes a sustar as consequências que as desordens políticas e militares acarretavam ao povo. E, em oposição ao frêmito de liberdade que contagiava tudo, até mesmo um pouco o seminário, ofereceu constantemente o exemplo de uma conduta irrepreensível, na mais absoluta docilidade a seus superiores.

Por isso, Pe. Moschini, pregando um curso de Exercícios Espirituais, não hesitou em apontar o jovem Gaspar, ali presente, como modelo de vida clerical. O vivo rubor que apareceu imediatamente na face de Gaspar levou a todos a compreender o quanto ele ficou embaraçado naquele momento.

Apóstolo dos meninos

Conservamos ainda um trabalho inédito do seminarista Gaspar Bertoni sobre o “*Modo de receber dignamente o sacramento da reconciliação*”, que contém as instruções que ele pronunciou aos meninos da Paróquia de São Paulo, em 1798.

Gaspar começou o seu primeiro colóquio com os meninos com um ato de fé na presença divina: “Vós sabeis que Deus está aqui. Antes de tudo, portanto, invoquemo-lo rezando um Pai Nossa. Deus está aqui presente: então, silêncio e temor. Nem uma palavra! Quem fala terá o seu castigo de Deus e de mim: não espere prêmio. Os prêmios serão para quem se mantiver em grande silêncio e respeito. Mas vocês serão todos inteligentes, não é mesmo? Estão darei o prêmio a todos vocês: contarei histórias; vocês vão gostar muito”.

Assim ele ganhou a atenção dos pequenos ouvintes, e entrou no vivo de sua exposição.

“Um filho cometeu uma grande falta de respeito contra seu pai. O pai, encolerizado, disse: ‘não apareça mais diante de mim; não o quero mais à mesa comigo; saia de casa ou fique em um quarto fechado, e lhe darei um pão, um pouco d’água e nada mais.

Temos cometido pecados. Deus, que é nosso Pai, irado, diz que não nos quer mais consigo, não nos reconhece mais por filhos e que merecemos o inferno.

Queremos evitar o inferno; queremos que Ele nos perdoe. Então, o que devemos fazer? O que faz o filho se quer que o pai o perdoe?”

Usando, depois, comparações muito apropriadas, desce às menores particularidades, acompanhando os meninos até aos pés do confessor.

“É preciso chegar-se e olhar o sacerdote, seja ele quem for, como a pessoa de Jesus Cristo, porque ocupa o seu lugar; e, estando de joelhos, não olhá-lo no rosto, mas de olhos baixos fazer o sinal da cruz, e depois declarar os próprios pecados, com toda sinceridade.”

“Recebida a absolvição, “considerem a alma como uma veste de linho que acabou de ser alvejada. Vivam, pois, com muito cuidado, para não tornar a manchá-la”.

Gaspar, mesmo atribuindo tudo à graça de Deus, precisou concluir que o seu método havia conseguido sucesso superior à expectativa.

O seu apostolado entre aos meninos não ficou limitado às horas da Doutrina Cristã. “*Oh, a sua querida juventude era todo o seu pensamento, seus ternos cuidados, sua verdadeira delícia*”, afirma o biógrafo, e acrescenta que Gaspar, desde aquele tempo “acalentou a idéia de formar um grupo de cooperadores zelosos, com a finalidade útil e santa de fundar uma Congregação Religiosa”, na qual a educação da juventude ocuparia uma parte relevante.

A ritmo de... canhão

Em 9 de março de 1799, pelo subdiaconato, Gaspar se defrontava com o limiar do sacerdócio.

A cadênciа de seus passos em direção ao altar era marcada ao troar de tiros de canhão. Às 3 horas da madrugada do dia 26 do mesmo mês, começou-se a ouvir a música lúgubre das artilharias francesas. Verona inteira ribombava; os habitantes tremiam, e faziam votos ao céu a fim de que o inimigo não entrasse na cidade, pois sabia-se que lhe havia jurado o extermínio. O bombardeio durou dezesseis horas; depois, o estrondo do canhão foi progressivamente diminuindo, até desaparecer longe, além da montanha de Magnano.

Gaspar conhecia o valor público e social do Ofício Divino, e ao mesmo tempo sabia que instrumento eficacíssimo de santificação pessoal poderia ser para quem o rezasse como se deve. Por isso, em um marcador de seu breviário, conservava sob os olhos oito normas com as quais se empenha, dentre outras coisas, em “*compor a pessoa em todos os sentidos e gestos, recitar em pé ou de joelhos, ou, por necessidade, sentado sem nenhum apoio ou inclinação de corpo; recitá-lo com suficiente pausa, e com pronúncia destacada, notando toda vez em que não se destacou*”.

Consolador dos enfermos

As guerras e as pestes ceifavam vítimas às centenas e milhares. Os feridos que afluíam a Verona eram recolhidos não só nos hospitais, mas até nos conventos, igrejas, casas particulares, e mesmo debaixo dos pórticos sobre um punhado de palha onde recebiam os primeiros cuidados.

Foi verdadeiramente providencial a instituição da Irmandade Evangélica dos Hospitaleiros, em 1796, por iniciativa do Servo de Deus Pe. Pedro Leonardi. À nova obra

havia aderido um outro Servo de Deus, o Pe. Carlos Steeb, outrora negociante de Tubinga, convertido do luteranismo, em Verona.

O jovem Gaspar pertenceu à Irmandade desde o tempo de seminarista, e se prontificou a ensinar a doutrina aos doentes, a dispô-los aos sacramentos e a assisti-los com dedicação.

“À cabeceira dos enfermos era um verdadeiro anjo consolador. Seu aspecto e suas palavras infundiam tanta confiança e conforto a ponto de livrá-los de toda tristeza e do próprio temor da morte” - dizem as testemunhas. Seus companheiros asseguram ainda que, quando lhe cabia por turno a assistência noturna, encontravam sempre intacta a cama posta à sua disposição para algum momento de repouso.

Ordenação sacerdotal

Em 29 de maio de 1800, já às vésperas dos Exercícios Espirituais em preparação à ordenação sacerdotal, chegou uma notícia alarmante: Napoleão, à frente de um grande exército, transposto nos Alpes o monte Grão São Bernardo, vinha avançando, com êxitos espetaculares. No dia 2 de junho já estava em Milão, onde reconstituía o governo republicano para reiniciar as suas campanhas contra os austríacos.

Em 7 de junho de 1800, os superiores do Seminário pediram ao novo Papa Pio VII, logo depois de eleito em Veneza, as dispensas de idade necessárias para que o clérigo Gaspar pudesse ser ordenado sacerdote com os seus colegas, em 7 de junho de 1800.

O bispo de Verona, que há havia experimentado a prisão e as ameaças do ditador, decidiu afastar-se de sua sede. Em consequência, as ordenações foram adiadas.

Depois da batalha de Marenzo, a trégua que se seguiu levando de novo as fronteiras ao rio Míncio, deixou Verona aos austríacos e permitiu ao bispo voltar à sua catedral e ordenar os novos sacerdotes em 20 de setembro de 1800.

Quatro dias depois, na presença de seus familiares, Pe. Gaspar celebrava a sua primeira Missa na capela nobre de São José.

O INÍCIO DE SEU MINISTÉRIO

“Sublime e tremenda dignidade!”

“*Oh excelsa, sublime, inefável dignidade do Sacerdote!*”, exclama o néo-sacerdote Gaspar, cheio de assombro ao se ver revestido de tão sobre-humana grandeza. Em sua profunda humildade, não descobrindo em si senão “*negligência e tibieza*”, professa-se continuamente “*ministro inútil*”, “*indigno sacerdote*”, “*o mais carecido de todos*”, e não esconde o pavor do pensamento de que os que estão colocados no alto “*serão julgados sem piedade*” (Sab. VI,6).

Apesar de tudo, ele vive o seu ideal à luz de dupla chama: Deus e as almas. Basta ouvi-lo ao se dirigir aos fiéis, quando está para celebrar o augusto mistério do altar: “Oh Deus, dentro em pouco, esse bom Pastor, de quem vos falei até agora, vê-lo-ei em minhas mãos. Invocai-o, então, por mim, e eu pedirei a Ele por vós. Já sinto, neste momento, dilatar-me sobremaneira o coração, pelo desejo de vossa salvação. Que mais vos direi? Amai a Deus, irmãos, amai a Deus. E a paz, que excede todo sentido, guarde vossos corações e vossas mentes em Cristo Jesus”.

Seu tímido amor assume, por vezes, o ímpeto de uma onda irresistível.

“Festa do Sagrado Coração: à Missa, na Consagração, Comunhão e por toda a Ação de Graças, muitas lágrimas de compunção e afeto. Em particular, na Comunhão senti, por um momento, o espírito como desprendido de toda criatura, em obséquio ao seu Criador.” (2 de julho de 1808)

“Sentimento vivo muito reverencial e amoroso da presença do Pai ao *Te Igitur* na Missa; viva confiança e amor para com o Filho. Ainda sentimento da indignidade sacerdotal na Consagração, fazendo as vezes da pessoa de Cristo perante Seu Pai. Maior ternura e profunda humildade ao estreitar Cristo nas mãos logo após a Consagração. Eis a suma Bondade unida à suma perfídia, o mais puro ao mais imundo, o mais santo ao maior pecador. Esses sentimentos duraram até após a Santa Comunhão. Depois, até a tarde, a compunção.” (11 de dezembro de 1800)

Com esses tópicos, bem se pode compreender por que os fiéis, participando da Missa presidida por Pe. Gaspar, se sentiam tomados de sensibilidade e compunção, a ponto de não conseguirem conter as lágrimas.

Centro de Cultura Eclesiástica

Quando Gaspar se ordenou sacerdote, ficou adido à Igreja de São Paulo, onde outros treze sacerdotes cuidavam das quatro mil almas da paróquia. Teve, por isso, bastante comodidade para se dedicar aos seus estudos prediletos, frequentando bibliotecas públicas e particulares. Cônscio da necessidade de uma formação científica para o sacerdote, instituiu um centro de cultura para néo-sacerdotes, com sede em sua própria casa. Essas reuniões, além de servirem para um aprofundamento na teologia, foram para Pe. Gaspar um meio de atar laços de amizade com alguns dos mais zelosos, que formaram uma “pequena companhia”, tendente a atingir o ideal próprio das ordens religiosas.

Persuadido de que “nos empreendimentos espirituais há grande vantagem em se juntarem duas pessoas unidas pelos mesmos sentimentos”, favoreceu sem tréguas “a união dos verdadeiros sacerdotes, para procurarem, de comum acordo, a glória de Deus”. Teve sempre a íntima convicção de que a *unidade* é farte de consequências, não só no presente como também no futuro.

A convivência com Jesus

Um dia, foi levado a declarar confidencialmente que, desde tempo imemorável, se lhe havia gravado na mente, para nunca mais se apagar, o pensamento da habitação de Deus na alma em graça: “O Espírito de Deus tornando uma alma participante do seu amor, santifica-a, e então dela, como suave esposa, se aproxima, nela habita, opera e se delicia.” “*Que felicidade possuirmos Deus dentro de nós!*”

A habitação divina em nós não é só a nossa felicidade, mas também a de Deus. “Deus encontra as suas delícias em conviver com os homens no mais íntimo de seus corações, e aí falar documente com seus servos”.

É o próprio Jesus que dirige insistentes apelos, mormente ao sacerdote, para que entre em si, no mais profundo de sua alma, onde poderá se entreter à vontade com o Hóspede Divino, que ali está para atendê-lo continuamente.

Neste sentido, Gaspar fala de uma ininterrupta oração, e de um contínuo consultar a Deus. Dizia: - “A oração é como a vida de nossa vida, a alma de nossa alma. É como a respiração. Como a cada momento desfrutamos da bondade de Deus, assim conviria que, a cada momento, elevássemos o nosso coração ao céu. E, muito particularmente, convém aos sacerdotes, em qualquer empreendimento; pois, sendo de Deus os afazeres que eles empreendem, é preciso executá-los segundo as diretrizes

divinas, como faz o general com seu chefe: diretrizes estas que se obtém com a oração frequente, que é como uma consulta a Deus”.

Testemunhas oculares asseveram que Gaspar avançou tanto na familiaridade com Deus que se lhe viam cintilar os olhos de tanto júbilo, porque em tudo o que existia em si, e fora de si, não via senão Deus, e nada lhe faltava senão Deus.

Espetáculo excepcional

Não é de se estranhar que uma alma tão concentrada nas coisas do céu não desse atenção às da terra.

Em 22 de janeiro de 1804, um certo Filipe Silvestrini, ousadia para aqueles tempos, tentou um cometimento aerostático, mesmo junto à casa de Pe. Gaspar. Toda a cidade se reuniu para presenciar a aventura espacial. Às 14 horas, o balão se desprendeu do chão, levando consigo a nave e o manobrista.

Cinquenta, cem, duzentos metros de altura. A multidão, sem se mover, retendo a respiração, prega os olhos no alto para não perder de vista o balão, já pequeno, como um ponto no céu.

Eis senão quando, em lenta e soberba descida, se avoluma, arrancando daquela gente irreprimíveis aplausos. Durou seis minutos aquele vôo. Mas, de repente, uma rajada de vento envolve o balão: sobre outra vez, atira-o contra a torre da Igreja. Dobrassse. Continua subindo. Incendeia-se e... precipita-se no solo.

Desta feita não se achava na nave o aeronauta, pois teve apenas tempo de deixá-la antes de perder o domínio do balão.

Foi, de fato, coisa admirável... a graça que Pe. Gaspar lhe estava pedindo, de joelhos, no ângulo da casa, por mortificação, privando-se daquele espetáculo.

Sacerdote Mariano

Gaspar, como sacerdote, não desmentiu a atitude confiante que, jovem congregado, nutria para com Nossa Senhora. Seu “*bom dia*” cotidiano à Mãe de Céu desabrochava de seu coração transbordante de amor. Como filho dedicado, pedia-lhe a primeira bênção, e lhe oferecia, em união aos méritos de Cristo, tudo o que iria fazer ou sofrer durante o dia. Estabeleceu morada sob seu manto, solicitando-lhe, pela sua Imaculada Conceição e Virgindade, a lhe alcançar a pureza de mente e de corpo.

Estava convencido de que Cristo não seria formado dentro de nós a não ser que fosse de novo gerado pela Virgem: “*Maria tornou o nosso coração templo de seu Filho*”.

Procurava que esta doutrina fosse assimilada pelas almas, certo de que a mais afastada de Deus se entregaria vencida ao amor de Nossa Senhora: “*Maria vos chama. Ela - sim, Ela - quer abrir o vosso coração para seu Filho. Se resististes, até o momento, às minhas palavras, não resistireis já, às suas amorosas mãos*”.

“Serás missionário dos meninos!”

Certa manhã de junho de 1802, Gaspar rezava no coro da Igreja de São Paulo, à disposição de qualquer chamado dos fiéis.

Estava revestido de sobrepeliz, e a estola lhe pendia do braço. O aspecto particular de tal atitude não escapou à atenção do pároco, que viu o jovem sacerdote como à disposição de um mandato.

- Ó, meu Padre Gaspar - disse-lhe - você está com jeito de missionário.

- Por que não? - respondeu Padre Gaspar.

- Mas, entenda bem: missionário dos meninos.

- Serei Missionário dos meninos; basta que o senhor o queira.

- Está bem - conclui o pároco - vou lhe entregar alguns rapazinhos. Depois que fizerem a primeira comunhão, cuidará deles como seus.

Padre Gaspar tinha, ainda impresso, com cores vivas, o espetáculo de turmas de meninada pelas ruas, ao ruflar dos tambores, gritando: “*Vivas à liberdade, à igualdade e à fraternidade, com as desordens encenadas ao redor da ‘Árvore da Liberdade’*”.

“Pobre inocência!”- havia sido sua aflita exclamação. E, agora, o céu se incumbia de remediar aquele mal.

Marcou a primeira reunião para o domingo, 20 de junho, em uma sala do pavimento térreo da casa paroquial. Sete ou oito meninos, de doze a treze anos, tiveram a ventura de experimentar quanto fosse agradável a companhia daquele “padrezinho”, por todos tido como “SANTO”.

Incumbiram-se eles mesmos da propaganda junto a seus companheiros. Tornavam-se conhecidas aquelas reuniões. O número de participantes crescia a olhos vistos. Por razões de reforma, tiveram que abandonar a primitiva sede, para se acomodarem em um ‘puxado’, ao lado da casa paroquial.



“Serás missionário dos meninos.”

Oratório recreativo de São Paulo

Pe. Gaspar logo viu em suas mãos quase todos os jovens da Paróquia, uns quatrocentos.

Ofereceram seus préstimos também outros padres, para a grande obra.

Deste local de reuniões, passaram para a Igreja das Terceiras Mínimas, e depois, ainda, para a de São Tiago, que, com umas salas contíguas, oferecia um jeito de organizar os agregados em várias seções.

A santificação dos domingos e dias santos, no âmbito do Oratório, começava com uma leitura espiritual, e continuava com a recitação da “Coroinha do Sagrado Coração”. Não faltavam, em seguida, as palavras de Pe. Gaspar e de seus colaboradores, nas diversas classes. Entoavam as Ladinhas de Nossa Senhora, e mais algum canto, para depois se dirigirem, em ordem e modéstia, à igreja matriz, para a Santa Missa.

À tarde, os mais dedicados faziam, com Pe. Gaspar, o pio exercício da Via Sacra, e depois se reuniam nas salas para a Doutrina Cristã. A seguir, todo o Oratório, aos pés do púlpito, ouvia o sermão moral. E, finalmente, toda aquela meninada rumava para Campo Fiore, onde, entre a alegria, a “algazarra”, o movimento dos jogos, e passatempo, se realizava o Recreatório Mariano. Ao apito se dispunham à volta, a passo militar, e cantando com ritmo de marcha. Entravam na Igreja para a visita ao Santíssimo. Com a alma em perene festa, voltavam, então, às próprias casas.



Pe. Gaspar com os meninos, no Oratório Recreativo.

A Coôrte Mariana

Pe. Gaspar, seguindo o espírito do tempo, que havia ativado na alma dos jovens um frêmito de paixão militar, imprimia a seu oratório a forma de “Coôrte Mariana”.

A Coôrte era constituída por quatro Centúrias: Seniores, Juniores, alunos e Meninos. Sua organização antecipava exatamente aquela da atual Ação Católica.

O completo aparato deste exército de Nossa Senhora se evidenciava especialmente quando da fundação de um novo Oratório na diocese.

- Quem vai lá? - exclamava a turma da frente, já ao alcance da primeira etapa.
- A Companhia Mariana! - respondia a segunda turma.
- Seja bem-vinda!

Depois da troca de cumprimentos, os primeiros retomavam o rumo, enquanto a segunda turma esperava a seguinte, para lhe dar as boas-vindas, com o mesmo cerimonial.

Já próximos da meta, reuniam-se as turmas, e, ao canto dos hinos da Coûrte Mariana, davam entrada na cidade.

O Presidente da Hospitalidade punha-se a arrumar o necessário para as refeições e o pernoite. Tudo conforme o estilo militar, em um ambiente - como se diria hoje - de escoteiros, sem nenhuma preocupação com comodidades.

Três estacas fincadas sustentavam grande panela, para fazer a enorme polenta, que, com um pouco de feijão, era o prato do dia. A oração não faltava, feita de joelhos.

Dormiam alegres, na palha. Pe. Gaspar, no entanto, passava a noite em oração.

De manhã, uma procissão, com o povo do lugar, percorria as principais ruas em direção à Igreja, onde os oratorianos de Pe. Gaspar impressionavam por sua eloquente piedade, permanecendo de joelhos no corredor do centro. Às orações, como de costume, intercalavam-se os cânticos. Todos comungavam.

O ponto mais alto de todo aquele desenrolar inédito era o momento em que o mesmo fundador dos Oratórios Veroneses, Pe. Gaspar, apresentava-se no púlpito. Depois de destacar as vantagens que adivinham à juventude do lugar pela organização de novo Oratório, dirigia-se aos novos inscritos, animando-os à perseverança e à frequência aos Santos Sacramentos.

A cerimônia tinha a duração de três horas. Todavia, a passagem da Coûrte de São Paulo imprimia lembrança imortal na alma de toda a gente.

“Pobre inocênci”

Não traria vantagem nenhuma à Coûrte Mariana a sua perfeita organização se Pe. Gaspar não lhe houvesse infundido a alma. Por quanto incentivasse os seus jovens ao espírito de conquista apostólica, era contrário ao recrutamento em massa.

Recomendava, com insistência: “que não dessem importância ao número, mas sim à qualidade dos jovens”.

Conhecia bem o mal incalculável que elementos contagiosos poderiam ocasionar às almas ainda incautas¹.

“Em nossos dias, é coisa impossível” - escrevia Pe. Gaspar - “que os rapazinhos não aprendam precocemente a malícia. Os colóquios da serpente expulsaram do Paraíso a inocência. E quanto mais não a expulsam hoje do mundo! Naquele Paraíso feliz, havia uma só serpente, que falava; aqui, infinito é o seu número. Arrastam-se pela poeira de todo caminho. Ouve-se o seu insidioso assobio em todo balcão. Vivem nos bares; brincam nas escolas; passam pelas casas.”

Quantas inocências estariam a salvo, caso não houvesse aparecido o companheiro a inocular o veneno com tal e tal conversa, com a malévolas insinuação, ou com o mau exemplo.

“Pobre inocência!” - angustiado, repetia Pe. Gaspar. “O que mias poderei fazer para salvá-la, tão delicada como é!?”

Foi, deveras, dura a regra que estabeleceu para impedir “as conversas venenosas”.

“Sejam banidos nos jogos e divertimentos os assuntos confidenciais e secretos dos jovens. O ‘fala para que te veja’ servirá sobremaneira ao Diretor para conhecer, principalmente durante o jogo, a boa ou má índole de seus meninos.”

Sua incansável vigilância era dos moldes do assim denominado ‘método preventivo’. Havia determinado: “Não restrinja o Diretor a vigilância sobre os seus jovens só ao Oratório, mas a estenda às escolas e às oficinas. O importante é saber com quem privam; porquanto, seria grande o prejuízo que um só boca-suja, ou de maus costumes, poderia causar a muitos de seus companheiros”.

A casa de Pe. Gaspar, com a anuência da mamãe Brunora, achava-se sempre aberta a todos os jovens que, especialmente à noitinha, a procuravam para divertimentos e passatempos honestos, com, aqui e acolá, práticas e leituras espirituais, como também para assistência escolar e orientação profissional.

¹ Desprevenidas e ingênuas.

Pe. Gaspar era dotado de uma arte especial para atrair reter atenções. E o fazia, seja com ditos graciosos, ou com a execução magistral de um instrumento de música, dominando em tudo a amabilidade de seu caráter, que era doçura e paciência. Afirmava-se que “os jovens, a uma palavra de Pe. Gaspar, se teriam atirado até nas chamas”.

De outra forma não se compreenderia como teriam chegado a se proibir de participar de “um passeio ou reunião, onde não já um perigo remoto, mas uma simples distração, poderia prejudicar ou retardar o progresso espiritual deles”, como nos asseguram testemunhas diretas.

“Houve quem, precisando por necessidade estar em um dia de carnaval no passeio público da Praça Bra - depois, em pleno Oratório, na presença de todos os colegas, tenha se acusado espontaneamente a Pe. Gaspar, pedido perdão e penitência pela falta.”

Abnegação e sacrifício eram base no método educativo de Pe. Gaspar, que apresentava afotamente a santidade como ideal ao alcance dos seus rapazes, e não só dos eclesiásticos.

Mestre da vida interior

Pe. Gaspar deixou escrito: - “Como o mau cheiro que se exala das águas corrompidas dos paús² afugenta as laboriosas abelhas, de forma idêntica o mau cheiro da língua desprovida de pudor afasta para bem longe o Espírito de Deus e seus dons”.

Em uma alma em que reina a pureza, em estado de graça, ocorre justamente o contrário: Deus se aproxima e a faz a sua morada, o seu templo, o seu paraíso.

À luz desta sublime realidade, Pe. Gaspar ousa pedir a seus jovens qualquer sacrifício. Mesmo o de renunciarem aos divertimentos e espetáculos do Carnaval veronês para fazerem os Exercícios Espirituais, e no final formulares as seguintes decisões:

1 - Antes a morte do que pecar gravemente;

² Paú é um adubo natural que provém de algumas árvores, como a samaúma, urucuri e seringueira. Na mata, quando se encontra um tronco de árvore que morreu, caiu no chão e apodreceu, normalmente ela já se desmanchou e está fácil de colher o paú. O texto aqui se refere ao mau cheiro exalado pelo material em decomposição.

2 - União com a vontade de Cristo, e propósito de evitar mesmo o pecado venial deliberado;

3 - Perfeita adesão a Nossa Senhor, procurando não só por sua glória, mas por sua maior glória, e pelo que é mais perfeito.

É evidente que Pe. Gaspar não encara a graça somente como um precioso tesouro a ser guardado. Descobre nela um aspecto vivo e dinâmico do germe, que se deve desenvolver. Ou melhor, a graça é, para ele, Jesus presente na alma, para realizar um ensinamento e para completar uma sua obra: o ensinamento e a obra da salvação.

“Temos o Mestre em casa”, repetia referindo-se a Jesus, que é hóspede interior da alma. Um Mestre *“que não só ensina, mas obriga a fazer”*.

Um pouco mais de docilidade às suas inspirações, e o alto grau de perfeição será alcançado por todos os seus meninos.

Fragrância de um lírio

Pe. Gaspar, assistindo no seu oratório o desabrochar de verdadeiras almas eleitas como lírios em um jardim, com humildade exclama: “É doloroso notar tanta santidade nos seculares, e tantas imperfeições e vícios no sacerdote”.

João Batista Ruffoni foi quem mais se distinguiu entre seus jovens. Seu temperamento, antes vivo e irascível, não o impediu de conseguir refrear os seus nervos, a ponto de ser considerado manso por natureza.

Nomeado Assistente dos rapazes, assinava-se: *“Servo dos servos da Congregação Mariana de São Paulo”*, e não colocava em evidência senão as qualidades dos outros.

Pelos seus irrepreensíveis costumes, foi considerado como espelho de pureza. Soube vencer os sarcasmos e caçoadas de quem não compartilhava de seus pontos de vista, simplesmente calando e perseverando no bom caminho. Tornou-se, enfim, alvo de admiração e de afeição, até de seus difamadores.

Quis Nossa Senhor prová-lo e sublimá-lo no cadinho da dor. Sem queixas, venceu o dilacerante tormento de uma gangrena, que lhe não permitia um movimento sequer. Apoiado na esperança cristã, e gozando da tranquilidade de consciência, falava da morte, que se avizinhava, como antegozando a eterna glória. Rezava não para que

cessassem as suas dores, mas para não lhe faltar a paciência, mesmo para suportar penas mais atrozes e prolongadas, se fosse de agrado à Divina Providência.

Sua alma se evolou para junto de seu Deus, confortado com a presença de Pe. Gaspar, no dia 9 de março de 1813, aos 35 anos de idade.

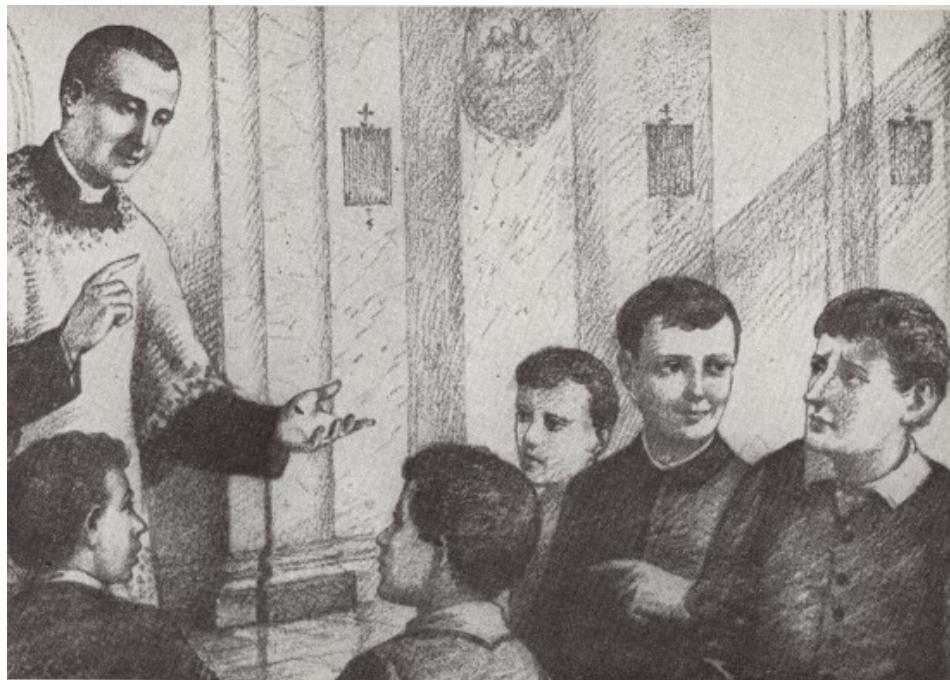
Uma conquista

Certo jovem, que se vangloriava por não ter se deixado engodar pelos padres, pôs-se um dia a vomitar toda espécie de insultos contra Pe. Gaspar.

"- Você roga pragas contra quem não conhece" - disse-lhe um oratoriano. E adicionou: "- Que é que você perderia se fosse ver comigo uma só vez quem é Pe. Gaspar, e o que faz no Oratório?"

- Nada perderia, respondeu o jovem. Continuaria a ser o que sou.

O bom jovem não se deu por vencido. Tanto insistiu, tanto fez, que o outro anuiu a seu pedido, com a condição, todavia, de que não conversaria de forma nenhuma com o tal sacerdote.



O menino transviado converteu-se ouvindo Pe. Gaspar.

Foi, observou, ouviu. Pe. Gaspar falava a seus jovens. Não só experimentou vontade irresistível de se aproximar, mas quis depositar a seus pés a carga de suas mazelas, que lhe oprimiam a alma. Sua conversão não deixou dúvidas. O Oratório jamais havia visto um frequentador tão assíduo, não obstante os sacrifícios a que se deveria submeter pela sua profissão de padeiro. Feliz dele. A morte o deveria colher, em breve tempo, na mais edificante disposição.

A brincadeira do grande jantar

Se, de fato, Pe. Gaspar almejava formar os seus jovens conforme as exigências de uma santidade autêntica, entendia, porém, que deveria fazê-lo dentro dos moldes da mais espontânea alegria.

Memorável foi a brincadeira de um falado jantar.

A preparação psicológica havia sido intensa, desde há vários dias. Os jovens, ansiosa e alegremente, esperavam pela célebre noite, em um jantar com polenta quentinha e costelas de porco ao molho. Não faltou um sequer. A expectativa havia sido provocada por grandes preparativos, pela precipitação de três encarregados, que apresentavam preocupação com a arrumação de tudo.

Na hora certa, Pe. Gaspar puxou o terço, fez o seu costumeiro sermão, e, afinal... chegou o momento de cada um se acomodar ao longo da mesa.

Primeiro, foi calorosamente aclamada uma grande polenta, toda fumegante. Não menos entusiasmada foi a acolhida e a saudação a dois enormes tachos, que, bem de propósito, haviam sido cobertos, para que o seu conteúdo não aparecesse. Descobriram, com muita decepção, que, ao invés de costelas de porco ao molho, havia brancas fatias de nabo.

Não se lembra o Oratório de cena mais divertida e falada do que a dos nabos e polenta, temperados com a alegria daqueles jovens.

A voz de Nosso Senhor

Certa vez Pe. Gaspar, fazendo a Via Sacra, mesmo junto à primeira estação, meditava a iníqua sentença de Pilatos. Ouviu uma voz distinta, que lhe sussurrava: “*Se me entrego, inocente, à condenação, por que tu, cheio de mil culpas, queres, com tanta solicitude, em tudo ser justificado perante os homens?*”

Contrariamente àquilo que se poderia supor por estas palavras, Pe. Gaspar estava atravessando um período pontilhado de favores místicos especiais. Dias atrás, havia resistido a um êxtase que o estava para apanhar de surpresa, em público, durante a Missa. O pensamento dos próprios pecados serviu-lhe, então, para refrear aqueles ímpetos, mas as lágrimas não as pode reprimir, e foram abundantes, até a sua volta à sacristia. Na manhã seguinte, voltaram, e por vários dias ele provou o “grande sentimento da presença de Deus”, “muito recolhimento e reverência”, até o momento em que a queixa de Nosso Senhor, condenado à morte, se fez ouvir. No dia imediato, mais favores místicos. “Na Missa, iluminações rápidas, mas vivas. Profundo sentimento da divina presença, confiança, amor, *desejo de me transformar n’Ele, e que Jesus viva em mim, e não mais eu.* Depois da Missa, esta graça de união não continuou, mas *pelo caminho, quando saí para negócios de família, voltou como na Igreja*”.

Pela rua, portanto, é surpreendido por improvisas graças de união, que o fizeram saborear os doces momentos de abandono que havia experimentado na Igreja. Mas, pela rua, encontra também o implacável adversário de seus Oratórios, que lhe vomitou as piores injúrias.

Foi o que se deu, certa feita, enquanto caminhava nas proximidades da Igreja de São Firmino.

Pe. Gaspar empalideceu; todavia, ao despertar de uma instintiva reação, percebeu na alma como o eco da voz já ouvida: “Se me entrego, inocente, à condenação, por que tu, cheio de mil culpas, queres, com tanta solicitude, em tudo ser justificado perante os homens?” E, enquanto a meiga figura do Redentor se iluminava como por luz fulgurante, tudo ao redor se desfazia no esquecimento.

Alguém acudiu logo, mas só em tempo para prestar os primeiros cuidados a Pe. Gaspar, que havia caído sem sentidos.

“Desejo de me transformar n’Ele, e que Jesus via em mim, e não mais eu”, até ao ponto de cair desvanecido por terra, pelo esforço de reprimir a natureza, para Jesus manso e paciente reviver nele.

De outra feita, passando por uma rua onde jogavam “boche”, foi atingido em cheio em uma perna. O paciente sacerdote não teve nenhuma expressão de queixa ou de protesto, mas continuou o seu caminho arrastando-se, com muita dor. Só em casa foi obrigado a contar o sucedido, depois de lhe perguntarem por que mancava.

Com a Beata Marquesa de Canossa

No dia 8 de maio de 1808, quando a Beata Madalena de Canossa se recolheu ao antigo convento de São José, a fim de fundar as Filhas da Caridade, vivia com ela a nobre Sra. Leopoldina Naudet, que, por sua vez, também estava para fundar as Irmãs da Sagrada Família.

Pe. Gaspar foi designado como o primeiro confessor daquela comunidade. Para o desabrochar das boas virtudes que se manifestou naquele ambiente sagrado, Pe. Gaspar contribuiu não somente com o benefício de sua orientação, mas, ademais, com o encantamento de seus exemplos. Os testemunhos das Irmãs a respeito do espírito de penitência e oração de Pe. Gaspar eram uníssonos. Seu empenho em cuidar dos doentes se alongava por noites a fio, em um alternar de assistência e de adoração noturna diante do santo tabernáculo.

“Fiquem tranquilas, a irmã vai sarar!”

“No fundo do próprio eu, encontra-se Deus. Percebendo coisas muito elevadas de Deus, profundo conhecimento de mim mesmo.” Ilustração registrada no Convento de São José, no dia 24 de agosto de 1808.

À medida em que Pe. Gaspar se aprofundava na intimidade com Deus, aumentavam-lhe a confiança e a entrega em suas mãos.

Certo dia, depois de ter visitado e confortado uma irmã gravemente enferma, ao descer as escadas pousou o seu olhar em uma imagem de Nossa Senhora. Dirigindo-se, então, às irmãs que serena e firmemente o acompanhavam, disse: “*Fiquem tranquilas que a irmã vai ficar boa, e curada!*”.

A doente recuperou a sua saúde de maneira totalmente inesperada.

São José acode

Dizem as testemunhas: “Pe. Gaspar era muito devoto de São José; foi o primeiro a propagar em Verona a devoção a São José, ao mês de março”.

Lê-se no Processo Apostólico: “Certa pessoa se encontrava em extrema necessidade de auxílio celeste. O Rev. Pe. Gaspar Bertoni colocou-lhe nas mãos o livro do mês de março, dedicado, de modo especial, ao glorioso Patriarca São José, exortando-a com vivas e afetuosas palavras, a dar-se logo à prática de tal devoção, e a

aguardar o melhor dos resultados. A pessoa logo condescendeu, e começou bem depressa a perceber a verdade do que o padre a fez esperar”.

“Diga que me espere”

Uma senhora de sobrenome Zamboni, de quando em vez, ia visitar a mãe de Pe. Gaspar, a Sra. Brunora Ravelli. Aconteceu que, de quando em vez, mesmo antes de aquela senhora anunciar a sua chegada, Pe. Gaspar dizia à sua mãe: “*Diga à Sra. Zamboni, quando chegar, que me espere, pois lhe devo falar*”. A senhora, mais tarde, referia que isso acontecia justamente quando estava sentindo necessidade de conselho e conforto, nas aperturas de sua alma.

No Purgatório, pelo espaço de 3 Missas

O caso é de um jovem eclesiástico. Este fato nos vem ao conhecimento pelo próprio Pe. Gaspar, pelo seu diário espiritual, no dia 21 de outubro de 1808. “Dignou-se Deus revelar a certa pessoa que a alma de um tal padre, aliás muito bom, e em conceito de santidade, falecido há poucos anos, ficou no Purgatório pelo espaço de só três Missas, e isso porque:

1 - Ele havia feito algumas penitências sem a permissão de seu confessor;

2 - Não havia feito caso das Indulgências, tendo dito em vida: “Por que esta facilidade de indulgências!”

A pessoa a quem foi feita a manifestação, talvez tenha sido o mesmo Pe. Gaspar que escreve em forma impessoal, por humildade.

“Sairá do Purgatório depois de tantos e tantos dias”

Aconteceu que a mãe da Sra. Zamboni, à qual nos referimos acima, veio a falecer, sem ter a felicidade de receber os sacramentos. Indizível a aflição de que foi tomada a querida filha. Garantiu-lhe Pe. Gaspar que sua mãe estava salva; todavia, no Purgatório, e que de lá deveria sair daí a tantos dias.

A Sra. Zamboni não deu importância à afirmação do padre. Certo dia, estando na Igreja, de repente se sentiu aliviada de angústia, e inundou-a inexplicável contentamento. Assim, de súbito, não se deu conta a que atribuir aquele fenômeno, mas, apenas lembrada das palavras de Pe. Gaspar, calculou o tempo que faltaria para a libertação da mãe do Purgatório, e com surpresa descobriu que aquele era o dia predito.

Uma visita inesperada

No domingo, 8 de novembro de 1808, Pe. Gaspar estava explicando o catecismo aos adultos, na Igreja de São Paulo, quando, de súbito, entrou o Senhor Bispo. Pe. Gaspar ficou desorientado. Ao sinal de Dom Liruti para que ele continuasse, tentou uma recapitulação, no entanto sem saber propriamente o que estivesse falando.

Conta-nos Pe. Gaspar: “naquele ínterim, pensava comigo mesmo como teria estado o meu espírito diante do tribunal divino, prestes a dar contas de meu ministério sacerdotal. Mesmo se houvesse vivido em grande inocência, e cumprido o meu dever, oh, que humilhação e medo naquele terrível momento! É preciso preparar-se para chegar com confiança à presença de Cristo, não já pai, mas juiz”.

Semelhantes reflexões nos levam a crer que a desorientação de Pe. Gaspar foi um tanto relativa. De mais a mais, o Senhor Bispo, daí a alguns dias, o quis como catequista dos clérigos do Seminário.

A morte de sua mãe

Brunora, sua querida mãe, faleceu no dia 6 de fevereiro de 1810. Quando os incômodos da idade e das doenças começaram a lhe tornar o passo pesado, Pe. Gaspar, amparando-a pelo braço, a acompanhava até a Igreja, onde a santa senhora a ninguém, a não ser o seu filho, confiava os segredos da própria consciência.

Durante a última doença, Pe. Gaspar foi-lhe o anjo do conforto. Seu amigo, Pe. Marchi, assim escreve: “Juntos, assistimos a morte de sua mãe. Depois, ao deixar a casa paterna, fez como São Francisco de Assis, dizendo: “*Pai Nossa, que estais nos céus*”.

De fato. Pe. Gaspar havia decidido deixar a casa, ninho das mais agradáveis lembranças, por quanto seu pai, depois de anos e anos de ausência, lá entrava, com uma empregada, a cujo respeito o mundo teceria conjecturas em nada edificantes e benévolas.

Acertadamente determinou, como sacerdote, transferir-se para a hospitaleira residência (hoje, Palácio Rizzardi) da tia materna, dona Rosa Scudellini, na paróquia de São Firmo Maior.

As supressões de Napoleão

Os Oratórios Marianos foram proibidos pelo decreto imperial do dia 26 de março de 1807. Pe. Gaspar, não obstante, evitando comparecimentos em público, procurou acompanhar, aos poucos, seus jovens, como é natural, contanto com as desagradáveis importunações da polícia.

Napoleão chegou ao auge de suas loucas violências levando prisioneiro, em 1809, o Papa Pio VII, e decretando, em 1810, a supressão de todas as Ordens e Congregações Religiosas. O que se verificou naquela ocasião foi algo de sumamente angustiante. Os delegados do Poder Imperial precipitaram-se sobre os conventos, sequestrando tudo e imprimindo o sinete nos arquivos, nas bibliotecas, nos cofres e nos aposentos; ameaçando e intimidando gente idosa e doente, irmãs, que em uma grande consternação se debulhavam em lágrimas e se prostravam em oração. No prazo de vinte dias os religiosos, e no de dois meses as irmãs, todos deveriam abandonar os seus respectivos conventos, proibidos de usar a batina em público.

Pe. Gaspar, ao mesmo tempo que procurava, de todos os modos, aliviar a aflição dos perseguidos (parece incrível...), sempre mais se dispunha à fundação de uma nova família religiosa.

Fidelidade ao Papa

Na manhã do dia 6 de julho de 1809, o general Radet, depois de ter feito montar guarda aos sinos e ruas de Toma, e feito escalar nos quatro lados os muros do Quirinal, raptava à força o venerando Pontífice Pio VII, sem mesmo saber para onde o deveria transferir. Depois de tê-lo levado a esmo de um lugar para outro, deteve-o em Savona.

Napoleão recorria inutilmente à arte vulgar de ocultar em profundo silêncio o sucedido, proibindo aos jornais de darem a menor notícia. Um escrito manual de Pe. Gaspar faz-nos saber que as mais detalhadas notícias referentes à captura do Papa circulavam secretamente entre os fiéis. Dos tronos católicos, nenhuma voz se levantava em favor do Pontífice. Os próprios cardeais e bispos admitidos à presença dele eram simples porta-vozes de Napoleão. Somente Pe. Gaspar proclamava abertamente do púlpito que “*por meio da indefectível firmeza da Primeira Pedra da Igreja manifesta-se o convite ou vocação geral do Espírito Criador para a renovação de todas as coisas*”.

“Ah, Senhor!” - rezava ele naquelas tristes circunstâncias - “ajudai-nos com a luz de vosso Espírito, para que, no meio das trevas deste exílio, possamos *por os olhos na retidão daquela Primeira Pedra* que pusestes como fundamento, para que todas as outras pedras que ali se assentam possam se nivelar sobre ela. Nós vos agradecemos por haverdes colocado esta Primeira Norma indefectível de vossa Igreja, a fim de que saibamos, nas incertezas de nossos pensamentos, acertar a verdade; e onde ainda faltam, ou se tornam defeituosas, as outras normas, ou, onde as outras pedras fundamentais se desviam da retidão, possamos banir o erro, o defeito, a falta de razão, para não sermos também envolvidos”.

Vida exemplar de um soldado

Certa feita, durante as campanhas napoleônicas, Pe. Gaspar foi a uma casa que hospedava soldados doentes.

- Foi o senhor que me chamou para a confissão? - perguntou ao soldado que se achava junto à estufa.

- Não, senhor padre. Talvez tenha sido o meu companheiro, que teve que sair. Aliás, também gostaria de me confessar, pois amanhã, mesmo com febre, deverei ir combater.

- De bom grado vou atendê-lo. Prepare-se um pouquinho.

Passados uns minutos, fez menção de já estar pronto.

- Assente-se. - foi o convite de Pe. Gaspar, aovê-lo todo tremendo de febre.

- Não, senhor padre, isso não! O respeito ao sacramento não me o permite.

De joelhos no chão, declarando-se grande pecador, iniciou a acusação de tudo o que havia cometido há dois ou três meses.

- Tenho profundo remorso - acrescentou - de ter roubado umas batatas, certa vez que estava com muita fome. Havia três dias que não comia.

- Fique tranquilo, meu amigo, pois em extrema necessidade todas as coisas se tornam comuns. Não cometeu pecado nenhum. Não se lembra de mais nada?

- Não, senhor padre.

Depois de umas perguntas formais, Pe. Gaspar lhe sugeriu a acusação de algumas faltas passadas. A confissão se reduziu à manifestação de simples imperfeições, como seja a de não ter tido o devido fervor.

Pe. Gaspar, então, a fim de certificar-se de ter matéria suficiente para a absolvição, propôs-lhe fazer a confissão geral, dispondo-se a ajudá-lo. Ficou fora de si o penitente.

Todavia, qual não foi a surpresa do confessor ao perceber que tinha a seus pés uma alma extraordinária. Nem resquício de pecado mortal em sua vida, mas sim virtude comparada à de São Luís Gonzaga: ilibada pureza, irrepreensível justiça, heróica fidelidade. Enquanto o penitente se declarava pecador, Pe. Gaspar, surpreendido, percebia estar junto a um santo.

O recrutamento militar o havia arrancado à família, ainda jovem, logo após a primeira comunhão. Em meio à depravação da soldadesca, passou incólume com o simples esteio do catecismo. Havia-o aprendido ainda pequeno, e o trazia consigo na mochila de soldado. Nos tempos livres, o relia. Ocupado, o meditava. Em todas as emergências, dirigia-se conforme o mesmo catecismo. Nas dúvidas, entregava-se nas mãos de Deus. E agia, na hora prática, como julgava conveniente.

A doutrina do catecismo constituiu-se norma de seus pensamentos, palavras e ações, e o meio com que atingiu o alto grau de união com Deus e de santidade.

Pe. Gaspar, profundamente comovido, ao sair daquela casa, dizia com seus botões: “Feliz dele! Será motivo de humilhação para muitos no dia do Juízo.”

Orientador espiritual do clero

Em 1810, foi entregue a Pe. Gaspar a direção espiritual dos clérigos do Seminário, com a incumbência de pregar os Exercícios Espirituais aos Sacerdotes da Diocese.

Pe. Gaspar, desde logo, usou com eles palavras bem francas. Em particular, ocuparam suas atenções os sacerdotes que rezavam pouco, que não meditavam, e que, até, “zombavam e chamavam de espirituais os que se davam a esses santos exercícios”.

“Cristo na Eucaristia - dizia - deixou a Si mesmo para nós, para que os homens o tenham sempre presente, para que vivam com Ele, para que dialoguem com Ele, e lhe manifestem todas as suas necessidades.” Infelizmente, “certos sacerdotes nunca ficam

de boa vontade junto a Cristo. Deixam às devotas os colóquios com Cristo. Nunca o consultam com a oração, nem o procuram como auxílio e proteção”.

Esta franqueza acabou por agradar e lhes fazer bem.

Aos clérigos se dirigiu em termos mais reservados, todavia não menos positivos. Ele descobre em um jovem os primeiros indícios de vocação “se se desvela em conservar a inocência, ou se purifica das culpas passadas; se se preocupa com a aquisição das virtudes, progredindo nelas; se trilha decidido o hábito da oração”.

Para ele, eram sinais inequívocos de chamado sobrenatural: “Conhecer e amar a Deus, e as coisas que se referem a Deus. Avaliar e desprezar as vaidades do mundo, de seus adeptos, e de tudo o que lhe pertence. Desejar louvar a Deus, servi-Lo e vê-Lo glorificado”.

Noites em Oração

O santo ardor que imprimia às suas meditações aos clérigos, ia buscá-lo nas noites em claro que passava aos pés do Sacrário.

Certo dia, quis que o acompanhasssem Padre Miquelângelo Gramego e o clérigo Luís Bragato. Chegados ao Seminário, mandou-os deitar, e, junto à cabeceira de suas camas, teceu um comentário cheio de sabedoria celeste sobre suas palavras - *“In pace id ipsum dormiam et requiescam”*, encarecendo os admiráveis efeitos do santo abandono, que vem a ser como que doce repouso nos braços do Pai Celeste.

“Feito isso - relata-nos Pe. Bragato - tomou a lamparina e se dirigiu ao coro da capela, onde permaneceu meditando diante do Santíssimo o assunto que deveria expor na manhã seguinte aos Clérigos. Tendo ele deixado o quarto por cerca de 10 horas, não percebi que tenha voltado. Dormimos um bom sono, e ao levantar vimos Pe. Gaspar na Igreja. Acredito que ele fez assim todas as noites de sábado para domingo”.

Rumo à união transformante

“Humildes e escondidos” pode ser considerado, de certo modo, o compêndio de toda a ascética Bertoniana.

“Baixinhos, baixinhos, humildes e escondidos”, eis Pe. Gaspar lançando ao fogo um maço de escritos que revelariam o grau de sua espiritualidade.

Não se sabe ainda como tenha escapado providencialmente à destruição um caderno que registra cinco anos de sua ascensão ao alto.

Pe. Gaspar, nesse período, está percorrendo o caminho em direção à união transformante.

Desfruta antecipadamente das doçuras do alto em algum fulgor estático, que lhe permite entrever por via experimental a distinção das Pessoas Divinas na unidade da natureza.

“Durante a Missa, na Consagração, um sentimento muito vivo da presença de Cristo, como um amigo falando a outro amigo. E muito vivo sentimento também da presença do Pai, sentindo, de certo modo, também a distinção das Pessoas Divinas em uma só natureza.”

“Grande reverência e amor; durou meia hora, também depois da ação de graças” (4 de janeiro de 1809).

“Olha para este meu coração”

É de incomparável beleza a página que descreve o êxtase do dia 30 de maio de 1812:

“Em oração, antes da Missa, tomado de um pouco de sono, ouvi do crucifixo uma voz que me dizia: “*Olha para este meu coração!*”. Estas palavras lançaram maravilhosa luz sobre a minha inteligência, grande e inesperado ardor sobre o meu coração, a ponto de, vendo o objeto amado que me era indicado, correr-me pelo corpo todo um calafrio. Fecharam-se meus olhos e minha boca. Minha alma, no entanto, era toda em si e inundada de alegria. Pareceu-me, então, como se quisesse me desprender de meu corpo.

Renovando-se, em seguida, o ato de me dirigir a quem me falava, repetiram-se o calafrio e a sensação de doce e penosa morte. A alma, na alternativa do que se devesse fazer, na dúvida de que, se continuasse naquele estado, teria morrido, ou ao menos se teria privado da comunhão do corpo, colocou-se, então, com satisfação, nas mãos de Nosso Senhor, ficando em perfeita paz, se no momento tivesse que morrer.

Em um instante percebi que voltei, como antes, ao uso dos sentidos. O efeito de tudo isso foi uma muito terna devoção ao Sagrado Coração, e grande afeto na Missa,

com consequentes lágrimas no momento da comunhão. Durante o dia, profundo e suave recolhimento, com intensidade maior das virtudes teologais”.

A direção de Leopoldina Naudet

Dona Leopoldina Naudet, mesmo que se confessasse havia três anos com Pe. Bertoni, não se decidira a escolhê-lo, definitivamente, como seu diretor espiritual.

Amargas foram as suas experiências passadas com outros. Mas, a certa altura do desenrolar dos fatos, ouviu uma voz:

- “Entrega-te à direção de Pe. Gaspar!”
- “Meu Jesus, estou tão bem convosco!” - respondeu Leopoldina.
- “Confia-te a ele e ficarás ainda melhor comigo.” Leopoldina cedeu.

No dia 9 de janeiro, teve a primeira entrevista. Ao sair do confessionário, seu coração não resistia de consolação. Foi aos pés do Tabernáculo, cheia de reconhecimento. Na cela, onde foi para alguns trabalhos, foi surpreendida por um dom místico, durante o qual Nosso Senhor lhe deu provas de agrado por haver atendido sua inspiração.

Durante a oração da noite, que se prolongou por duas e mais horas, Nosso Senhor se dignou revelar-lhe amorosamente o motivo pelo qual quis que se submetesse a esta nova direção: porque Pe. Gaspar era possuído do mesmo espírito que Deus desejava nela. Acrescenta a Naudet: “Parece-me que Nosso Senhor me dizia que, para me dirigir, não é preciso ciência, pois uma só coisa espera de mim: o amor”.

“O Servo de Deus”, então, recebia do Céu análoga inspiração.

“Não deves estudar para dirigir Leopoldina Naudet, mas dirigir-te à fonte da luz. Assim, isto também redundará em benefício para ti.”

“Não deves preceder, mas seguir a Nosso Senhor, que a iluminará, e a ti sugerirá, através da oração, os meios pelos quais ele há de progredir e corresponder.”

Pelo caminho do santo abandono, seguindo as pegadas da Divina Providência, estas duas almas da mais alta dignidade marcharão paralelamente.

FORTE DECLÍNIO EM SUA SAÚDE

Primeira doença mortal

Pe. Gaspar, com a ausência da querida mãe que o reprimia e moderava, não foi mais capaz de por um freio às suas austeridades.

Muito breve era o seu descanso à noite. Dormia no chão duro ou tábua, com uma coisa qualquer como travesseiro. Jejuns sem conta. Nas ocasiões de pregações especiais, abstinha-se de comida e bebida o dia todo. Somente à noite se permitia diminuta alimentação, à imitação - dizia - de Nosso Senhor, que ininterruptamente se dedicava às fadigas apostólicas e não descansava senão à noite, na hospitaleira casa de Betânia.

O trabalho extenuante, o estudo contínuo, as ásperas macerações, contribuíam para minar a sua saúde, a ponto de ficar reduzido aos extremos por febre miliaria.

No dia 25 de outubro, às 19:30 horas, Leopoldina Naudet, quando rezava no Convento de São José, foi arrebatada em espírito junto à cabeceira de Pe. Gaspar, que ditava as suas últimas vontades. Aí se achavam o seu padre espiritual, Pe. Galvani, e seus companheiros: Pe. Farinati, Pe. Allegri e Pe. Gramego. Leopoldina viu e ouviu tudo, inclusive tim-tim por tim-tim, daquilo que Pe. Gaspar dizia a seu respeito. Horas depois, um portador lhe relatava as notícias, que, aliás, ela já conhecia. Ficou atingida em cheio. Com a ausência de seu Pai Espiritual, deveria considerar ilusória a promessa, que lhe pareceu ter recebido de Nosso Senhor, a respeito da longa permanência sob sua direção. E, de mais a mais, outras revelações não teriam sido puramente ilusão de fantasia? Em um abrir e fechar de olhos, teve a sensação de que tudo ruiria por terra. No entanto, seu refúgio foi a oração, um tanto aflita, mas ainda confiante. Na manhã seguinte, à hora da Comunhão, tomada de angústia, dirigiu uma doce queixa ao Hóspede de sua alma: "Senhor, será possível que haveis de deixar em tal situação, a serva que tanto vos ama?"

Nosso Senhor não resistiu ao apelo de sua serva, e, no mesmo instante, a atendeu. No final da Missa, teve conhecimento de que Pe. Gaspar se encontrava fora de perigo.

Assim que pode escrever, Pe. Gaspar manifestou a sua gratidão a Naudet: "Nosso Senhor a recompense pela caridade de tantas orações por este pobre pecador, a fim de que Deus, pela sua misericórdia, me prolongue o tempo de penitência. Continue

pedindo que eu corresponda à graça alcançada, a fim de que sare a alma, como sarou o corpo, com os remédios" (16 de novembro de 1812).

Um apóstata e matricida

Trazemos aqui um fato que vem, uma vez mais, evidenciar a virtude de Pe. Gaspar. Existia em Verona uma família composta de mãe, filho e um enteado de nome Ângelo Allegri, que era um apóstata, ex-frade dos Jerônimos.

Parecia reinar paz e harmonia na família, quando, de súbito, surgiu um caso doloroso.

Inesperadamente, o filho foi acometido de dores atrozes, seguidas de ânsias de vômito, que, aliás, foram providenciais, pois frustraram os efeitos do veneno que o falso irmão havia lhe propinado, por questões de herança. Até aqui, não haviam surgido razões para desconfiança a respeito das intenções criminosas de Ângelo; mas o desenrolar dos acontecimentos não termina aqui. Os maus intentos continuaram. Simulando caridasas intenções, Ângelo aconselhou à mãe que preparasse ao doente um caldo, que se apressou a temperar com dupla dose de veneno. Mas o doente, sentindo o mau estar pelas ânsias de vômito, não quis prová-lo, e, inocente que estava, deixou que a mãe, a quem não agradava que se estragasse o que havia preparado, bebesse o caldo mortífero. Entre as mais atrozes contorções, a infeliz veio a falecer. Apareceu, então, de forma evidente, a responsabilidade do criminoso.

Foi um processo condenado à decapitação.

Aquele que, das alturas de uma dignidade sobre-humana, se deixa levar pelo plano inclinado da apostasia, de ordinário, põe o ponto final no fundo do abismo.

Ângelo Allegri, apóstata e homicida, não parou. Das profundezas de onde se encontrava, repeliu o sacerdote que lhe estendeu a mão. Blasfemou contra Cristo Crucificado que se lhe apresentava, penhor de perdão.

É o assunto do dia na cidade, que ficou horrorizada. O prefeito, mas suportando que em seu município tivesse ocorrido um fato de tal espécie, procurou o Vigário Geral, que, por sua vez, lançou mão de todos os meios, na esperança de trazer o penitente escandaloso à penitência. A autoridade eclesiástica concluiu que somente Pe. Gaspar poderia resolver esse caso exorbitante. Então foi à sua procura, e o incumbiu da missão.

Pe. Gaspar já se dispôs a ir à prisão, embora àquelas altas horas, mas foi aconselhado a aguardar pelo dia seguinte.

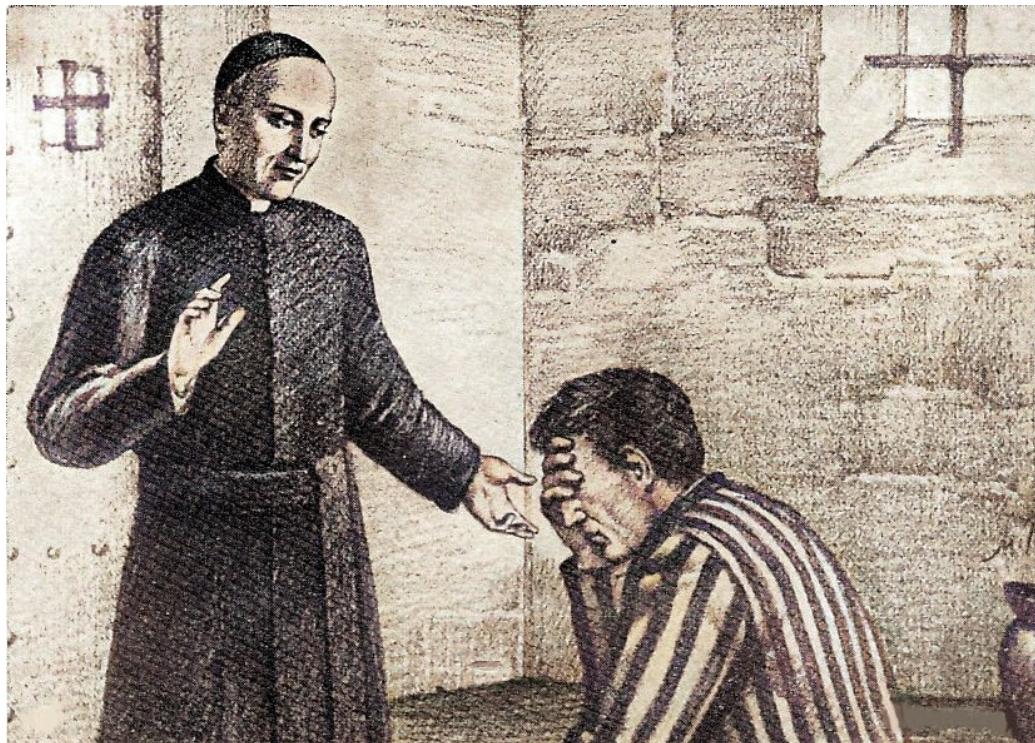
Passou a noite em oração ao Pai das misericórdias. Celebrou na intenção do infeliz. Chegou ao cárcere justamente no instante em que o condenado recusava obstinadamente a assistência de alguns padres, que ainda confiavam em sua conversão.

Pe. Gaspar havia apenas chegado à porta quando o ex-frade, somente ao vê-lo, já se sentiu atingido como por um raio da graça. “*Eis aí - disse, indo ao seu encontro - eis aí! Este é quem me traz a salvação.*”

Aos pés de Pe. Gaspar, o apóstata e matricida, com o perdão, conseguiu a força de ir à morte em espírito de expiação.

Na praça Navona, no dia 8 de julho de 1813, tendo lhe sido cortada a mão direita, submeteu-se à pena da decapitação.

A conversão de Ângelo Allegri está registrada incompletamente, no último trecho do Diário Espiritual, que chegou a nossas mãos, como a “consolação de um irmão que...” volta ao redil depois de ter se extraviado.



Este padre me traz a salvação!

Os sofrimentos: escola de Deus

Pe. Gaspar teve uma perigosa recaída do grave mal do ano passado. O pronto restabelecimento foi atribuído “a Nossa Senhora, às orações, à caridade de Leopoldina Naudet, e à fé do Pe. Luís Leonardi”.

Para convalescer, foi à Colognola dei Colli, de onde escreveu a Naudet: “Fico muito agradecido pelas orações, porquanto estou completamente bom. Rogo-lhe encarecidamente fazer o mesmo pela minha alma, que mais do que o corpo está enferma, devido a tantos defeitos. Assim, poderei servir a Deus, e à sua Igreja, como Ele deseja, e chegar depois de muitos trabalhos, aonde é perfeita e imortal a vida. Neste mundo, além de padecer e servir a Deus, não encontro nenhum outro atrativo que me prenda” (24 de agosto de 1813).

Em princípios de setembro, voltou a Verona, mas na impossibilidade de aceitar a nova incumbência de Vice-Reitor do Seminário.

Em maio de 1814, houve nova investida do costumeiro mal. Desta vez foi debelado com relativa rapidez. Todavia, seu estado de saúde, enfraquecido por prostração generalizada, o obrigou a longa convalescença.

“Vou me restabelecendo devagarinho. A senhora reze para que eu tire proveito na escola que Nosso Senhor se digna a me oferecer, de modo que eu me disponha a servi-Lo” (1º. de julho de 1814).

O sofrimento é a grande escola em que Deus dispensa as mais sublimes lições.

A FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO ESTIGMATINA

Inscrição do céu

Nos princípios da congregação de Pe. Gaspar, encontra-se uma celeste comunicação, cujo teor ele, com aversão, certo dia confiou a Pe. João Maria Marani.

Com certeza, as intervenções do alto foram diversas; referiam-se, principalmente, a pontos particulares, ou a medidas a serem tomadas.

A inspiração com que nos deparamos no início da maior obra Bertoniana se deu logo após a supressão das ordens religiosas. Evidentemente, tratou-se de um símbolo ou figura, onde Pe. Gaspar buscou a própria substância de seu instituto.

Quando, anos mais tarde, escrever as Constituições, não disfarçando a arduidade da incumbência atribuída a seus Missionários Apostólicos em auxílio aos Bispos, fará referência à intervenção celeste para infundir coragem e constância. “Aquele que inspirou e começou a obra, irá levá-la a bom termo, certo de nossas forças não bastarem. Esta é, de fato, a graça especial de nossa vocação, graça que é mais patente do que as provas e dificuldades”.



Foi inspirado a fundar a Congregação. Escrevia as Constituições orando e meditando.

Aos pés do altar de Santo Inácio

Já antes, Pe. Gaspar havia percebido palavras de ânimo do Fundador da Companhia de Jesus.

Aqui transcrevemos o que se encontra em seu Diário, no dia 15 de setembro de 1808: “Por ocasião de uma visita ao altar de Santo Inácio, junto com meus companheiros, senti muita devoção e recolhimento, grande suavidade, algumas lágrimas, embora a visita fosse breve. Queria me parecer que o Santo nos acolhia com bondade, e nos convidava a promover a glória de Deus, aliás, como ele, e pelos mesmos caminhos, se bem que não com os mesmos meios de que ele lançou mão. Como se ele

disse: “Ora, sus, soldados de Cristo! Armai-vos de fortaleza, pegai do escudo da fé, do capacete da salvação, da espada da divina palavra, e pelejai com a antiga serpente; fazei reviver em vós o meu espírito, e também nos outros, por vosso intermédio”.

O capital para a fundação

“Quem de vós, querendo edificar uma torre, antes não se senta para calcular os gastos necessários, a fim de ver se tem com que acabá-la? Para que, depois que tiver lançado os alicerces e não puder acabá-la, todos os que o virem não começem a zombar dele, dizendo: - Este homem principiou a edificar, mas não pode terminar” (Lucas 14,28).

Pe. Gaspar já fez seus cálculos. “Para dar início a um empreendimento, é necessário ter antes garantido grande e heróica virtude. O capital indispensável é a pobreza, com todas as outras virtudes. Não é permitido subestimar a menor coisa, e é fundamental sem delonga, acolher as inspirações” (23 de julho de 1809).

À primeira vista poderia causar espécie a precedência dada à recusa dos meios humanos, mas isso faz parte da lógica do Evangelho.

“Quem não renuncia àquilo que possui, não pode ser meu discípulo.”

Pe. Gaspar constitui como base de toda a sua obra a renúncia a qualquer donativo e a qualquer recompensa pelos ministérios Sacerdotais.

Impossível convencê-lo do contrário. Não cede um milímetro. Entre outros casos, temos o de dona Tereza Gamba, que lhe fez reiteradas ofertas. Não convencida do ponto de vista de Pe. Gaspar, manifestou-lhe, ingenuamente, que desejava torná-lo seu herdeiro, por testamento. Dona Tereza teve que mudar de idéia, para não perder o seu confessor.

Transladação do corpo de São Gualfardo

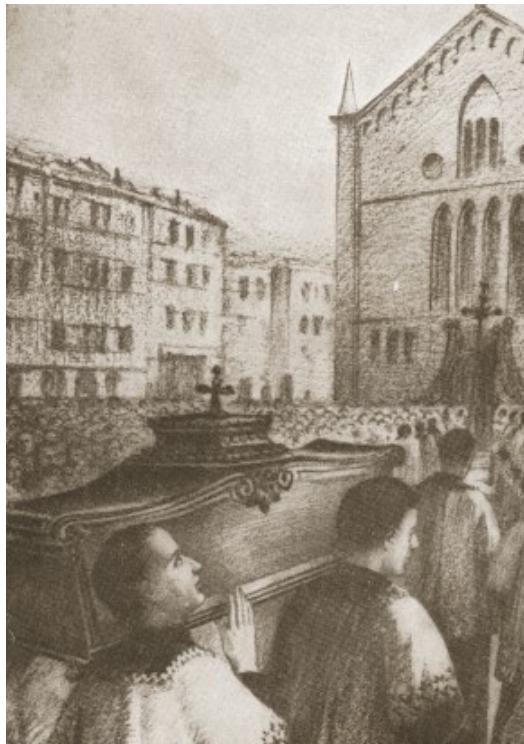
Gualfardo era seleiro. Em 1097, havia chegado à Alemanha, em caminho a Verona. Entregue à prática da virtude, distribuía a receita de seu trabalho aos pobres.

Um belo dia, cansado do mundo, e solícito pelas coisas da eternidade, recolheu-se em uma mata ao longo do Ádige, onde permaneceu por vinte anos, em orações e penitências. Lá foram encontrá-lo, por acaso, alguns barqueiros, que o conduziram para a cidade. Acolheram-no os Monges Camaldulenses de São Silvestre, em “Corte Regia”.

Passou outros dez anos em uma cela apertada, sempre entregue à oração, aos jejuns e mortificações. A morte veio a seu encontro em 1127.

Em 1810, tendo sido fechada a Igreja de São Salvador pelas circunstâncias políticas, seus sagrados despojos, foram transportados em solene procissão para a matriz de São Firmino Maior. Entre os sacerdotes, a quem coube a honra de carregar a urna das sagradas relíquias, encontravam-se Pe. Bertoni e seus dois companheiros, Pe. Farinati e Pe. Gramego.

Os três, durante o trajeto, “experimentaram sensivelmente um forte e divino impulso de se reunirem e se dedicarem, perpetuamente, em benefício do próximo”.



*Forte impulso divino
durante a transladação do
corpo de São Gualfardo.*

Seis anos mais tarde, iriam se encontrar para dar início à nova Congregação Religiosa.

A hora da Providência

Pe. Gaspar percebia delinear-se em sua mente, em contornos cada vez mais definidos, a sua futura Obra, à medida em que, no Seminário, desenvolvia suas meditações sobre a reforma do ministério eclesiástico.

Seis “Missionários Apostólicos”, segundo seu ideal, deveriam se distinguir:

- 1 - Por uma muito franca confissão da fé, sem concessões ou temores;
- 2 - Pela imitação da Paixão de Cristo, sem as comodidades da vida, mesmo com o desprezo da morte;
- 3 - Pela união com verdadeiros sacerdotes, para, juntos, procurarem a glória de Deus, sem nunca se isolarem por amor próprio ou de seus parentes;
- 4 - Pelo desejo do Céu, desprezando os favores da terra e as honras do mundo.

No mês de maio de 1816, durante grande missão em São Firmo, Pe. Gaspar viveu a finalidade de seu Instituto. A Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, então, o distinguiu com o título de “Missionário Apostólico”.

Ele não soube descobrir naquela gesto uma honorificência, mas sim a confirmação autorizada de sua vocação para a “missão apostólica”.

A Providência se prevaleceu do Padre Espiritual de Pe. Gaspar para a concretização de seus planos. Chegara o momento já há muito almejado. Eis como Pe. Gaspar, dirigindo-se a Naudet, comunicava-lhe o fato: “Pe. Galvani me ofereceu os Estigmas, como lugar oportuno para instalar uma Congregação de Padres que queiram viver conforme as regras de Sto. Inácio, depois de me ter narrado, com satisfação, que o convento das “Teresas” ficou reservado à senhora” (17 de agosto de 1816).

Funda a Congregação

No dia 20 de março de 1816, haviam chegado a Verona os Soberanos Francisco I e sua consorte Maria Ludovica d’Este.

Os primeiros dias haviam transcorrido em um ambiente de geral alegria, entre espetáculos, iluminações, visitas a monumentos e a Institutos. Aconteceu que, no dia 28 de março, acometeu a Imperatriz uma crônica doença no peito, que a reduziu aos extremos. A seu pedido, foi lhe ministrado o Santo Viático, entre a multidão admirada e recolhida. Cessaram as festas. Fecharam-se os teatros. Por empenho da municipalidade, iniciou-se, na catedral e nas paróquias, solene tríduo de orações para em prol do restabelecimento da religiosa Soberana. Os altos e baixos da doença conservaram em suspenso os ânimos, até ao domingo, dia 7 de abril, quando Maria Ludovica d’Este rendeu a sua alma ao Senhor.

Toda a cidade se revezou no Palácio Canossa para a última homenagem aos despojos da Imperatriz, cercados de todas as pompas de estilo. No dia 13, com a saída do féretro para Viena, encerrou-se a triste crônica deste acontecimento.

A imprensa da época, que reproduziu fielmente todos os detalhes daqueles dias de luto, deixou escapar outros pormenores, não falhos de importância, que se passaram em Verona naquele mesmo ano.

De fato, no dia 4 de novembro de 1816, Pe. Gaspar Bertoni iniciava, nos Estigmas, a sua Congregação. E no dia 9 de novembro, sua filha espiritual, Leopoldina Naudet, no antigo convento de Santa Teresa, lançava os fundamentos do Instituto das Irmãs da Sagrada Família. Foram, verdadeiramente, duas obras muito humildes para atrair as atenções do público; todavia em germe se apresentavam ricas de fecundas perspectivas, mais do que se poderia esperar de uma fria lápide de um sepulcro, ainda que fosse imperial.



À esquerda, a Igreja dos Estigmas, onde Pe. Gaspar fundou a Congregação dos Sagrados Estigmas de Nossa Senhor Jesus Cristo.

Primeiro ano letivo nos Estigmas: 1816-1817

Pe. Gaspar, entrando nos Estigmas, iniciava disfarçadamente a sua Congregação, pois, naquele período de supressão das ordens religiosas, não poderia se apresentar senão como diretor de um ginásio gratuito para os filhos do povo, e seus companheiros como simples professores.

Os alunos, logo de começo, chegaram a cerca de cinquenta, e suas aulas foram adaptadas em cinco espaços junto à velha Igreja dos Estigmas.

Com Pe. João Marani e o irmão coadjutor Paulo Zanoli, aos quais se juntaram logo Pe. Miquelângelo Gramego e Pe. Mateus Farinati, Pe. Gaspar se submeteu de boa vontade, ao trabalho de, toda manhã, transformar o seu quarto em sala de aula, com carteiras e demais móveis indispensáveis.

Maior foi o sacrifício causado pela neve e gelo, que, pelas telhas desajuntadas, e pelas frestas das portas e janelas mal e mal reconstituídas, permitiam que os rigores do inverno penetrassem até o interior dos pobres quartos.

A isso tudo se acrescentem as dificuldades advindas da carestia, devida às enchentes, que estragaram toda a colheita.

Jamais, em Verona, falou-se de um ano tão castigado pela calamidade pública da fome.

Pe. Gaspar, enquadrado neste moldura, inaugurou nos Estigmas um regime de vida da máxima austeridade. O espírito de penitência, sugerido pela aceitação amorosa dos flagelos de Deus, não foi algo de exclusivo daquele primeiro ano, mas durou até se tornar provérbio. Quando alguém, pelas ruas, encontrava algum padre muito magro e descorado, dizia, sem mais: é dos *Estigmas*.

Com o carrinho de mão

Não obstante os inúmeros contratemplos, naquele primeiro ano de vida em comum, não houve nada a notar em relação à saúde.

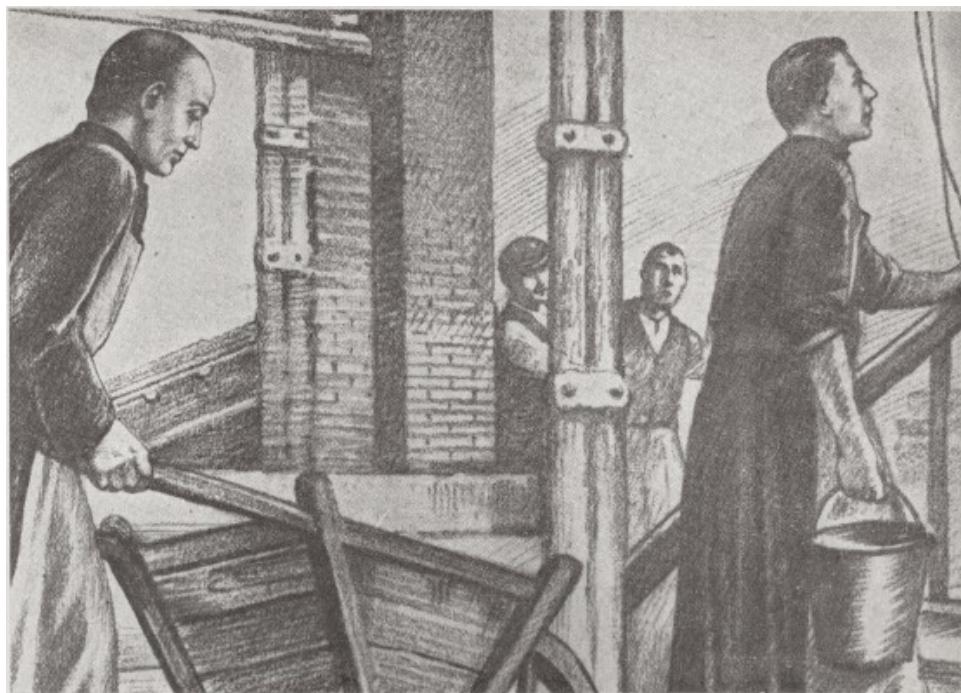
Uma erupção cutânea, de pequena monta, obrigou Pe. Gaspar a restringir-se à cama por alguns dias no mês de abril, justamente quando se puseram a arrumar o telhado da Igreja.

Pe. Gaspar estava de pé e disposto, quando se tratou de restaurar, ou, para dizer melhor, de reconstruir, a mesma Igreja.

“Lembro - diz uma testemunha ocular - de tê-lo visto trabalhando com o carrinho de mão, feito servente.”

A Providência lhe havia enviado nada menos do que um sacerdote engenheiro, Pe. Caetano Brugnoli, que teve, naturalmente, a incumbência do projeto, da administração e dos trabalhos, e, à tarde do dia 3 de outubro de 1822, também a grande honra de pronunciar o sermão de inauguração, que versou “sobre o benefício de Deus de permitir que se abrisse um tempo para o Seu culto”.

A cerimônia de abertura, propriamente dita, ficou marcada para a manhã seguinte. As resumidas crônicas de casa fizeram relevo somente quanto ao grande número de Missas. No entanto, o popular Valentim Alberto, o taberneiro das “*Tre corone*”, em seu interessante diário conservado no arquivo municipal de Verona, registrava o fato: “da abertura com grande solenidade da Igreja dos Estigmas, na praça Cittadella, estavam presentes as autoridades, isto é, o Delegado e o Prefeito”, e não deixava de assinalar a autorização: “com a suprema ordem de quem tem em mãos as rédeas”.



Pe. Gaspar, trabalhando como servente de pedreiro, na reforma dos Estigmas.

Entrevê-se a satisfação de todos os veroneses, que, tendo assistido impotentes o desencadear-se das perseguições, descobriam na reabertura de uma igreja um sinal de bonança após a tempestade.

Grande oferta de ouro devolvida

O altar-mor, recém-construído, foi dedicado aos Espousais de Nossa Senhora com São José. Este é um mistério a que Pe. Gaspar consagrou um amor todo especial. Fez questão que os seus filhos conservassem as suas atenções sempre voltadas à Mãe de Deus, e a seu Esposo, unidos por este grande mistério, e os quis como Patronos principais do Instituto.



Pe. Gaspar confiou a sua Congregação ao Patrocínio de Nossa Senhora e São José.

Uma igreja recém-restaurada, em lugar afastado, com sacerdotes exemplares, sempre à disposição dos homens que queriam se reconciliar com Deus, dava a impressão de ser um recanto não só das almas que almejassem a perfeição, mas também de qualquer alma que sentisse o despertar da própria consciência para a volta à Casa do Pai.

Pe. Gaspar havia determinado que, na sua Igreja dos Estigmas, os sacerdotes atendessem *somente confissões de homens*.

Aquele lugar sagrado primava pela propriedade e limpeza. O recolhimento era a sua alma. Aí desabrochavam conversões sem conta.

Pe. Gaspar tinha a arte dos Santos na conquista das almas, mesmo que viessem carregando uma série de apostasias, ou ainda conservando uma habitual escravidão por uma situação nunca antes evitada. Para eles deveria brilhar como um farol no Santuário.

O imperturbável recolhimento de quem saboreava as doçuras dos Estigmas nunca foi incomodado com o tilintar da sacola das esmolas. Naquela Igreja não havia nem mesmo os cofres para as espontâneas ofertas dos fiéis. A ninguém foi permitido contribuir para o necessário aos gastos das reformas, ou dos atos do culto. Pe. Gaspar providenciava tudo, incluindo a aquisição dos preciosos paramentos, que até hoje³ existem.

João Trevisani, um rico oratoriano, na obrigação de cooperar para com os melhoramentos da casa de Deus, tentou, por várias vezes, oferecer substanciosas quantias a Pe. Gaspar, mas sempre tendo como resposta categóricas recusas.

Como são mortificados!

Em outubro de 1822, os grandes da Europa se reuniram no Congresso de Verona. Participaram o Imperador da Áustria, o Rei da Prússia, o Czar das Rússias, os soberanos de vários Estados da Itália, ministros e plenipotenciários de outras nações. Talvez nunca tivesse havido reunião tão importante.

Durante dois meses, Verona viveu como em um mundo de sonho. Enquanto embaixadores e ministros, sob a presidência de Metternich, se reuniam em sessões secretas, decidindo o futuro dos povos, os Soberanos, à porfia, em uma ostentação de pompa, percorriam a cidade, visitando monumentos e Institutos, deixando para a noite a exclusividade dos bailes, banquetes e espetáculos.

As manifestações de júbilo daquele povo de Verona pareciam tomadas de uma espécie de embriagues, culminando na noite do dia 25 de novembro, em que a cidade apresentou uma brilhante iluminação, que se estendia por todas as colinas.

³ Refere-se ao ano da primeira edição impressa, 1964.

Os padres dos Estigmas primaram, sim, pela ausência em toda espécie de espetáculo, mesmo quando os fogos de artifício foram soltos na Travessa “*Due Madonne*”, junto a seu convento.

“Vejam como são mortificados esses padres,” - sussurrava o povo, admirado ao ver as janelas fechadas - “que nem se permitem apreciar o espetáculo desta festa, que se apresenta a eles tão cômodo, e é tão inócuo!”

Estas expressões foram recolhidas por um menino, chamado Caetano Giacobbe, que as ouviu e se referiu a elas mais tarde, quando se tornou o primeiro biógrafo de Pe. Gaspar.

Durante o Congresso de Verona, ilustres personagens foram descobrir, no humilde sacerdote Pe. Gaspar, na mística penumbra da nova Igreja dos Estigmas, um verdadeiro anjo do conselho. O General Alexandre Michaud, do séquito do Czar, o Embaixador da Espanha e muitos outros tiveram a felicidade de se deliciar com o contato daquele homem de Deus.

Conversões

Ao zelo de Pe. Gaspar foi devida a conversão de um pecador, que uma bailarina romana prendia atraído ao mal. Pe. Marcos Marchi atesta: “Exortei-o mais vezes a deixar o hábito adquirido. Respondia-me com lágrimas, sem todavia resolver-se. Convidei-o, então, a ir ter com Pe. Gaspar. Ele me deu a entender que o estimava, e foi. Não precisou mais nada: deixou o mau hábito, e sua conversão foi tão sincera que não cessava de agradecer a Deus, daí por diante, a graça recebida”.

Entre outros convertidos, ficou célebre a lembrança de um sacerdote, apóstata notório e partidário declarado. Também este foi confiado, por Pe. Marcos, aos cuidados de Pe. Gaspar. Em breve, toda resistência foi vencida, todo obstáculo superado: o novo filho pródigo voltou à casa do Pai, e, depois de tanto tempo, celebrou uma como Primeira Missa na Igreja Paroquial de São Lucas, em 15 de junho de 1823.

Outro padre, que tinha deixado a batina, foi reconduzido ao bom caminho, de uma forma singular. Toda vez que Pe. Gaspar o encontrava, dava-lhe mostras de sua reverência, tirando o chapéu até os joelhos. Um belo dia, o tal padre tomou aquilo como caçoada, ao que Pe. Gaspar respondeu prontamente: “eu respeito sempre no senhor o caráter sacerdotal”. Essas palavras foram um estímulo benéfico que levou o transviado a

reconsiderar a sua vida. Tornou-se, depois, um sacerdote exemplar, orador de fama; quando subia ao púlpito, nunca deixava de lembrar, com lágrimas nos olhos, seus desvários passados.

Didática de Pe. Gaspar

Para começar, ele mesmo traçou o programa que se devia seguir em suas escolas. Mas, quando em 1818 o governo traçou o “Método de Estudos” com os novos programas, Pe. Gaspar o adotou. E, como antes havia preparado pacientemente os seus padres para o ensino, assim agora os preparava aos exames que os habilitariam ao ensino público. Ele mesmo se apresentou ante a banca examinadora por primeiro, e foi aprovado para o ensino secundário.

As suas aulas tinham o condão da clareza e da profundidade. Um de seus alunos dizia que os textos de aula ficavam ainda abaixo de sua extraordinária competência. Isso se comprova pelos brilhantes resultados de seus alunos nos exames públicos, a ponto de provocar a maior admiração nos próprios examinadores, que se viam obrigados a ir depois congratular-se com Pe. Gaspar, e a lhe pedir o segredo de tamanho sucesso.

Na realidade, Pe. Gaspar usava uma didática toda sua, que se fundava, antes de tudo, na tomada de consciência da função de sua escola: “a finalidade é de ministrar instrução gratuita à juventude, instruindo-a principalmente nos deveres de religião e de bons cidadãos, tornando-os assim suficientemente instruídos em todas as matérias, de acordo com o programa do Estado”.

Para Pe. Gaspar, a educação abrange toda a vida do indivíduo, e visa formar no aluno o cidadão do céu, não em separado do da terra. Portanto, estudo, e estudo das letras humanas, primeiramente em busca da maior glória de Deus, do seu conhecimento e amor, e bem longe de temer que as ciências do mundo constituam um obstáculo ao progresso do bem. Pelo contrário, dizia ele: “sem o auxílio destas ciências naturais, não se pode chegar à sublimidade das coisas espirituais” - ao menos geralmente falando.

É necessário, todavia, dispor o discípulo ao aprendizado, imunizando-o do perigo da “falta de concentração”, e da “moleza de coração”, fazendo-o perceber que “se deve sobretudo, e antes de mais nada, procurar a glória de Deus em nós mesmos, isto é, uma completa vitória sobre si mesmo”.

Desembaraçado o terreno de obstáculos, Pe. Gaspar passou a aplicar o método que julgava “mais apto à instrução dos meninos”. “Escolhi, por isso, o modo mais simples, mais útil, mais natural para comunicar os meus pensamentos, e introduzir, nas mentes alheias, idéias claras e precisas. Refiro-me ao método da análise.”

Sempre, portanto, distinguir e dividir as idéias, no intuito de apanhar as principais, com as outras que ficam compreendidas nelas ou supostas; depois, em um segundo tempo, passa-se ao processo de síntese, para reunir os vários conceitos em uma unidade orgânica. “Não passem - diz Pe. Gaspar - de um ponto a outro, se primeiro não tiverem esclarecido, distinguido, separado e determinado as idéias; nem se marque o tempo de passar adiante, mas o tempo seja determinado pelo conhecimento claro e preciso. Desta forma, enquanto parece que se proceda lentamente, no fim das contas se avança mais do que apressando e passando por cima de pontos ainda confusos e obscuros. É melhor saber pouco, mas bem, e com muita precisão, do que muito, mas confusamente; caso contrário, nem mesmo sabe a pessoa aquilo que julga saber”.

Mais do que a vastidão dos programas, ele tinha em mira a precisão dos conceitos; evitava o tormento dos exercícios de memória, com prejuízo de reflexão; e repudiava o verbalismo vazio. “Quando escrevem, cuidem de não desenvolver processos, mas restringir-se a idéias claras, fundamentais”.

Enfim, tinha a discrição de moderar o trabalho dos alunos, convicto da inutilidade de certos esforços a que são submetidos. Dizia: “sempre me lembro do que repetia São Francisco Xavier, a um companheiro: se agora esta gente não te dá o que queres, contenta-te com aquilo que te querem dar; um dia, talvez te darão mais do que agora desejaras deles.

Apóstolo da cátedra

Antes de professor, Pe. Gaspar sente que é Sacerdote. Não espera a leitura espiritual da tarde ou o sábado com sua exortação semanal: para ele, todas as aulas servem para evocar alguma máxima edificante, e para levar o profano a aplicações espirituais. Somente desta maneira é capaz de justificar a sua ausência do ministério direto das almas.

Certa feita, durante a aula, de repente fez uma digressão ardorosa, levando a conversa para o assunto da ofensa a Deus. “Se soubesse o homem o que é o pecado!” - e sua voz foi entrecortada por um pranto que o impediu de continuar.

É fácil compreender como, em vinte e seis anos de magistério, Pe. Gaspar pode contar mais de setenta alunos que subiram os degraus do altar, além de série considerável de outros alunos que percorreram a sociedade com a vida cristã exemplar.

Fixando o Crucifixo

Espectadores de suas lágrimas, antes mesmo de seus alunos, haviam sido os jovens do Oratório de São Paulo, quando aos domingos, depois do meio-dia, faziam a Via Sacra com Pe. Gaspar.

Pe. Gaspar não resistia à vista das dores dilacerantes de Nosso Senhor, e, ao comentar as estações, a sua comoção contagiava os ouvintes, a ponto de obrigá-lo a imprevistas interrupções.

"Fixai os olhos em um crucifixo! Atormentado em todos os sentidos, em todos os membros. Por toda espécie de pessoas. Em um corpo tão delicado. Ferido por correntes, com paus nodosos, com inúmeros golpes, pelas mãos dos algozes mais encarniçados e endiabrados. A cabeça ferida pela coroa de espinhos, causando-lhe inaudito tormento. Fixai-o dependurado com pregos, e nu, abandonado, sem alívio, morrendo na cruz!"

"E prosseguia: "Pensai bem: se o pecado fosse um mal de nada, um passatempo, teria feito tanto a Sabedoria Divina para destruí-lo?"

"Maior manifestação de rigor deu ao mundo a Divina Justiça, com um só açoite no corpo de Jesus, do que se houvesse reduzido a pedaços as estrelas, desorganizado os elementos, precipitado todos os homens e anjos no inferno."

Dirigindo-se, em seguida, mais particularmente, aos presentes, concluía: *"Quando vós pecais, o crucificais outra vez!"*.

Conta-nos um médico, anos mais tarde: *"Pe. Gaspar tinha um método de tal modo tocante, que nós moços éramos coagidos a chorar".*

Era devorado pela ânsia de chegar a destruir o domínio do pecado no mundo. Agia só em função desse objetivo.

Não se limitava às palavras e obras. Contemplando o Crucificado, descobria haver outro meio, aliás muito eficaz, para obter a salvação das almas, isto é, a participação direta nos sofrimentos de Cristo. Com transportes de amor, aspirava a isso.

"Profundo sentimento de seguir de perto a Nosso Senhor, mesmo a custo da vida."

"Grande desejo de unir-me e associar-me às suas dores e ignomínias."

"Desejo e pedido também do martírio."

Não está distante o momento em que Nosso Senhor satisfará, em cheio a esses seus desejos.

Trago em meu corpo os Estigmas de Nosso Senhor

A vida de Pe. Gaspar se encaminha a ser um rosário de dores e sofrimentos.

Em maio de 1819, grave doença o aflige. A mesma Beata Madalena de Canossa, em uma carta ao Pe. Luís Trevisani, consternada pelo fato, lhe garante que Pe. Gaspar iria ficar bom.

Sarou, de fato. Todavia, em dezembro de 1821, nova investida, e mais ameaçadora, o acometeu. A cidade toda ficou abalada, como se fosse calamidade pública. De todo canto, a começar pelo Seminário, se promoveu uma cruzada de orações para impetrar a saúde de Pe. Gaspar.

Também desta vez, ele se restabeleceu, mas não a ponto de tranquilizar.

A solícita Fundadora das Irmãs da Sagrada Família, em outubro de 1823, enviava a Pe. Bertoni uma relíquia de Nossa Senhora, garantindo orações.

Trago em meu corpo os Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo

O verdadeiro martírio, que deveria imprimir nas carnes de Pe. Gaspar os estigmas de cruciante sofrimento, começou em 1824.

Apareceu, antes, um inchaço na perna direita. Em seguida, à altura da tibia, cresceu um pequeno tumor, que foi aumentando cada vez mais, até atingir o joelho.

O médico José Ravelli, tio materno, lançou mão de emolientes, na esperança de benéfica supuração. O tumor criou caráter irredutível, e foi preciso a intervenção do cirurgião. O célebre doutor Luís Manzoni fez uma primeira incisão, mas não conseguiu atingir a raiz do mal.

Tentou um corte mais profundo, mas mesmo assim ainda não conseguiu resultado satisfatório. Assim, quase todos os dias, por mais de mês, continuou a série ininterrupta de intervenções dolorosíssimas.

Os assistentes não resistiam à vista de tal tormento. O paciente, sim; este parecia alheio à cena, tanta era a calma com que enfrentava os momentos mais duros. A serenidade iluminava o seu semblante.

Leopoldina Naudet sempre o assistiu com a oração. “Com pesar, sinto que V. Reverência sofre agora da perna, mas quero esperar que, à força de orações, irá melhorar” (13 de outubro de 1824). Consegiu ela que o Sacerdote, príncipe Alexandre de Hohenlohe, com fama de taumaturgo, fizesse por ele uma novena.

Pe. Bertoni lhe respondia: “Não deixarei, na medida do possível, de me unir às orações daquela grande Servo de Deus, de cuja pessoa a Senhora me faz menção”. E, esquecido de seus males, concluía com os arrebatamentos costumeiros: “Procuremos a glória de Deus, e Ele nos dará o mais por acréscimo, tendo-nos dado o Seu Filho, e com Ele todas as coisas”.

Cerca de 300 intervenções cirúrgicas

Segundo Pe. Lenotti, Pe. Gaspar, “durante os incômodos, que duraram mais de cinco anos, teve que se submeter a tratamentos terríveis, cortes profundos (mais ou menos 300), às vezes de um palmo de comprimento”. Incisões internas e externas, que iam até o osso. Corrosões e queimaduras, praticadas conforme os princípios de uma cirurgia ainda rudimental, que não conhecia anestésicos. Os espasmos se prolongavam durante o tempo da crenagem, com aplicação de tela desfiada e gaze, justamente para impedir que as feridas se fechassem superficialmente, e para absorver o pus que se criava por dentro. Não havia nada de mais doloroso, deixando, depois de tudo, o paciente em febre, por dois ou três dias.

Em Pe. Gaspar nunca se percebeu sinal algum de reação. Só os lábios se moviam, para articular alguma oração. Nos instantes mais insuportáveis, elevava um pouco a voz da prece, para depois humilde e confundido pedir escusas pela sua pouca edificação.

Os médicos, para alentá-lo, diziam: “Reze, senhor padre, o quanto quiser; basta que nos deixe operar”.

E o doente: “*Pois façam os senhores o que bem entenderem*”.

Às vezes por lhe terem feito um corte mais doloroso, diziam-lhe: "Não é, Pe. Gaspar, que o fizemos sofrer demais!".

"Muito pouco - respondia - pela prudência e caridade, que os senhores têm, até demais."

Quando foi preciso afastar do osso a cárie, tiveram que perfurar o fêmur. Só então que no rosto de Pe. Gaspar viram rolar lágrimas silenciosas.

Visita de Francisco I

Um respeitável conjunto de edifícios estava sendo construído nos Estigmas, conforme projeto do arquiteto Pe. Caetano Brugnoli. Era um empreendimento indispensável para proporcionar aos padres um mais apropriado alojamento, e aos alunos um mais higiênico e arejado ambiente.

As obras estavam adiantadas, quando, na tarde do dia 29 de abril de 1825, S. M. Francisco I e Esposa, o filho Príncipe Francisco Carlos José, o Vice-Rei da Itália, Ranieri, e Ministros de Estados, Camaristas, e personagens ilustres do cortejo, chegaram em visita.



O Imperador Francisco I visita Pe. Gaspar.

Pe. Gaspar, a quem as dores lhe deixavam, às vezes, momentos de melhora, arrastou-se pelas salas de aula, e, através dos andaimes da construção, explicava ao Imperador o que se havia realizado, e o que ainda se haveria de fazer.

A satisfação dos augustos visitantes foi visível e animadora. Pe. Marani, jubiloso, relatava que: “o Soberano, pela sua benignidade, gostou muito da escola e do pequeno convento”, enquanto Pe. Gaspar se limitava a repetir: “*Os Soberanos mostraram-se complacentes com os nossos esforços, muito embora não tenhamos sido capazes de lhes oferecer senão misérias*”.

A doença: “maneira secreta da graça”

Dias após a insigne visita dos Soberanos, Pe. Gaspar acusou recrudescência de seu mal. A perna, novamente, foi retalhada e descarnada em toda a sua extensão, até quase a coxa. “A coxa não vai bem. Não me sinto melhor. Digam o que quiserem dos médicos. Acredito que não uma só vez, pelas orações do homem de Deus, o Príncipe de Hohenlohe, me foi restituída a vida.

Penso, também, que esta maneira secreta da graça foi talvez a mais própria aos interesses do serviço de Deus, nas circunstâncias em que me encontro” (maio de 1825).

Todavia, não deixava os seus trabalhos. Acomodado em uma poltrona de braços, prestava, regularmente, no seu quarto, assistência aos alunos que o cercavam; pregava cursos de Exercícios Espirituais a grupos de clérigos, preparando-os para as Ordens Sacras. Só quando a agudeza das dores o atormentava é que interrompia as suas atividades.

“Minha cabeça está fraca - escrevia certo dia - e o pouco que tenho, pouco me serve” - e por isso se desculpava por não poder contribuir como desejava.

“*Peçam a Deus por mim, porque minha perna não anda boa, e amanhã creio que irão cortar outra vez*” (29 de maio de 1825).

Somente em agosto é que houve sinal de melhora. “*Minha ferida, pelo que vejo, não vai mal, se é que se deve crer nas aparências, que já tantas vezes me enganaram*”.

Em outubro, finalmente, pode deixar seu quarto.



Mesmo de cama, e sofrendo muito, pregava退iros.

Visita de Antonio Rosmini

Foi justamente nesta temporada de convalescença que Pe. Gaspar recebeu, pela primeira vez, a visita de Antônio Rosmini. Havia sido enviado pela Beata Madalena de Canossa para consulta Pe. Gaspar a respeito do instituto que estava prestes a fundar.

Esta visita ficou registrada no Diário de viagem de Rosmini: “Em Verona, conheci Pe. Gaspar Bertoni, que, junto a seis sacerdotes, faz um bem enorme”.

Mês depois lhe enviava o seu “Plano para os Sacerdotes da Caridade”, e, mais tarde, as Constituições, a fim de examiná-las antes de submetê-las ao juízo da Santa Sé.

Pe. Gaspar, a toda solicitação atendeu com afinco, a ponto de o mesmo Rosmini chegar a afirmar, na sua humildade, que seu Instituto havia, por assim dizer, nascido à sombra da Casa dos Estigmatinos.

Contemporaneamente, Pe. Gaspar foi muito procurado para confissões. O Sumo Pontífice, depois do ano de 1825, havia estendido o jubileu a todo o mundo.

Determinações governamentais haviam impedido as pregações extraordinárias; no entanto, trabalho não faltou.



Antônio Rosmini apresentou o plano de seu Instituto à apreciação de Pe. Gaspar.

Ferido, não morto

Maio de 1826. “Fiquei pregado na cama. Antes, ao menos, me levantava um pouco. Louvado seja Deus! Bendirei ao Senhor em todo o tempo.”.

Desta vez nem pede orações, pois dizia: “a minha fé, tão fraca, obriga a fazer papel feio até os santos. Isto não obstante, saiba que as orações do Santo Príncipe me ajudaram bastante, transpondo os obstáculos criados por mim”.

O sentimento de sua indignidade não se alterou nem mesmo quando ficou na contingência de averiguar alguma melhora. “Nosso Senhor me auxilia na hora certa, contra meus méritos, com as orações dos seus servos fiéis. A coisa havia começado bem, mas *Ele me quer ferido, não morto*, de modo que eu possa servi-Lo, não abusar de suas graças e me penitenciar o quanto for preciso” (maio de 1826).

No entanto, o mais que pode se entregava ao trabalho das almas, em um tempo em que “vão crescendo as preocupações pela conversão de toda espécie de pessoas, cujas almas ficavam tocadas pela graça do Jubileu”.

Os penitentes o procuravam até no quarto. Mas, às sextas-feiras, descia até a Igreja para seu sermão. “Não me é possível escrever mais - dizia, no dia 9 de junho de 1826 - porque me sinto mal ao fazê-lo. Por outro lado, hoje à tarde é preciso que me carreguem até ao altar, pois estamos em aperto”.

Fortunato Biondani, ex-aluno dos Estigmas, depois de tantos anos ainda se lembrava de como Pe. Gaspar, às sextas-feiras, era levado em uma grande cadeira até o altar-mor, a fim de pronunciar aqueles sermões que “extasiavam o coração”.

Eram incontáveis os ouvintes. “Entre eles, o bispo Grasser, o velho Marquês de Canossa, o Pe. César Bresciani, S.J., o Pe. Nicola Mazza e outros, os quais se punham a ouvi-lo das tribunas da Igreja. E Pe. Gaspar, com sua voz penetrante e robusta, se fazia ouvir bem”.

O Cardeal Luís de Canossa, que, quando jovem, tinha tido a felicidade de ouvir muitas vezes aqueles sermões, asseverava que Pe. Gaspar “falava com tal suavidade e ardor, que o coração de quem o ouvia ficava não só persuadido, mas comovido e penetrado de um modo todo particular”.

A inesperada cura da Senhora Ferrari

A esposa do deputado José Ferrari, às voltas com a febre miliaria, desde o dia 27 de fevereiro de 1827 foi piorando, não obstante os cuidados de três médicos, aliás abalizados. Chegou a ponto desesperado no dia 18 de março. Foram-lhe ministrados o Viático e a Unção dos Enfermos.

Justamente aí, Pe. Gaspar mandou avisar o deputado que não se perturbasse, sabendo que no dia seguinte seria a festa de São José, e nele depositasse plena confiança.

“Um prodígio autêntico! - afirmou o deputado Ferrari. Durante a noite, a enferma começou a se sentir melhor, e pode repousar. De manhã, estava curada.”

Pe. Gaspar, ao contrário, naquele mesmo dia se punha de cama, outra vez doente.

Debaixo dos ferros e bisturis

Por quase dois meses, Pe. Gaspar ficou sob a observação dos médicos. Por fim, resolveram pela operação.

“Nosso Senhor me conserva na cama sob a ação dos ferros e bisturis. Louvado seja! Bendirei ao Senhor em todo o tempo. Basta que Ele seja servido. Peço, porém, as suas orações, para que Deus me conceda a paciência que sempre me deu: Sem mim nada podeis fazer” (11 de maio de 1827).

Já sabe por experiência que pouco pode esperar dos remédios humanos, para, ao invés disso, confiar nos celestes. “Aqui é que depositamos as maiores esperanças.” Consciente da própria indignidade, repete: “Não sou digno, mas, no entanto, confio.”

Sua inabalável confiança pareceu falir justamente no último dia do ano de 1827, quando os médicos declararam que o caso era “desesperador”.

Foi quando se constatou em que estima era tido Pe. Gaspar por toda Verona.

Assim nos relata o seu biógrafo: “Nos quatro cantos da cidade, e em todas as igrejas, foram oferecidas orações públicas. Aqui, com a exposição e bênção do Santíssimo Sacramento, como em São Paulo e São Firmino. Lá, na mesma catedral, expondo à veneração pública a imagem de Nossa Senhora do Povo. Em todo lugar, súplicas, votos, suspiros, na certeza de que somente do céu se poderia esperar a cura do homem de Deus”.

No dia seguinte, primeiro do ano de 1828, Pe. Gaspar, como por encanto, melhorou, trocando os temores e desencantos pelas mais serenas esperanças. Debelado o tumor maléfico, as chagas se cicatrizavam. A todos pareceu uma coisa extraordinária.

Pe. Gaspar começou a deixar a cama, o quarto, e no dia 17 de fevereiro, após longos meses, mais de onze, pode voltar a oferecer a Santa Missa.

Outra vez São José

O fato de se expor às intempéries em um tempo ainda invernoso, em seguida à longa enfermidade, não favoreceu ao convalescente, que foi logo acometido por um resfriado. “Sinto-me por demais enfraquecido pelo resfriado, e ainda não completamente restabelecido. Percebo que o calor me faria bem, mas seja feita a vontade de Deus”.

No dia 9 de março, as perspectivas se agravaram ainda mais. “Celebro, mas, para ser franco, não estou muito melhor. As pernas acusam alguma coisa. A direita, ferida, está um tanto inchada, com pequena dor muda, que gostaria de não ter. Mas... seja feita a Vossa Vontade.”

São José o avisava, como havia feito no ano anterior. “Nosso Senhor, de novo, privou-me da Missa e do Ofício, porque o tumorzinho do joelho voltou. Vamos ver o que Ele irá querer. Por enquanto, não posso me mexer” (18 de março de 1828).

Mais tarde: “No ano passado, também o dia de São José começou mal. Neste ano, nas vésperas, tive que guardar a cama, devido a uma inchação, que, tendo começado nos pés e subido ao joelho, parece ter atingido algumas glândulas, que me ocasionam dor só ao tocá-las. Graças a Deus, não progride o mal, como dava mostras, mas o doutor Gregori, prudentemente, me recomenda guardar a cama e usar certas compressas”.

A confiança de Pe. Gaspar estava só em Deus. “Nosso Senhor quer multiplicar os milagres, embora aparente não fazê-los”, escrevia, enquanto não pouasse uma pontinha de ironia aos médicos que discordavam entre si. “No entanto, muitos falam demais, e eu calo, deixo que faça quem sabe. Basta isso: quer vivamos, quer morramos, somos de Deus” (abril de 1828).

Em um corpo assim atribulado, a alma adquire transparências cada vez mais celestes, e, de tão delicados matizes, que chegam a comover. “É forçoso reconhecer que Nosso Senhor mortifica, e logo vivifica. Depois de ter flagelado bastante quem o merece, suscita a caridade de outros, que se interessam e procuram mediadores, a fim de que Ele estenda a Sua mão benfazeja a pensar nas feridas que a mesma divina mão abriu. Bendito seja o Seu Santo Nome, e recompensada a caridade da senhora (7 de abril de 1828).

Brincadeiras da Divina Providência

Pe. Gaspar sabia entrever, nas diversas etapas de suas enfermidades, as “brincadeiras da Divina Providência”, que se estendiam sobre ele com finezas inefáveis.

“De novo me fizeram profunda incisão na altura do joelho”, anuncia centenas de vezes. E, algum tempo depois: “Parece que a perna vai melhorar. Percebo que os médicos estão contentes. Mas é preciso que entrem aqui Nossa Senhor e os méritos de

seus servos, porque de outras vezes as esperanças se desvaneceram". "Tenho a impressão de que não é preciso mais cortar, senão pouca coisa. Vejo certas brincadeiras da Divina Providência, que me deixam boquiaberto. Louvado seja Deus."

A construção do Convento, ainda por acabar, impunha bons sacrifícios aos Sacerdotes dos Estigmas, reduzidos "a poucos, já sem saúde, e necessitados de um pouco de descanso". Mas isso não os impedia de se mostrarem repletos de consolação, "pelos abundantes frutos que Deus, Nosso Senhor, extraí de nossas angústias e tribulações, em que pese a nossa fraqueza" (Pe. Gaspar, em 30 de abril de 1828).

Seu quarto era assediado de inúmeras almas, que acorriam em busca da força de seus exemplos e da sabedoria de seus conselhos.

Rumo à cura

"A saúde reaparece aos poucos. Não piorou. "Posso deixar a cama, mas estou proibido de me levantar do sofá".

Pode celebrar no dia 15 de maio de 1828, festa da Ascensão. No entanto, esta regalia não lhe foi concedida nos dias seguintes.

Apenas desço para celebrar" - escrevia no dia 28 de agosto - "com muita dificuldade. Por três vezes quase me aconteceu um desastre ao altar. Depois da Missa, não desço mais pelas escadas, com exceção da sexta-feira, por grande necessidade. Zangam-se comigo se, com frequência, dou uma chegadinha até o quarto de Pe. Marani, doente também, para falar de assuntos importantes. A perna volta a inchar, e nos dias em que ando um pouco mais pelos quartos, ela mal sustenta o meu peso. Não gostaria que ela me obrigasse a me deitar, em seguida. Mas seja feita a vontade divina".

No final de outubro, Pe. Gaspar pode dispensar o controle dos médicos.

"No momento, meus pequenos incômodos não acredito que sejam para médico terreno. São incômodos habituais, conquanto não transponham os seus limites, como há dias ameaçavam fazer."

Se os males de Pe. Gaspar passaram em 1828, isso não se pode afirmar de suas consequências. Pe. Gaspar foi sempre um doente crônico. Saía de casa escassas vezes, pois não se fiava de sua perna e de sua vista acentuadamente fraca.

De quando em vez, punha-se de cama, até por períodos bastante longos, até chegar o ano de 1842, quando a doença o apanhou por onze largos anos.

“Considero-o um santo”

O Cardeal Luís de Canossa, Bispo de Verona, pode colher o mais abalizado testemunho a respeito da paciência de Pe. Gaspar, durante as suas longas enfermidades.

Assim escreve: O afamado cirurgião Luís Manzoni, por diversas vezes, contou a meu pai, em minha presença, como ficou fora de si de assombro. Isto se dava quando, por dever profissional, tinha que operar Pe. Gaspar, fazendo-lhe incisões desde o fêmur até o joelho, para tentar debelar um mal que estava criando cárie no osso.

“Tendo que se submeter por intervalos, até longos, a dolorosa intervenção, nunca notei nele o menor sinal de impaciência, de cansaço pela dor, ou de queixa, por menor que fosse.” Admirado, concluía: “Nunca vi um paciente daquela témpera, nas inúmeras operações que já fiz. Considero-o um santo”.

“Não eram senão de afeto a Jesus Cristo pregado à cruz as suas palavras e suspiros” - afirma o seu biógrafo. “Seu desejo era de sofrer ainda mais, para, de maneira mais completa, se assemelhar a seu modelo. Nisso está o segredo de sua fortaleza, que lhe dava direito a repetir, com São Paulo: ‘Completo o que me falta à paixão de Cristo’.”

Mensagem de confiança na divina providência

Durante o lento martírio que o foi consumindo, Pe. Gaspar se mostrou resignado e conformado. Essa conformidade supõe uma vontade já dominada, subjugada, não aniquilada. Somente o abandono consegue uma entrega ou submissão completa. Pe. Gaspar foi levado a se lançar confiante nos braços da Divina Providência pelo espírito de humildade e de pequenez que sempre constituíram a sua acentuada característica.

Repetia, em qualquer circunstância, até a mais difícil, que se deve agir “como a criança com sua mãe, que a segura entre os braços, e não quer ainda pô-la no chão”. “Nunca o filhinho se acha tão seguro como quando adormecido no colo da mãe: abandona toda preocupação e solicitude de si. Não escuta. Não vê. Não fala. Mas sua mãe vê, escuta e fala por ele. Quando acha conveniente, sabe e pode acordá-lo, pois está juntinho a ela”.

Impregnado deste espírito de filial abandono, encarava a sua doença como período de descanso. A ele cabia o papel de espectador, justamente da obra que Nosso Senhor pretendia realizar nele. “Fico a observar aquilo que Nosso Senhor está fazendo”, escrevia de seu leito. “Como Ele é bom!”

Situações difíceis que não lhe permitiam achar nem mesmo uma saída para qual solução, faziam-no concluir: *“A mim me parece que, agora como nunca, meu coração se dilata pela confiança que Deus em dá, em Sua bondade”.*

Repetia a sua jaculatória predileta: “Bendito seja Deus! Reine soberana a Sua vontade sobre os nossos corações. Seus desígnios em tudo se realizem”.

Procurai, antes de tudo, o reino de Deus

Fazer do problema da alimentação e da indumentária a preocupação incessante da própria vida é criar chocante contraste com o ensinamento do Evangelho.

Nunca se ouviu Pe. Gaspar levantar a voz com tanta ênfase como quando lhe parecia comprometida a confiança na Divina Providência.

“E não percebe a senhora com que força nos fala o Evangelho: ‘Procurai, antes de tudo, o Reino de Deus, e todo o mais vos será dado por acréscimo.’? Não queirais vos preocupar com o amanhã”.

Certo dia, rica e nobre família, prestes a perder os bens de fortuna e a reputação de nome honrado, procurou Pe. Gaspar para conselhos e conforto.

Pe. Gaspar, com a firmeza que lhe emprestava o inabalável abandono à Providência, disse: “Rezem, rezem e tenham absoluta confiança. *Amanhã, a esta mesma hora, voltem aqui. Estou certo da bondade Divina, que virão me trazer promissoras notícias a respeito daquilo que os preocupa”.*

De fato, o que se deu não desmentiu a afirmação de Pe. Gaspar. A família se apresentou para agradecer-lhe pelo benefício de se ver livre do perigo ameaçador.

“Verá que Deus providenciará”

Um outro Servo de Deus, de nome Pe. Nicola Mazza, havia recolhido algumas meninas, a fim de afastá-las dos ambientes deletérios em que se viam obrigadas a viver.

Certo dia, achava-se na Igreja recitando o Breviário. Assim, de repente, ouviu uma voz que lhe dizia: “O que vai fazer destas meninas? Onde as acomodará, pequenas como são?”.

O bom Sacerdote ficou como que atordoado frente às inúmeras dificuldades que se lhe afiguravam no momento.

“Logo depois - relata-nos - fui ter com um prudente, sábio e santo homem (referia-se a seu guia espiritual, Pe. Gaspar”. Falei-lhe das meninas. Antes de eu lhe perguntar, ele foi incisivo:

- “Faça alguma coisa por elas!”
- “O que devo fazer? Com quais meios?”
- “Comece a fazer!” - foi a resposta.

Pe. Nicola Mazza, sob o influxo daquelas palavras, fundou o “Instituto de Educação Doméstica para as Meninas Pobres”.

Anos mais tarde, ainda com o encorajamento e conselhos de Pe. Gaspar, lançava as bases do “Instituto de Educação para os Meninos Pobres”, de invulgar capacidade.

Em outra ocasião, foi solicitado a aceitar algumas meninas de cor, que certo padre de Gênova havia resgatado da escravidão. Pe. Nicola Mazza ficou perplexo, e resolveu não atender ao pedido.

Pe. Bertoni não concordou com o ponto de vista de Pe. Mazza.

- “O que farei com essas meninas de cor, quando forem grandes? Para onde mandá-las, caso não queiram permanecer no Instituto?”
- “Verá que Deus há de providenciar”, respondeu Pe. Gaspar.

Assim, Pe. Nicola criou outra obra, aquela que foi como o coroamento das outras duas, com a finalidade de conquistar a África pela África.

O DESABROCHAR DE SUA SANTIDADE

Conselheiro e cooperador de obras

Ao redor de Pe. Gaspar havia uma constelação de almas de grande relevância social, que abrilhantava o firmamento da igreja veronesa.

Além dos já citados Servos de Deus, Leonardo Mazza e Steeb, além da Beata Canossa e Naudet, outros tiveram a ventura de encontrar em Gaspar Bertoni o conselheiro esclarecido e cooperador prudente de suas obras. Citemos ainda Pe. Antônio Provolo, fundador da Companhia de Maria para educação dos Surdos-Mudos, e Teodora Campostrini, fundadora das Irmãs Mínimas da Caridade.

Mais tarde, nesta esteira luminosa se enfileiraram também Comboni, Nascimbeni, Agostini, Baldo, e, mais tarde, Pe. Calábria.

Sobre eles, pode-se afirmar que Pe. Gaspar exerceu a sua influência, criando, através de seu espírito de confiante abandono na Providência, aquele clima que criou condições ao florescimento, em Verona, de múltiplas obras de benemerência para a igreja e para a sociedade.

Oferta do canonicato

Um dia, Monsenhor Dionísio dei Marchesi Dionisi, Vigário Capitular, procurou Pe. Gaspar para anunciar a ele a decisão de nomeá-lo Cônego da Catedral. A tal anúncio, tão grande foi o choque que Pe. Gaspar quase desmaiou, e ainda não pode pregar os olhos à noite, nem comer.

Para nãovê-lo definhar a olhos vistos, viram-se, dias mais tarde, na contingência de abandonar a idéia ventilada.

Somente ao lhe anunciarem que havia sido escolhido outro em seu lugar é que Pe. Gaspar voltou a sorrir como antes.

“Humildes e baixos, baixos, baixos” - era o seu estribilho favorito.

“No entanto, vamos nos agarrar ao chão, para não cairmos, se nos erguermos acima de nosso pó.”

Aos pés do novo bispo

Dom José Grasser, austríaco, havia sido nomeado, em 1929, bispo da sede vacante de Verona.

Vejamos o reflexo do clima daquela circunstância. Assim escreve um cronista: “Podemos, agora, não mais nos considerar italianos, porque o governo civil, militar e eclesiástico é alemão”.

Entre o clero, havia quem fizesse coro aos preconceitos que impregnavam uma atmosfera antipática ao novo bispo.

Restabelecido de suas longas doenças, Pe. Gaspar foi incumbido de dar um curso de Exercícios Espirituais aos Sacerdotes. No encerramento, aparece Sua Excelênci para dar um fechamento especial, pronunciando breve alocução. A curiosidade dos presentes se aguçou ainda mais. Todavia, o êxito das palavras do Bispo superou toda expectativa.

Em seguida, reuniram-se padres e Pastor na sacristia, para uma homenagem, quando Pe. Gaspar, em um gesto admirável, e de surpresa para todos os presentes, se atira de joelhos ante S. Excia., beijando-lhe os pés, com lágrimas nos olhos.

De joelhos na rua

Em certa ocasião, encontrando-se Pe. Gaspar no miolo da cidade, perto da Torre de Londres, percebeu na outra calçada da rua o Bispo. Dirigiu-se, então, ao seu encontro para cumprimentá-lo. Justamente naquele mesmo momento, S. Excia., deixando a calçada, foi em sua direção. E... alcançando ambos o centro da rua, Pe. Gaspar, de joelhos, lhe pede a bênção.

Aquela atitude singular, em um lugar de tanto movimento, suscitou nos transeuntes profunda admiração.

O bispo Dom Grasser tinha pelos padres dos Estigmas tão profunda estima que, desde a sua primeira Carta Pastoral, os definiu: “homens notáveis pela dignidade sacerdotal, não menos do que pela virtude... afeitos e familiarizados com o labor cotidiano de instruir os meninos e educá-los desde a mais tenra idade...”.

Mas, para com Pe. Gaspar, esse bispo teve tão terno afeto e veneração a ponto de afirmar que “não estranharia absolutamente se, sobrevivendo a ele, o visse declarado santo pela Igreja, e colocado nas honras dos altares”. Tal estima se manifestava com as

frequentes consultas que o prelado fazia aos sábios conselhos de Pe. Gaspar. Diz o Irmão Paulo Zanolí: “o bispo vinha de carruagem às 16 horas, e voltava para casa às 20”.

De sua parte, Pe. Gaspar “costumava dizer que Dom Grasser foi dos poucos que o entenderam e penetraram bem na finalidade e no espírito da Congregação”.



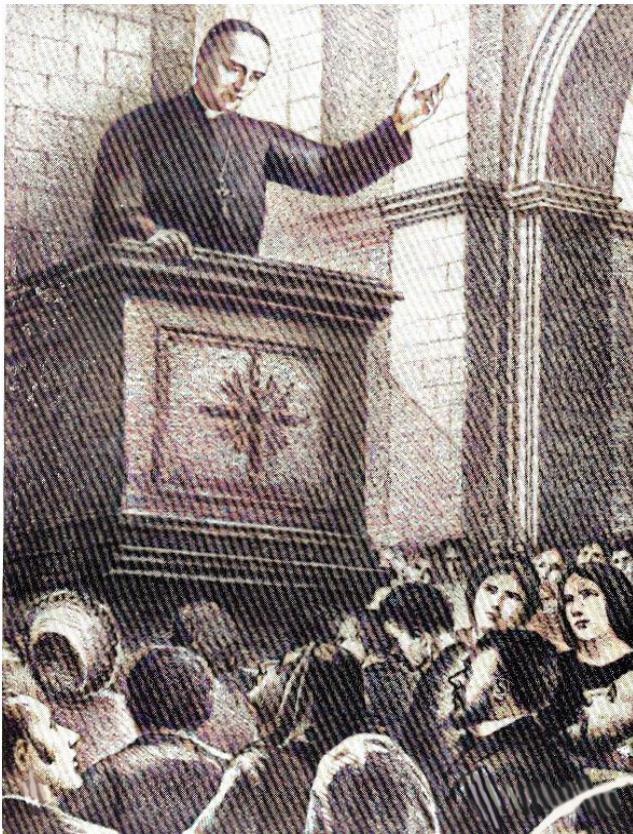
Ajoelhado, no meio da rua, em reverência ao Bispo.

A cólera

Nos meados de 1931, a cólera recrudescia nas regiões nordestinas da Europa, ameaçando invadir também a Itália.

Em Verona, os hospitais se equiparam; foram instituídas comissões sanitárias; foram emanadas disposições higiênicas à população, já desorientada.

O Senhor Bispo prescreveu, em agosto, um tríduo de penitência em todas as igrejas, a começar pela catedral. Foi Pe. Gaspar quem ocupou o púlpito naqueles dias.



Pe. Gaspar pregou um tríduo de penitência na Catedral, ante a ameaça da cólera.

“Todas as preocupações não bastam para afugentar o mal, se Deus Nosso Senhor nos quiser castigar. É preciso, então, aplacá-lo.” Assim, começou o pregador, na manhã do primeiro dia.

À noite, depois do segundo sermão, recitaram o *Miserere*. Cantaram o *Tantum Ergo* sem acompanhamento de órgão, e foi dada a Bênção do Santíssimo com pouca iluminação.

No terceiro dia, Pe. Gaspar se apresentou com uma novidade: “Alegres, não tenhais apreensão, e tranquilizai-vos!”.

O que teria acontecido?

“Com que alegria seria recebido quem tivesse a ventura de se anunciar descobridor do remédio para sarar e afugentar a peste! Todos se preocupariam em possuí-lo a qualquer preço. E quem não estivesse ao alcance de fazê-lo, apelaria para a bondade dos amigos e do próximo, e recorreria à generosidade pública.”

"O remédio - conclui Pe. Gaspar - para curar não só as pessoas, mas também as cidades, como por encanto, foi encontrado."

E lhes apresenta a receita contida neste trecho da Sagrada Escritura, II Cr Cap. VII, 13-14: "quando enviar a peste contra meu povo, se meu povo sobre o qual foi invocado o meu nome, se humilhar, se ele procurar a minha face para orar, se ele renunciar à sua conduta perversa, escutarei do alto dos Céus, e sanarei o seu país".

Penitência, oração e confiança em Deus pouparam à cidade a terrível peste.

Cenas comoventes

"Em uma visita a um doente, reuniu as crianças da casa, rezando com elas pela saúde do enfermo, com grande edificação dos presentes."

Quando suas longas enfermidades o retinham longe de seus rapazes, de vez em quando fazia-se carregar em sua grande cadeira até o fundo das escadas, para vê-los e abençoá-los. Enquanto os alunos desfilavam na sua frente, para cada um ele tinha uma boa palavra ou um dito gracioso.

"No segundo domingo de outubro de cada ano," - escreve Pe. Peruzzi, antigo diretor do Oratório de São Paulo - "eu conduzia todos os rapazes à Igreja dos Estigmas; depois da função, ia com os maiores visitar Pe. Gaspar, em seu quarto. Como suplicavam todos a graça (assim diziam) de ver o santo! E ele sentia-se feliz por poder chamar os seus antigos amigos pelo nome, dando a todos, como o velho Tobias, conselhos salutares!".

Recobrou a saúde com uma bênção de Pe. Gaspar

Em 1833, o províncio de Verona, Monsenhor Luís Castori, foi levado às últimas por uma deplorável doença.

Pe. Gaspar, cujos vínculos de amizade a ele o prendiam, visitou-o e lhe deu a sua bênção. Deste aquele momento, o enfermo se reanimou e se restabeleceu.

Outra bênção com efeito imediato

A notícia da saúde de Mons. Castori correu como um relâmpago, por todos os cantos. Multiplicaram-se, assim, os que recorriam a Pe. Gaspar para se recomendarem às suas orações, e solicitar a sua bênção.

"Estávamos em agosto de 1834" - escreve Tubaldini di Stallavena - "quando o meu filho, Marino, de tenra idade, tendo perdido a mãe, caiu gravemente enfermo. O médico, a cujos cuidados havia sido entregue, conheedor de sua fraca constituição, declarou incurável a doença, e o caso perdido. Meu coração, dilacerado pela morte de outros filhos, inquietava-se com a perspectiva de perder mais este. De repente, ocorreu-me a lembrança do ocorrido com Mons. Castori, que, há pouco tempo atrás, reduzido aos extremos por grave doença, havia recuperado a sua saúde após a bênção de Pe. Gaspar. Solicitei dele, então, o conforto de sua visita. Fui atendido. Veio. Viu-o. Rezou. Abençoou-o, e o exortou a confiar em Deus.



No mesmo instante, o menino começou a melhorar.

Prodigiosamente, meu filho readquiriu, de súbito, a sua saúde, que antes vinha se definindo cada vez mais, sem esperança alguma.

Um médico curado

O Dr. Francisco Visoni por várias vezes atestou que, por nenhum outro meio recuperou a saúde de uma doença mortal a não ser pela imposição das mãos de Pe. Gaspar, e pela eficácia de suas orações.

A febre desapareceu

“Estava sendo importunado” - afirma-nos Sante Mariotti - “por uma febre tão irredutível, pertinaz e rebelde, que tornava inútil qualquer cuidado. Já descria da minha saúde. Mas ocorreu que, em um belo dia, por negócios, dirigi-me ao centro da cidade. No caminho de volta para casa, passando pela Praça Bra, assaltou-me, de repente, um frio e um calafrio tão fortes que me fizeram bater os dentes, e o meu corpo tremer de modo impressionante. Felizmente, entre outras coisas que deveria fazer, tinha que ir buscar uma carta de Pe. Gaspar. Embora, para ir ter com ele, devesse me desviar do trajeto de volta para casa (aonde não via a hora de chegar), fiz o que pude para me desobrigar também daquela incumbência.

Felizmente, porque assim encontrei o remédio, que médico nenhum me receitou. Pe. Gaspar, vendo-me pálido, tremendo, perguntou-me o que eu estava sentindo. Revelei-lhe tudo.

“Venha aqui” - disse ele com afabilidade e confiança - “venha aqui, meu querido Sante!”. Tomou-me pela mão. Conduziu-me onde guardava um vidrinho com óleo de São Zenão. Recomendou-me fé no santo protetor.

Ungiu-me a testa, enquanto pronunciava palavras que não entendi, mas que pareciam dos Santos Evangelhos. Impôs-me de rezar por alguns dias um Pai Nosso, uma Ave Maria e um Glória a São Zenão, com a confiança de alcançar a graça.

Admirável! A graça já havia sido obtida! Em um abrir e fechar de olhos, senti-me sem febre. Nunca mais reapareceu, depois que São Zenão, e também Pe. Gaspar, me deram o remédio próprio dos Santos.”.

Múltiplos recursos ao Servo de Deus

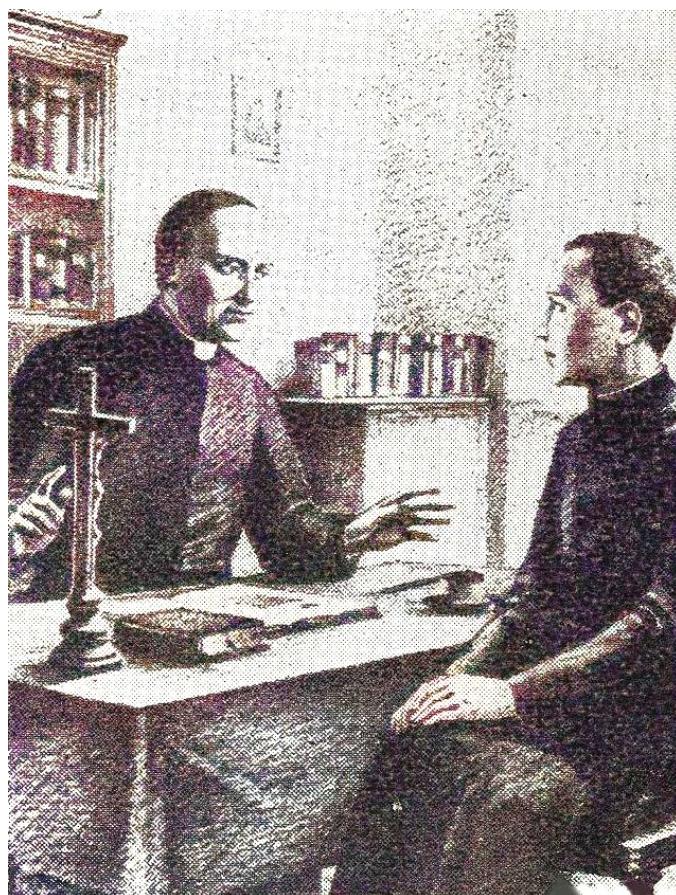
A fama das virtudes de Pe. Gaspar difundia-se pela província de Verona, e pelas regiões mais afastadas.

Diversas pessoas dirigiam-se a ele, por carta, na esperança de alcançar, por seu intermédio, a graça de que precisavam, tanto na ordem espiritual como na material. As mães, em particular, procuravam-no nos Estigmas, apresentando-lhe roupas, para que, pela bênção, conseguissem o favor desejado em prol dos doentes que as usariam.

“Penetrou nos segredos da minha consciência”

Seu primeiro biógrafo, Pe. Caetano Giacobbe, conta como se deu o primeiro encontro com Pe. Gaspar, na ocasião do exame de sua vocação.

“Direi somente isso. Não obstante fosse a primeira vez que tive a felicidade de lhe ser apresentado, e ninguém lhe tivesse falado de mim, todavia de tal maneira penetrou nos segredos da minha consciência, e tanto se inteirou das minhas necessidades espirituais, que, se tivesse sido desde a infância meu diretor espiritual, não se teria pronunciado melhor.”



“Leu no íntimo da consciência.”

O milagre da humildade

“Desde aquele momento, achei verdadeiro milagre a sua humildade profunda” - prossegue Pe. Caetano.

"Por exemplo, nunca se acostumou a ser tido como homem de conselho. Não cansava de se maravilhar quando percebia que vinha sendo procurado.

Certos fatos que causavam admiração, atribuía-os ele a Nossa Senhora, a São José, ou a outros santos, que nomeava para aumentar a devoção dos que o procuravam."

Sorriso que anima e conforta

O afamado escritor, Pe. Antônio Bresciani, cofundador da *Civiltà Cattolica*, afirmava que o caminho para chegar à Companhia de Jesus foi lhe aplaudido por Pe. Gaspar Bertoni.

"Fui ter com ele nas intrincadas circunstâncias de atender ao chamamento para ingressar na Companhia de Jesus, que o mundo me dificultava de mil modos. Os conselhos daquele homem conduziram-me em meio a muitas oposições, animaram-me nos múltiplos abatimentos, e me consolidaram ante as perplexidades, de modo que sempre reconheci como grande benefício de Deus e de Pe. Gaspar ter chegado ao porto da Religião."

A respeito do "caráter mais conspícuo de santidade daquele homem extraordinário", dizia: "Tenho a impressão de que todas as suas ações eram ponderadas e dirigidas ao âmbito do Divino Espírito Santo".

"Admirava nele a Santidade nobre, cortês, generosa, o sorriso celestial, a graça suave, a caridade que se enternecia com os sofrimentos e preocupações dos que dele se aproximavam para conselho e ajuda."

"Todas as suas atitudes, palavras, olhares, eram um conforto. Parece que humildade tão simples, e ao mesmo tempo tão profunda, dificilmente se encontra em alguém de modo tão acentuado como em Pe. Gaspar."

Anjo do conselho

Depõe Mons. Serenelli: "De quem lhe pedia conselho, queria a exposição clara do caso; não respondia logo, mas colocava-se em oração, pedindo luzes a Deus. Então, respondia: "Faça assim, e basta; e fique tranquilo!".

A um nobre que, depois do conselho, continuava em dúvidas, disse: "Senhor Conce, olhe que Nosso Senhor Jesus Cristo não sofria de escrúpulos, não!".

Em 1841, Pe. Luís Artini, pároco de São Lucas em Verona, suportou o peso de tremenda calúnia, que ameaçava abater-lhe o ânimo e paralisar-lhe o ministério. Pe. Ludovico Bonvicini, SJ, escrevia-lhe de Roma uma carta de amigo, concluindo assim: “Já que o homem necessita, muito frequentemente, ser confortado por um irmão, você conhece, já por experiência, o Anjo do Conselho, que vive nessa grande alma do Pe. Gaspar Berloni; vá, portanto, com frequência, àquela fonte. Oh, como creio que hão de lhe trazer conforto as suas santas palavras, ouvidas com método”, quer dizer, em um curso de Exercícios Espirituais.

Pe. Antônio Bresciani asseverava: “Pelo que sei, em Verona ninguém empreendeu uma obra de Deus sem consultar Pe. Gaspar. Os homens mais sérios e espirituais deixavam-se guiar pelos seus conselhos nos problemas da alma e nos de suas ocupações domésticas ou civis, quer particulares ou públicas. Quando um dizia: “estou perplexo com este problema” - se lhe respondia logo: “consulte Pe. Gaspar”.

Assim escreveu Pe. Caetano Giacobbe: “Afirmo, sem rodeios, que não houve personagem de qualquer condição e dignidade, daqui ou de outras nações, magnatas, príncipes, soberanos, bispos, cardeais, que não se tenham julgado felizes de poderem repetir um pensamento dele, um conselho, ou de tê-lo apenas visto e ouvido”.

Mas, valha por todos o testemunho do Cardeal Luís de Canossa: “Toda vez em que recorri ao Pe. Gaspar para um conselho, um conforto, ou uma direção espiritual, encontrei-o sempre com o mais doce sorriso nos lábios, mesmo quando martirizado pelas dores, atento e solícito a quanto eu lhe pedia, esquecido de si e de seus males, com uma humildade, prudência, suavidade e concentração tão clarividentes que eu e quantos a ele recorríamos nos sentíamos bem compensados, contentes e satisfeitos; os fatos depois mostravam quanto aqueles conselhos tinham sido sábios e oportunos”.

“Também minha tia, a Venerável Madalena de Canossa, muitas vezes precisou dele para conselhos, e não se cansava de demonstrar a veneração que tinha para com ele, como para um santo.”

Ardil para retrato

Quando os padres manifestaram a Pe. Gaspar o desejo de possuir o seu retrato, ele se opôs com a mais decisiva recusa.

Mas, certo dia, o advogado Miguelângelo Smania, conselente legal de Pe. Gaspar, foi visitá-lo, acompanhado de seu amigo Caetano Vedovelli, pintor de profissão. Este, depois da devida apresentação, deixou que entrassem em assuntos, o advogado e Pe. Gaspar. Colocou-se ao seu lado, e, aproveitando-se da miopia de Pe. Gaspar, às pressas, traçou os contornos e linhas das suas feições. Já de posse de essencial, em casa completou o trabalho, conseguindo assim o único retrato autêntico de Pe. Gaspar, que se conserva na Casa Mãe em Verona.



Único retrato de Pe. Gaspar
pintado com ele em vida, pelo
pintor Caetano Vedovelli.

As pegadas do pai

Para alguém se associar à vida austera de Pe. Gaspar, fazia-se indispensável uma boa dose de coragem e disposição para tudo.

Desta têmpera foi Pe. Modesto Cainer, sacerdote de profunda humildade e de contínua oração. À sua morte, julgaram cometer injustiça com rezar-lhe o “*de profundis*”.

Pe. Francisco Benciolini foi também uma dessas almas arrojadas e da mais alta distinção. Repleto de zelo pelas almas, e de todo desvelo pelos pobres, definiram-no como “a candura em pessoa”. Todos o estimavam como um santo, na vida e na morte.

Pe. Inocente Venturini, eficaz e abalizado pregador, catequista genial no dialeto veronês, atraía a seu púlpito multidão interminável, dos quatro cantos da cidade. Seus sermões eram repetidos nas casas, nas oficinas. No entanto, prezava declarar-se “o mais desprezível nos Estigmas”.

Pe. Carlos Fedelini, que ingressou em 24 de outubro de 1826, aos dezesseis anos, foi o primeiro aspirante Estigmatino.

Ocupou a cátedra de Teologia Moral no Seminário de Verona por vários anos. Por meio da devoção a Nossa Senhora, realizou um bem imenso à juventude. Foi sepultado tendo entre os dedos dois bonitos versos em honra a Nossa Senhora, compostos pouco antes de dar o último suspiro.

O Clérigo Luís Biadego, certa manhã, bem cedo, havia deixado a colina de São Leonardo para chegar aos Estigmas, com as portas ainda fechadas.

No ardor de se entregar a Nosso Senhor, havia fugido de casa, às escondidas dos pais. Felizmente, durante o dia, o pai o alcançou com uma carta, em cujos dizeres lhe dava o perdão, e lhe comunicava a permissão de se unir a Pe. Gaspar. Foi afortunado por ter pressa em se tornar santo, porque a irmã morte o colheu com apenas 34 anos. São José o havia avisado do dia derradeiro.

O primeiro a trocar os rigores e delícias dos Estigmas com a visão de Deus foi o irmão Ângelo Casella. Dele se afirmou, com verdade, que foi anjo não só de nome, mas de fato.

A respeito do Pe. João Batista Lenotti, é suficiente registrar que, quando galgava o púlpito, “todos ficavam impressionados pela sua modéstia, gravidade e macilência, e diziam: ‘é um santo que está pregando’”.

Luís Ferrari, clérigo exemplar, dias antes de morrer, ao enfermeiro que havia lhe trazido algo de apetitoso, como que amavelmente surpreendido, disse: “Por que isso? Já não me preocupo senão com o Céu.”

Com exemplos tais, se bem que apenas encenados, não nos admiram as palavras do escritor alemão Luís Schlör, que, referindo-se ao que havia ouvido, afirmaria que “toda Verona considerava ‘santos’ os padres dos Estigmas, e não sabia como defini-los senão os chamando de ‘pérola escondida do clero veronês’”.

Dos Estigmas à Corte de Viena

No dia 5 de julho de 1835, a comunidade se reuniu na sala de conversação e recreio comum. Dispôs-se, ao redor de Pe. Gaspar, que assim se pronunciou: “É vontade de Deus, manifestada por S. Excia., o Senhor Bispo, que nosso confrade Luís Bragato nos deixe, rumo a Viena. Rezemos para que Deus Nosso Senhor o abençoe na missão que empreenderá.

Pe. Bragato havia sido solicitado a ir à capital da Áustria como confessor da Imperatriz Maria Ana de Savoia, esposa de Fernando I.

Pe. Bertoni, ao enviar o seu querido filho a tão importante missão, impôs-lhe duas condições: que seus trabalhos fossem gratuitos, e que não aceitasse nenhum sinal de distinção.

Não desmentiu nem nesta circunstância a fidelidade a seu princípio: “humildes e escondidos”.

Foi-lhe repetindo em suas cartas: “Não vos esqueçais daquela: “baixos, baixos, humildes e escondidos”, tanto nosso. Deveis ser grato a Nosso Senhor, que, parecendo aos olhos do mundo que vos tenha afastado de nossa comunidade, conserva-vos bem dentro do vosso “humildes e escondido.” (21 de outubro de 1835).

Pe. Gaspar, por ocasião da renúncia da mitra abacial, lhe escreveria outra vez, no dia 11 de abril de 1848: “Havia me esquecido de me congratular convosco pela renúncia à mitra; se bem que devemos o nosso reconhecimento a quem a ofereceu. Seguistes o ‘baixos, baixos, humildes e escondidos!’ *‘Et humiles spíritu salvabit.’*”.

Sezano: o Papa se comoveu até às lágrimas

No ano de 1838, Pe. Gaspar, em obediência à orientação do Bispo, comprou uma propriedade em Sezano. Todavia, levado pelo seu profundo espírito de abandono na Providência, não demorou em depositá-las aos pés de Sua Santidade Gregório XVI.

Tão nobre gesto arrancou lágrimas do Pontífice.

“Vejam o que me escreveu um padre de Verona” - disse o Papa, em uma audiência a dois sacerdotes veroneses. “Esta carta me fez chorar”. Mas o Santo Padre, agradecido, recusou a oferta.



A propriedade adquirida por Pe. Gaspar em Sezano, Verona, em 1838.

Filial submissão ao Sumo Pontífice

O amor e submissão que Pe. Gaspar nutria para com o Vigário de Cristo manifestava-se em inequívocos atos de veneração e respeito.

Assim fala o seu biógrafo: “Com os meus olhos o vi diversas vezes, descobrir-se ao nome do Sumo Pontífice. Ouvi dizer que, ao ler algum seu rescrito, se punha de joelhos”.

Na ocasião em que recebeu a bênção papal para a sua Congregação, mostrou-se eufórico. Costumava dizer que, mais do que em outros meios humanos, depositava confiança na bênção do Vigário de Cristo.

Caso ouvisse alguma palavra pouco respeitosa em relação ao Papa, ou descobrisse nas colunas dos jornais ou revistas algo que o desabonasse, então a sua eloquência se tornava “um raio, um fogo”.

Havia se empenhado, com ardor, na compilação de uma obra sobre o Primado do Sumo Pontífice, que caso saísse do prelo seria algo de impressionante. Ainda se conservam mais de duas mil folhas, em formato grande, em que transcreveu, com paciência de monge, os documentos necessários para o seu trabalho.

Dizia: “a quem poderá desagradar o que agrada ao Vigário de Cristo? A quem poderá parecer injusto e inconveniente? Escutemos a Cristo, e a seu Vigário. Caso ficássemos sozinhos, como Noé na arca contra todos, poucos ou sozinhos, seríamos salvos nela, fora da qual não há salvação”.

O espírito dos “Fioretti”

Por mais que padres e irmãos falassem das maravilhas do lugar onde se encontra a propriedade de Sezano, nada moveu Pe. Gaspar a lhe fazer uma ligeira visita.

Certa feita, levado por reiterados convites, tendo tomado a carruagem rumo à localidade, apenas fora da cidade, ordenou ao cocheiro que o reconduzisse para casa.

A mesna coisa fez em 1836, depois de ter fundado uma pequena comunidade próxima à Igreja de Santa Maria do Lírio. Movido pela instância de seus padres, havia saído com o Irmão Paulo Zanoli para visitá-la pela primeira vez. Mas, alcançada a ponte do Ádige, pediu-lhe que mostrasse mais ou menos o lugar da casa, e disse: “agora vamos voltar, porque já vi”.

Na escola do Pai, seus filhos espirituais aprendiam a abraçar a renúncia alegremente.

Pe. Biadego tinha profunda aversão pelo estudo do idioma hebraico. Pe. Gaspar, para exercitá-lo na mortificação, obrigava-o a transcrever alguns salmos naquele idioma.

Ao Pe. Venturini, como a um principiante, impunha que lesse, no refeitório, os seus sermões, dando a todos a liberdade de criticá-los.

Pe. Gramego havia arrumado em Sezano uma ninhada de melros. Já no ponto de voar, Pe. Gaspar fez questão devê-los. Chegado à janela, soltou-os, dizendo: “Vão em paz, que Pe. Gramego lhes dá plena liberdade”. O Padre, que ficara sem seus passarinhos, entre contrafeito e humilhado, agradeceu ao seu Superior e lhe beijou as mãos.

O mesmo padre cuidava do jardim. Certo dia, Pe. Gaspar o chama, e lhe diz: "Escute, Pe. Miguel. Quer o senhor arrancar lá do jardim aquela planta à qual apega o coração?". - "Neste instante, Padre". E lá foi ele a executar o desejo de seu superior.

Último sermão

Refere-nos João Batista de Massari, testemunha ocular da descoberta do corpo de São Zenão em 22 de março de 1838, que a procura dos despojos do Pai da Igreja Veronesa se havia dado em força da visão do Pe. Medici, filipino, enquanto celebrava na Basílica do mesmo santo.

Deslumbrantes foram os festejos do padroeiro de Verona. Duraram sete dias. Participaram Bispos e Cardeais. Fizeram uso da palavra no púlpito daquela igreja os mais falados oradores de então.

Na série deles, o terceiro - lemos na crônica de Pe. Massari, conservada nos arquivos dos Padres Filipinos: "Foi o Revmo. Pe. Gaspar, digníssimo Superior dos Estigmas. Esse sacerdote, não obstante já de muita idade, teceu o seu panegírico bem longo. Levou-o a cabo à perfeição, com a sabedoria celeste. O povo todo, e o próprio Bispo, ficaram tocados de admiração. Oportunidade a mais para conhecer a heróica santidade deste queridíssimo Ministro do Altar".

Dias após, um sacerdote, a mando do Sr. Bispo, procurou Pe. Gaspar, com ordem expressa de entregar o manuscrito para ser publicado.

Pe. Gaspar não relutou. Mas, ao lhe entregar o caderno, não pode reprimir as lágrimas, pois sentia muito não poder continuar oculto.

À cabeceira do Bispo

Ainda não se haviam silenciado os ecos das solenidades de São Zenão quando se soube que Dom Grasser, bispo diocesano, de súbito, estava nas últimas.

Verona recolheu-se em oração, e... esperava-se um milagre. O clero mostrou-se edificante. Todos desejavam estar junto a seu Pastor, ao pé de seu leito, "para assisti-lo, chorar e rezar".

Assim escreve Pe. Camilo Bresciani: "Lá estiveram, um após outro, os Superiores das Ordens. Eu é que os apresentava ao querido moribundo. Pe. Bertoni para lá foi transportado nos braços dos sacerdotes veroneses, como a um santo. "Excia." - disse eu

- “aqui está Pe. Gaspar, para uma breve visita”. Respondeu o bispo: “Quanta distinção do meu Pe. Gaspar!”.

“O homem de Deus” - assim denominavam Pe. Gaspar - “foi tomado de tão grande dor que, devido aos seus soluços e lágrimas, não pode nem sequer dizer alguma oração”.

“Isso nos mostrou que Deus Nosso Senhor já chamava o bispo, já preparado para o Céu.”



À cabeceira do Bispo doente.

Um convento em alvoroço

Em um período de sede vacante, houve grande agitação em um dos conventos de Verona. Cerca de quarenta freiras, entre noviças e professas, deram impressão de que eram objeto de obsessão diabólica. Uma delas, mais perturbada, chegou a escrever uma carta excêntrica e se atirou, amarrada a uma pedra, janela abaixo, em plena rua.

Recolheram-na alguns soldados, que, por acaso, passavam. Inútil dizer que o fato impressionou.

Os ecos do estranho acontecimento voaram até aos ouvidos do Imperador, em Viena. Despacharam ordem ao governador da Província de Veneza para que pusesse paradeiro a tão desairoso fato.

O governador, com a maior rapidez possível, procurou Pe. Pedro Aurélio Mutti, abade do Mosteiro de Praglia, já naques dias eleito Bispo de Verona. O bispo eleito, tomando conhecimento do fato, solicitou ao governador que não se envolvesse naquele caso, pois daí a alguns dias, à sua chegada, tomaria as devidas providências.

De fato, assim que tomou posse da Diocese, o novo bispo examinou pessoalmente as infelizes freiras, antes de todas a que havia escrito a carta. Não tardou em descobrir que se tratava unicamente de doentes mentais, e não de pessoas endemoniadas. Despachou duas ou três delas, que considerou sem vocação religiosa. Afastou o confessor. Proibiu o contato de todos os padres que iam ao convento para exorcizá-las.

Substituiu a todos por Pe. Gaspar, “muito piedoso e esclarecido em doutrina e prudência” - foram suas palavras. Pe. Gaspar, em pouco tempo, conseguiu que florescessem a disciplina religiosa e a tranquilidade naquela casa. Daí em diante, o convento primou pelos exemplos de virtude, e deu somente motivos de consolação a seu Pastor.

Conselheiro municipal de Grezzana

No dia 30 de janeiro de 1841, Pe. Gaspar recebeu o seguinte ofício: “A egrégia Delegação Provincial, pelo decreto de 4 de dezembro de 1840, em seguida à deliberação deste Conselho Municipal, considerou por bem nomear Vossa. Revma. conselheiro municipal, em substituição ao terceiro vogal, para o triênio 1841-1843”.

Não estamos à altura de avaliar os limites de atividade de Pe. Gaspar junto ao Conselho Municipal de Grezzana. Todavia, não deixa de ser honroso para a vila poder contar, no seu corpo administrativo, com um Servo de Deus.

O “lixo” de Pe. Cartolari

Pe. Conde Francisco Cartolari havia abandonado as comodidades de sua casa para entrar nos Estigmas, e viver o espírito da mais rígida pobreza. Sua virtude havia chegado ao ponto de agradecer a Pe. Bertoni pela pouca comida que lhe era

apresentada à mesa, como faria um mendigo, na contingência de agradecer por uma esmola superior à que havia solicitado.

Pe. Cartolari faleceu em 1846. Deixou a Pe. Gaspar, herdeiro de seus respeitáveis bens, valor avaliado em bem mais de meio milhão de liras austríacas daquele tempo. Na suposição de eventual recusa de Pe. Gaspar, havia constituído seus herdeiros mais três confrades, sucessivamente.

Pe. Gaspar, após ter apreciado a última vontade do falecido, exclamou: “Oh! quanto a mim, não quero nem um vintém”. E, dirigindo-se a seus companheiros, prosseguiu: “Quanto a vós, pensai bem.”.

O resultado de tudo isso foi que, no mesmo dia, lavrou-se documento de renúncia, assinado por Pe. Gaspar, Pe. Gramego, Pe. Brugnoli e Pe. Benciolini, os quatro testamentários.

Não parou aqui o desenrolar daquela quadro impressionante. Pe. Gaspar reuniu todos os seus filhos espirituais no oratório doméstico da Transfiguração. Acendeu as velas. Dirigiu-lhes oportunas palavras sobre as vantagens de seguir Jesus Cristo pobre. E, concluindo, entoou o *Te Deum*, em agradecimento.

O homem de Deus, escreveu a Pe. Bragato, então em Viena, dizendo-lhe: “Nosso Senhor me concedeu a ventura de varrer para fora de casa o lixo de Pe. Cartolari, para, em troca, reservar-nos a herança de sua virtude”.

Fecundidade de uma renúncia

Passaram-se vários anos. Irmã Maria Cartolari, filha da Caridade desde 1896, estava em condições de nos fornecer dados a respeito do que aconteceu com os bens recusados por Pe. Gaspar e seus companheiros.

Assim escreveu, em 1954: “Tratei bem pouco de negócios, e não acompanhei de forma alguma o desenrolar das divisões. Recebi o que me tocava, isto é, os terrenos generosamente cedidos por Pe. Gaspar, e por ele chamados “lixo da Casa Cartolari”. Eram ótimos terrenos; neles, também, havia uma capela aberta ao público aos domingos, em que exercia o ministério um capelão”.

“Meu irmão cometeu ‘a loucura’ de vendê-los por uma ninharia. Desígnios da Divina Providência! Com o que foi apurado, talvez por instâncias do querido Santo,

adquiriu-se uma casa, onde, desde 1932, são acolhidas meninas pobres, infelizes vítimas de desventura e do pecado, justamente em uma idade em que não são aceitas, geralmente, nos outros educandários. A obra começou com três. Hoje, são cerca de setenta. Possuímos, outrossim, outro educandário que as acolhe, aos 7 ou 8 anos, e as continua assistindo. Comprei, além disso, uma casa de campo em Verna, para as jovens operárias passarem as férias, restabelecendo a sua saúde, e se robustecendo na vida religiosa e moral. Obra esta cuja necessidade se fazia sentir, e que traz tantos benefícios” (Arezzo. Instituto Aliotti, 14 de março de 1954).

“Tinha a impressão de tocar o corpo de um santo”

Vejamos, agora, o que nos conta o Pe. João Beltrame (missionário na África Central), quarenta anos depois.

“Quem me pregou os exercícios espirituais para a ordenação, em 1849, junto a outros companheiros de classe, foi Pe. Gaspar. Eu os fiz no quarto junto ao seu. Ainda hoje, conservo em cores bem vivas a impressão que então experimentava ao ouvir as suas instruções. Apresentava-as ricas de sentenças escriturísticas dos Santos Padres, dos Mestres da vida espiritual, e de abalizados teólogos, entremeadas com passagens da vida dos santos. Falava com tanta modéstia e simplicidade que se tinha e impressão de que a sua finalidade era imprimir nas mentes e nos corações o espírito do qual era possuído”.

“E Pe. Beltrame continua: “Findas as instruções, tive a felicidade, por diversas vezes, de ajudá-lo a se levantar da cadeira de braços, por estar com as pernas em mau estado. Digo a verdade: tinha a impressão de tocar o corpo de um santo.”

Contínua peregrinação

O afluxo ao quarto de Pe. Gaspar não poderia ter sido mais bem definido do que: “contínua peregrinação”.

Enfileiravam-se bispos e cardeais, imperadores e príncipes, eclesiásticos e leigos, daqui e de outras terras.

O Imperador Fernando deu a sua chegadinha durante as festas outonais de 1838. À hora da despedida, solicitou as orações do “homem de Deus”.

Certo senhor nobre, Conde Maruffi de Placença, não deixava de e encontrar com Pe. Gaspar, toda vez que ia a Verona. Aconteceu que, em uma daquelas vezes, não lhe teria sido possível concretizar o seu desejo, devido ao estado de saúde de Pe. Gaspar. Mas ele não arredou pé de Verona, até que a sucessiva melhora de Pe. Gaspar lhe permitisse vê-lo e falar com ele.

Ao descer as escadas, repetia: “Também desta vez Deus, Nossa Senhor, me deu a graça de visitar este santo homem! Que homem de Deus é Pe. Gaspar!”.

Visitado pelo bispo de Treviso, acolheu-o com tal reverência e estima pela alta dignidade episcopal, que se debulhou em lágrimas. E Pe. Fedelini conclui: “pouco depois, aquele prelado nos disse: ‘Não precisa mais nada! Vocês têm um grande santo por superior’”.

Na escola do sofrimento

Desde 1842, a saúde de Pe. Gaspar começou a registrar um constante declínio. Não foi possível diagnosticar com precisão o caráter do mal, que não mais o deixaria, nos seus últimos anos de vida.

As enfermidades anteriores, que lhe dificultaram os movimentos, os incômodos de estômago, e o acúmulo das ocupações, poderão talvez nos dizer a causa do mal. Permanece, substancialmente, o mistério de tão longo sofrimento, que não encontra explicação senão trazendo como elemento plausível o desígnio da Providência. Pe. Gaspar deveria ser uma imagem de Jesus crucificado.

A suavidade de suas maneiras conservou-se inalterada. Sua alegria lhe facultava poder encobrir a agudeza dos tormentos.

Evocando as habilidades cômicas da juventude, afloravam-lhe sempre aos lábios versos, gracejos e gestos, com que animava os que lhe prestavam serviço.

Às vezes, a brincadeira se referia a uma comida, ou mesmo a um remédio que lhe causava enjoos, mas que tomava como se fosse a coisa mais agradável.

Ir. Paulo lhe trouxe um gorro para a noite.

- “Está parecendo muito estreito” - disse Pe. Gaspar.

- “Garanto que não é, senhor padre.”

- “Então, venha colocá-lo.”

Custou, mas, enfim, o gorro passou pela cabeça.

- “Muito bem!” - exclamou o padre. “Aposto que você, agora, consegue fazê-lo chegar até o queixo. Experimente.”

Ir. Paulo puxou, puxou, até o conseguir que o gorro cobrisse inteiramente o rosto do ancião, que parecia mascarado. Riram à vontade, mascarando, por instantes, as indizíveis dores do paciente.

+

- “Como está passando, Pe. Gaspar?”

- “Estou aqui, na boa vida!”

+

Quando lhe apresentavam alguma comida, dizia:

- “Sou um preguiçoso, que come sem ganhar.”

+

- “Como vai, Pe. Gaspar? - perguntaram-lhe dois professores do Seminário.

- “Vejam, estou na escola!”

Com esta resposta, o doente queria dizer que era um simples aluno, que devia ainda aprender na “Escola de Deus”, de modo especial quando são dadas as lições do sofrimento.

A conversão de um protestante

“Ano e meio antes do passamento de Pe. Gaspar” - narra-nos Pe. Francisco Falezza - “fui visitá-lo, como fazia frequentemente. Contei-lhe, então, que a senhora Giorgio Radius, protestante, pedia todo dia a Nossa Senhora a conversão de seu marido.

Ao ouvir isso, vem à minha lembrança que seus olhos brilharam, e seu rosto de transformava. Elevando um pouco a voz, disse: “Aquela senhora, continue, sim, a pedir a Nossa Senhora. Se perseverar na oração, com certeza, haverá de alcançar a graça”.

Esta afirmação se tornou realidade depois da morte de Pe. Gaspar.

E Pe. Francisco Falezza continua a sua narração:

“Em janeiro de 1856, João Giorgio Radius ficou gravemente doente. Não havia jeito de entrar no assunto da mudança de religião. Sua esposa continuava rezando. Os amigos católicos estavam aflitos com a resistência protestante.

Mais consternados ainda estavam meus padres, já a par das palavras de Pe. Gaspar.

No dia 20 do mesmo mês, aprouve a Deus iluminá-lo com os raios de Sua glória.

Reconheceu o erro. Transformou-se, a ponto de pedir à esposa que chamassem um sacerdote, para depois de abdicar ao protestantismo, morrer como católico”.

Foi lhe administrado, sob condição, o batismo. Confessou-se. E, pelas mãos do Bispo, que o havia visitado, recebeu o sacramento da Crisma e o Santo Viático. Entregou a sua bela alma a Deus no dia 24 de janeiro.

Nossa Senhora lhe concedeu esta graça, como Pe. Gaspar havia predito.

Até à vista, no Céu!

Pe. Gaspar havia garantido aos padres Filipinos que o Pe. Bartolomeu Morelli haveria de se restabelecer, uma vez eleito Superior.

E foi o que aconteceu. Em 1854, Pe. Falezza congratulava-se com Pe. Morelli, dizendo: “Pe. Gaspar já havia me falado: Pe. Morelli, em seu novo cargo, recuperará a saúde”.

“E, sabe o Senhor” - replicou Pe. Morelli - “o que me afirmou Pe. Gaspar, quando no Natal de 1852 fui fazer-lhe uma visita, justamente seis meses antes de morrer? - Passe bem, Pe. Morelli, e até à vista, no Céu!”.

Em abril de 1854, Pe. Morelli faleceu; o primeiro dos Filipinos, depois de Pe. Gaspar.

SEUS ÚLTIMOS ANOS

Terrível martírio

Voltemos à cabeceira de Pe. Gaspar. Desde o final de 1850, ele estava imobilizado na cama. Por trinta longos meses, teve que permanecer deitado do lado esquerdo, imóvel, e sofrendo tanto de causar pena.

Assim escreveu o seu biógrafo: - “Lembro-me bem de que, toda vez que ia visitá-lo, não lhe sendo possível tirar o solidéu, devido às dores, pedia mil desculpas por não fazê-lo”.

Em consequência desse estado de inércia e falta de articulação dos membros, causava-lhe grande tormento ser erguido, movido, ou somente tocado.

Além de tudo, apareceu-lhe uma sarna em todo o corpo, do qual, devido à imobilidade, não podia se livrar.

Pe. Gaspar, ao invés de incomodar os outros, preferia ficar com suas dores e coceiras.

Os irmãos e padres, que do quarto vizinho ou de uma cadeira percebiam os seus gemidos e invocações a Nossa Senhora e a Nosso Senhor, lembrados de que, nas operações mais difíceis e longas, não se queixava nunca, nem gemia, apressavam-se a lhe perguntar de que precisava. Respondia o bom Pe. Gaspar: “*Vão dormir, vão dormir. Não se importem com minhas amolações. Quando precisar, eu os chamarei*”.

Rumo ao fim

Nos últimos quatro meses, seus sofrimentos foram aumentando de maneira impressionante.

“Se soubessem, meus filhos, que aflição sinto! Que dor! Que mal estar! Creiam que me desesperaria, se não fosse a graça de Deus.”

E... no entanto, às vezes, pelo medo que Deus lhe afastasse a Sua mão, pedia-lhe que a tornasse mais pesada ainda.

“Sim, meu Deus, batei, que tendes razão. Castigai, pois mereço até mais.”

A posição foi sempre a mesma, assou e lhe esfolou a pela nas costas. Ficou uma chaga viva.

O primeiro a perceber esta condição foi o enfermeiro, que, proibido de falar, contribuiu com que a ferida se aumentasse. Até que, certo dia, considerou-se dispensado de guardar o silêncio. Chamaram o cirurgião; este averiguou que a chaga havia se gangrenado profundamente, até o osso. Tomado de admiração, além de uma atitude de reprovação com os de casa, não entendia como Pe. Gaspar tivesse podido aguentar calado, e por tanto tempo, aquele tormento lancinante.

Por cúmulo, e para dissipar qualquer raio de esperança, apareceu-lhe também a falta de apetite.

Certo dia, julgando que, se lhe dessem uma sardinha, teria apetite, fez menção de querê-la. Inutilmente. Provado um pedacinho, levaram-na de volta. E assim, por dias a fio, aquele peixe vinha e voltava.

A dois meses da morte, justamente no dia 14 de abril (conforme os registros das contas), a sardinha foi substituída por alguns sorvetes. Mas mesmo estes, nos dias 27 e 28, foram reduzidos à metade, até desaparecerem de todo.

Durante quase uma semana, o doente só foi aliviado com pedacinhos de gelo.

De 4 a 17 de maio, chupava uns aspargos. Depois, até o dia 4 de junho, alguns moranguinhos.

Na última semana, somente pedacinhos de gelo, mas não de noite, pois queria observar o jejum eucarístico com todo o rigor da lei, antes de Pio XII.

E assim foi, até o derradeiro dia.

“Durma, irmão; não preciso de nada”

Bem no final de maio, acentuou-se em Pe. Gaspar o desejo mais intenso de se dissolver, para estar com Cristo.

Ininterrupto era o seu recolhimento, de dia e de noite; frequentes invocações a Jesus e Maria, recitação do terço e piedosas aspirações.

Entretinha-se na contemplação da Ave Maria, horas e horas, mesmo noites inteiras.

Às vezes, um tanto preocupado, dirigia-se ao irmão enfermeiro: “*O senhor não viu nada? Não percebeu nada de estranho?*”

À resposta negativa, Pe. Gaspar, aliás em uso perfeito de suas faculdades, habilmente desvia o assunto: “*Durma, irmão; não preciso de nada*”.

O enfermeiro achava que Pe. Gaspar, naqueles momentos, tinha tido a felicidade de alguma visão.

Sua morte

Na manhã do dia 12 de junho de 1853, Pe. Gaspar, como de costume, pediu a Santa Comunhão.

Era um domingo.

Não obstante a sua indisposição, consequência de extrema dificuldade de respirar, e do embaraço causado pelo catarro, fez questão de guardar o jejum absoluto para se dispor à comunhão, que teria sido a última de sua vida.

Pouco depois, suas forças se desfaleceram. Não foi mais preciso trocar-lhe a posição a cada quinze minutos. Parecia não sofrer mais.

E assim passou a manhã toda.

Depois do meio-dia, entrou em um desfalecimento mortal. Seu rosto empalideceu. Cobriu-se de suor frio. O único sinal de vida era um leve extertor⁴, com frequente ansiedade e arfar do peito. Borrifaram-lhe o rosto com água. Deram-lhe a cheirar substâncias alcoólicas. Daí, recuperou os sentidos e voltou-lhe a palavra. Agradeceu, então, a seus filhos, pela caridade. Mostrava grande satisfação pelas palavras de conforto, e de santos afetos que lhe sugeriam.

- Padre, diga-me, precisa de alguma coisa?

- *Preciso sofrer* - foi a resposta.

Pe. Marani, seu confessor, perguntou-lhe então se desejava se confortar com o sacramento da reconciliação.

⁴ Respiração repleta de ruídos, feita por quem está prestes a morrer.



"Preciso sofrer!"

Foi a derradeira confissão. Pe. Gaspar a fez em pleno conhecimento e profundo sentimento.

Ficou muito contente quando o informaram que iria receber a Unção dos Enfermos. Acompanhou as cerimônias em atitude de contrição, enquanto, ao redor de seu leito, seus filhos rezavam, com o coração dilacerado.

Pe. Marani, para lhe proporcionar algum alívio, abeirou de seus lábios um moranguinho. Com os olhos e a expressão, fez ver que não queria mais nada. Foi a última renúncia.

Entrou em agonia. Perdeu os sentidos. Não deu mais nenhum sinal de vida, a não ser tênué gemido.

Pe. Marani deu-lhe a bênção apostólica.

Enquanto se recitavam as derradeiras orações, as lentas badaladas do sino maior anunciavam que estava próxima a sua morte.

Eram três horas da tarde.

Quatro de seus filhos, naquela hora, deveriam ir às igrejas para o catecismo ao povo.

Três já haviam se afastado do leito, tristes, com o pressentimento de que não veriam mais vivo o rosto de seu Pai.

O próprio Pe. Marani havia entregue o ritual a Pe. Brugnoli, a fim de se dirigir à matriz de São Lucas para a prática, quando, movido por remorso, voltou ao quarto de Pe. Gaspar.

Contemplou o rosto plácido e os olhos semicerrados de Pe. Gaspar, e, dirigindo-se a Pe. Brugnoli, que continuava a recomendação da alma, com a voz entrecortada e os olhos marejados, disse:

“Não vê, o senhor, que Pe. Gaspar não vive mais?”

Verdade. Sua alma havia alçado vôo. Ninguém havia percebido antes.

Naquele momento, rompendo uma longa série de dias obstinadamente chuvosos, o sol inundou de luz fulgurante a cidade de Verona, e o quarto de Pe. Bertoni.

Ao primeiro anúncio da desditsa notícia, a cidade toda se comoveu, exclamando triste e jubilosamente: *“Morreu o santo. Pe. Gaspar é um santo!”*.

Ao declinar daquele dia, e no seguinte, o povo, sem qualquer distinção, enfileirou-se para beijar e tocar os despojos. Solicitavam, já por sua intercessão, graças, e pediam relíquias.

Paulo, irei eu ao cemitério?

Revestido como Missionário, conforme seu desejo, foi colocado em um caixão de abeto⁵.

Na tarde do dia 13 de junho, saiu o cortejo fúnebre dos Estigmas, e foi à Matriz da Santíssima Trindade.

Conta-nos uma testemunha: “Um verdadeiro triunfo, pela enorme afluência de pessoas de todas as camadas sociais”. Relata outra: “Pelo número incontável de velas e tochas, a rua dava a impressão de um rio de luz”. A comoção foi geral. O vigário afirma:

⁵ Árvore conífera da família das pináceas, de folhagem sempre verde.

“Não me lembro de nunca na minha vida ter assistido a espetáculo tão impressionante e comovedor”.

Os despojos ficaram na Matriz, para, no dia seguinte, de manhã, serem levados ao cemitério.

Surgem duas pessoas de respeitabilidade para desviar o rumo dos acontecimentos. Abordam o vigário com intenção de solicitar à autoridade permissão para sepultar o corpo de Pe. Gaspar na Igreja dos Estigmas. Inciaram, pois, processo que obteve despacho favorável, mas somente daí a um ano. O caixão com o corpo foi guardado, fora da terra, no corredor que servia de guarda-roupa para a Irmandade do Santíssimo Sacramento.

No dia 30 de junho de 1854, com nova e grandiosa demonstração popular, o corpo de Pe. Gaspar foi transportado da matriz da Santíssima Trindade para os Estigmas, e tumulado no centro da Igreja. A esta altura dos acontecimentos é que os padres e irmãos puderam dar certa explicação à conversa de Pe. Gaspar, ainda em vida, com o Ir. Paulo Zanoli.

Em 1839, prestes a serem realizados festejos em honra a São Zenão, Pe. Gaspar estava preso à cama, devido a seu incômodo, na iminência de não poder conduzir o panegírico, conforme havia sido combinado.

Com ar de brincadeira, Pe. Gaspar dirigiu-se ao enfermeiro:

- Paulo, irei eu a São Zenão?
- Se Deus quiser, Padre.
- Paulo, irei eu para o cemitério?
- Certamente que também o senhor terá que ir, como os outros!

- Pronto! - concluía Pe. Gaspar, com um sorriso. Veja como o Paulo agora me responde sem nenhuma dúvida!

Impossível seria contar quantas vezes esse diálogo se repetiu.

O fato nos diz que Pe. Gaspar foi a São Zenão para o panegírico, mas, para o cemitério, não foi.

CURAS APÓS A SUA MORTE

Pedidos de relíquias

Eis o depoimento do Pe. Vicente Brentegani: “Sendo eu clérigo, tomei parte nos funerais de Pe. Gaspar, na qualidade de cantor. Vi incalculável multidão, de toda idade e camada social. Percebi que muitos pediam objetos que haviam pertencido a Pe. Gaspar. No dia seguinte, apressei-me a ir também à procura de qualquer lembrança, e consegui apenas parte de um estojo de penas, que até hoje conservo”.

Ao Pe. Viscardini, da Companhia de Jesus, coube uma madeixa de cabelos.

“Está em meu poder - diz-nos Félix Cinquetti - pequeno crucifixo, que Pe. Gaspar costumava levar ao pescoço, e o usou no momento da morte, e uma madeixa de cabelos. Guardo esses objetos debaixo do travesseiro da minha filha Aninha, na confiança devê-la livre da epilepsia.”

Tão grande era o número de pessoas que pediam uns pedacinhos das vestes de Pe. Gaspar que se tornou impossível satisfazê-las a contento.

Tive a impressão de que estava ao meu lado

Pe. Fedelini é que nos conta: “Fui acometido de angustiante doença, no início de fevereiro de 1855, até mais ou menos agosto. Fiquei reduzido à mínima expressão, com escarros de sangue, outros incômodos, e sem melhora. Certo dia, tive a impressão de que Pe. Gaspar estava ao meu lado, e me dizia: “*Coragem, não vai acontecer nada*”.

Naquele dia, sarei, e nunca mais tive aquela doença!

Sarou com a meia de Pe. Gaspar

Uma senhora, cujo filho sofria de uma doença na perna, dirigiu-se aos Estigmas para procurar uma relíquia de Pe. Gaspar.

“Tome, minha senhora, dou-lhe uma meia que Pe. Gaspar usou.”

A alegria foi incontida, e maior ainda a satisfação quando, depois de tê-la calçado, o filho se sentiu curado, naquele mesmo instante.

Corpo incorrupto

Durante o tempo em que o corpo de Pe. Gaspar ficou insepulto, especialmente nos primeiros trinta e dois dias, naquele caixão de madeira, notou-se, como coisa extraordinária, a ausência de mau cheiro. O fato tornou-se ainda mais admirável considerando-se o intenso calor reinante em Verona nos meses de junho e julho, em pleno verão.

Depois foi providenciada a inclusão do citado caixão de madeira com o corpo em um outro, de zinco. A esta altura, ninguém mais admitia a dúvida de que o corpo de Pe. Gaspar se fosse corromper.

A confirmação de tudo isso se deu 46 anos mais tarde, em 1899, quando se iniciaram os processos de Beatificação, e o Tribunal Eclesiástico procedeu ao reconhecimento do cadáver.

Removido o caixão de abeto, já bastante podre, e o segundo, de zinco, em más condições, e um terceiro, de madeira podre, também, apareceu não um esqueleto, como naturalmente se poderia esperar, tendo em vista o tempo passado e a excepcional umidade do lugar, mas um corpo, que apresentava ainda, sobre os ossos, as carnes incorruptas. Somente as pernas haviam sofrido a ação do tempo e das circunstâncias, especialmente a direita, retalhada em tantas operações.

Os despojos ficaram expostos ao ar livre por dois meses, para se enxugarem, e depois foram sepultados na parede do velho e próximo Oratório da Conceição (naquele tempo, da Sagrada Face).

70 anos depois da morte

No dia 12 de junho de 1923, o Tribunal Eclesiástico procedeu a um segundo reconhecimento. Averiguou o estado de conservação do corpo: “o rosto revestido da pele, embora um tanto enegrecida; sua barba e cabelos como no dia de sua morte; a boca, entreaberta...; os olhos, enxutos; as orelhas, endurecidas”.

Afirma-nos uma testemunha ocular: “Profunda comoção se apoderou de todos quantos tiveram a ventura de fixar em mente as amadas feições, porque *a morte e o tempo haviam respeitado o nosso venerável Pai*. Acomodado de costas, cabeça ligeiramente inclinada à esquerda, braços ao longo do corpo, parecendo alguém que dorme.

O rosto confirma-nos bem o retrato oficial."

Em 1937, o corpo foi conduzido para a Igreja dos Estigmas, e colocado no pavimento da primeira capela, à esquerda.

A bomba respeita a sepultura

No dia 6 de abril de 1945, os Estigmas foram objetivo de rápido bombardeio aéreo, que, na rua Carlos Montanari, arrasou escolas, colégio e convento, levando à destruição até a parede além da qual descansam os restos mortais de Pe. Gaspar.

Aí, a destruição parou. E, mais! Uma bomba de grosso calibre perfurou a abóbada da Igreja; espalhou o pavimento; penetrou no chão. Mas... não explodiu! Ainda hoje, é conservada como lembrança do episódio.

Curado de periostite com cárie

Em 1895, o menino Carlos Lona, com dez anos, foi surpreendido por uma "periostite com cárie na articulação torsal do pé".

Em abril de 1896, internaram-no no Hospital de Trento. Dois meses depois, não dispensado dos cuidados hospitalares, levaram-no para casa. Em julho, tentaram outros remédios no hospital de Rovereto; por fim, foi julgado necessário amputar o pé do menino.

Neste ínterim, Carlos Lona iniciou uma novena solicitando a intervenção de Pe. Gaspar, aplicando na parte enferma uma relíquia. Enviado novamente para casa, sob o pretexto de que o clima de Rovereto não lha fazia bem, lá continuou com as orações a Pe. Gaspar. E... sem remédio algum, viu-se perfeitamente curado em breve tempo. Grandes foram a surpresa e a admiração dos médicos, pois haviam desanimado completamente de lhe restituir a saúde, considerando inútil qualquer tratamento.

Somente Deus poderia salvá-lo

Arlindo Rizzo, de Rio Claro, estado de São Paulo, notou dores nas costas. Consultaram o médico. Este afirmou que, provavelmente, seria congestão pulmonar e apendicite. O doente foi piorando, e o mal se declarou muito mais grave do que se imaginava: tétano localizado na espinha dorsal. Diante do fato, disse o médico: "- Meus amigos, o caso é muito grave! Salvam-se deste mal somente um em mil."

Consultaram outro médico, que afirmou: "Somente Deus poderá salvá-lo". E disse o mesmo um terceiro.

Foram aos padres Estigmatinos, e conseguiram uma relíquia de Pe. Gaspar. Iniciaram imediatamente a sua novena. Passados alguns dias, o doente melhorou, até ao completo restabelecimento.

O médico assistente, Dr. Rafael Stanziona, exclamou: "- Arlindo estava já na sepultura, e ressuscitou".

Fica curada de sinovite óssea e entra para o convento

A mocinha Teresa Pojer de Cembra (Trento), em 1901, alimentava o desejo de se tornar religiosa. Foi acometida de sinovite óssea.

Os médicos averiguaram o fato, sem nada poder fazer. A doente iniciou uma novena pedindo a intercessão de Pe. Gaspar, aplicando a sua relíquia. Durante a novena, desapareceu por completo o pus.

A movem miraculada pode assim obedecer à voz que a chamava para a vida religiosa.

Inesperada cura

O Sr. Pedro Bresciani, de Trevenzuolo, em fevereiro de 1908, foi acometido, já pela segunda vez, de forte hemorragia. Assim nos relata o vigário local: "Fui chamado à cabeceira do doente. Avaliei a gravidade do caso, que preocupava o próprio filho, estudante de medicina em Pádua. Dei-lhe a bênção com uma relíquia de Nossa Senhora. Entreguei-lhe um santinho do Venerável Gaspar Bertoni, pedindo que se iniciasse a novena. Desde o primeiro dia, começou a melhorar e sarou. Hoje, cheio de saúde, trabalha, grato ao Venerável pelo favor recebido por sua intercessão.

Não havia mais esperança

Carlito Carelli, de 12 anos, gravemente atacado de tifo, entrou no Hospital Maior em Milão. Com a mãe do menino, a qual temia perder a sua única consolação, outras pessoas começaram uma novena ao Venerável Gaspar Bertoni, pedindo a cura. Também o menino rezava com fervor, tendo debaixo do travesseiro uma relíquia. Durante a

novena, o mal se agravou terrivelmente. O doente recebeu os sacramentos. Ao tifo, havia se adicionado a litíase biliar⁶.

Aos 10 de junho, a boca de Carlito tornou-se uma fonte de sangue. Pensava-se que era a última hora. “*Não há nenhuma esperança?*” - perguntavam os parentes e amigos, desconsolados, aos médicos e à Irmã enfermeira. E a resposta era: “nenhuma esperança, porque ao tifo sobreveio a litíase biliar fulminante; trata-se de horas”.

Nesse caso desesperado, as esperanças se voltaram só para Deus e para o Venerável Gaspar Bertoni, cuja intervenção foi visível e maravilhosa.

No dia 12 de junho, aniversário da morte do Venerável invocado, o menino estava fora de perigo. Em pouco tempo, recuperou a saúde e as forças. Foi à Igreja dos Estigmas para participar da Santa Missa e iniciar uma série de 15 comunhões em agradecimento, conforme lhe aconselhara a irmã enfermeira. Ao se despedir, esta disse a Carlito: “Deve ser um grande santo esse Gaspar Bertoni, para obter uma cura que surpreendeu os médicos; quero também conhecê-lo e ter uma sua estampa”.

Uma voz me chamava

Quem conta é o Pe. Caetano Fiorio.

Em 29 de abril de 1908, fui a Santo Estêvão di Zimella para o casamento de um irmão meu. Fechei o Recreatório com sede na casa onde nasceu o Venerável Gaspar, e dispensei os meninos. Um desassossego interno e inexplicável me chamava de volta ao Recreatório, durante o tempo de minha viagem. De fato, apressei quanto pude para voltar. Cheguei a correr. Tive apenas tempo de abrir a porta só cerrada e já me chegou aos ouvidos um grito lancinante. Os dois meninos, Carlos Bragantini e José Comparotto, voltaram sozinhos ao Recreatório para brincar. Um deles caiu na grande fossa do esgoto, cuja tampa era mal segura; o companheiro, lançando-se atrás dele, tentava inutilmente salvá-lo. Não tivesse eu chegado naquele momento, ambos teriam morrido asfixiados. Atribuo ao Ven. Gaspar Bertoni a voz que me chamava.

“Aqui a ciência pára”

“Aqui a ciência pára e deixa campo livre para outra mão.” Assim esclareceu o Dr. Pignataro, depois de ter acompanhado o processo da doença do clérigo José Anselmi.

⁶ Formação de cálculos na vesícula biliar.

José nasceu em Verona. Aos 12 anos, entrou na Congregação dos Padres Estigmatinos. Em 1934, foi enviado ao Brasil, primeiro em Rio Claro, e a seguir em Ribeirão Preto, onde concluiu o curso teológico. Em Rio Claro, sentiu que os distúrbios do aparelho digestivo se acentuavam. Apurado exame radiológico revelou úlcera no piloro⁷. Submeteu-se a uma cirurgia. Todavia, as condições do doente, mesmo após a cirurgia, continuaram piorando. Reapareceu o mal, com redobrada violência. Chegou à beira da morte. Um novo ataque de lipotimia⁸ deixou o enfermo imóvel. A respiração se tornou fraca. O rosto empalideceu. Esperavam a morte de uma hora para a outra.

Administraram-lhe os derradeiros socorros espirituais, na expectativa do desenlace fatal.

Uma feliz idéia, nascida da confiança ilimitada no Venerável Gaspar Bertoni, trouxe-lhe o caminho da vida. Com a devida licença, engoliu, com um pouquinho de água, um pedacinho da relíquia do Servo de Deus, e no mesmo instante ficou bom. Pediu comida. Acharam que estivesse delirando. Mas não. Os médicos tiveram que averiguar o perfeito estado de saúde de José Anselmi.

Reiniciou os estudos. Ordenou-se sacerdote Estigmatino em Ribeirão Preto, no ano de 1939. Continuou a se dedicar ao seu ministério sem nenhum distúrbio de saúde.⁹

O moribundo recupera a saúde

O Sr. Raimundo Zanatta, da cidade de Palmeiras, estado de São Paulo, foi internado no dia 27 de maio de 1950, no Hospital de Casa Branca.

O exame a que foi submetido revelou uma hipertensão arteriosa, que, junto a outros sintomas, levou ao diagnóstico de nefrite azotémica¹⁰ e uremia¹¹. Além de tudo, apresentaram-se graves crises de edema pulmonar.

⁷ Orifício pelo qual se comunicam o estômago e o duodeno.

⁸ Perda momentânea e inesperada da consciência.

⁹ Como complementação da história deste episódio milagroso, recomenda-se a leitura de “Um Milagre de São Gaspar”, por Pe. Mario Zuchetto, CSS .

¹⁰ Nefrite associada a azotemia, que se refere ao aumento dos níveis de azoto (como ureia e creatinina) no sangue, indicando disfunção renal. .

¹¹ Acumulação de ureia no sangue.

Apesar da assistência médica, Raimundo foi piorando, com casos de intoxicação e hipossistolia¹², elevando a pulsação cardíaca a cento e sessenta por minuto. Foi declarado como “caso perdido”, com morte chegando a curto prazo.

Pe. Gino Righetti administrou-lhe os sacramentos. Colocou sobre a cama do doente um santinho do Venerável Gaspar Bertoni. Solicita aos presentes que rezem à Santíssima Trindade, para que, pela intercessão de Pe. Gaspar, concedesse a saúde ao moribundo.

Tomou parte na oração também o doente, como pode. Logo depois, o Sr. Raimundo percebe uma sensação de bem estar. Acalma-se. Dorme um pouco, o que não fazia há dez dias. A tosse cessa. O pulso volta ao normal. E... come.

No dia seguinte, suspenderam os cuidados médicos. Deixou o hospital, daí a alguns dias, com declaração de perfeito estado, e com possibilidade de se entregar ao trabalho.

Instantaneamente sara, sem cirurgia

A Sra. Benilda Petrucci, de Roma, já há um bom tempo com cálculos renais, foi colhida por forte nefrite. Médicos ilustres a acompanharam, sendo frustrados os seus esforços.

Internada em uma das clínicas da capital, e submetida a minucioso exame, aconselharam-na a ser operada de tumor no rim esquerdo.

Pairavam ainda dúvidas a respeito da natureza do mal. Devido às incertezas, e ao perigo de complicações, recusou a intervenção médica. E assim um ano se passou, em que pesassem os conselhos médicos de que somente uma cirurgia resolveria o caso. Dona Benilda, ao invés da cirurgia, apegou-se ao Venerável Gaspar Bertoni.

Como ela mesma conta, na noite do de 17 de julho de 1953, quando acordada, apareceu-lhe o Servo de Deus, de rosto alegre. Recobriu-a com o seu manto. E lhe garantiu a saúde.

Daquele instante em diante, a doente se sentiu perfeitamente curada, e pode recomeçar as suas habituais ocupações.

¹² Diminuição anormal da sístole cardíaca.

“Eu tenho quem me ajude”

“Em primeiro de janeiro de 1958,” - narra o Sr. Aldo Montera - “nasceu o meu filho Júlio César, no Hospital Civil de Mestre. O menino chorava de uma forma incomum, mas, como nos primeiros dias, as crianças sentem a separação das mães, minha esposa não percebeu nada de muito estranho. Em casa é que notamos, além do choro ininterrupto, a imobilidade da perninha direita, sempre dobrada.

Chamei um bom médico, que, percebendo do que se tratava, fez vir um seu colega, especialista em osteologia, o qual chegou só dois dias depois. No dia 17, o menino foi submetido a uma radiografia, que acusou uma lesão no fêmur, julgada incurável, pelo longo tempo passado desde a fratura. Uma intervenção cirúrgica só seria possível na idade de 2 ou 3 anos. O especialista aconselhava, no entanto, que o menino ficasse bem enfaixado, para evitar outras deformações.

Minha esposa, ao ouvir isso, exclamou, na presença do médico: “Se a ciência nada pode, eu tenho quem me ajude”. Levou o filho para casa, confiando-o à proteção do Venerável Gaspar. Júlio continuou por certo tempo com seus gemidos, mas um pouco por vez conseguimos endireitar-lhe a perninha, e enfaixá-la com facilidade. No oitavo mês, em um segundo exame radiológico, foi grande a surpresa: o médico não conseguia descobrir qual tinha sido a perna doente. Estava perfeitamente curado. Estou certo de que o Ven. Gaspar interveio de um modo particular, e por isso lhe devo eterna gratidão.”

Cura de um menino, quase esqueleto

Isso deu com Vito Mayer, no estado do Paraná.

Já com três, o menino começou a definhar, como uma florzinha que murcha e se dobra sobre a sua própria haste.

O médico do lugar, por quatro meses, empregou os seus recursos profissionais para tentar debelar o mal.

No dia 30 de agosto de 1958, o pai levou o menino a Ponta Grossa. Entregou-o aos cuidados de um especialista, que descobriu que o fígado estava obstruído e um

raquitismo¹³ acentuado. Mas o menino não melhorava. O vômito o impedia de comer, e ele sofria de disenteria¹⁴.

No dia 15 de novembro, a mãe e uma tia levaram o menino a Curitiba, a fim de consultar outro especialista. Este o olhou, sem sequer tocá-lo. Aconselhou que fossem procurar um seu colega. Este ministrou-lhe doses de soro, que, na impossibilidade de encontrarem a veia, foi aplicado por via subcutânea.

Nem uma pequena parte do líquido se espalhou pelo corpo. A mãe, desesperada, toma o filho, já quase como um esqueleto, e volta para que, ao menos, morresse em casa.

A Providência fez com que conseguisse uma relíquia do Ven. Gaspar Bertoni. Toda a família, de joelhos, pedia a Deus, pelos méritos de seu Servo. Na mesma noite, 16 de setembro, o soro se espalhou. O menino dormiu, Acordou chorando. Comeu bastante mingau.

Daí por diante, dormiu bem. Alimentou-se como uma pessoa sadia. Recuperou o seu peso normal.

Recupera a saúde sem intervenção cirúrgica

Em novembro de 1958, escreve Dona Amélia Mannicola, de Roma: “Fui internada em uma clínica, em graves condições de saúde. Desde o início, os médicos diagnosticaram que havia cálculos biliares. Eu deveria me submeter a uma intervenção cirúrgica, que se apresentava um tanto melindrosa, devido à minha idade de 70 anos, e à diabetes.

Dirigi-me, confiante, ao Ven. Gaspar Bertoni, suplicando-lhe que resolvesse o meu caso sem operação. Graças a ele, escapei do perigo. Deram-me alta da clínica vinte e cinco dias depois.”

¹³ Enfermidade que perturba o crescimento e a ossificação, resultante de deficiência de cálcio e fósforo no organismo, associada a insuficiência de vitamina D na alimentação.

¹⁴ Inflamação dos intestinos, de que resultam evacuações dolorosas ou hemorrágicas.

Um jovem se restabelece de um câncer

Este depoimento é do Pe. César Bianco, CPS, do dia 14 de abril de 1959: “Conheci em Palmeira (PR) o jovem Dair Martins, cuja morte se esperava a qualquer hora, devido a um câncer.

Recebeu de mim um santinho do Ven. Gaspar Bertoni. Exortei-o a recorrer à sua intercessão. Os parentes do doente uniram-se em orações. O jovem melhorou logo. Fechou-se a ferida, que se mostrava como autêntica caverna, em que caberia um punho.

Em poucos dias, ele se levantou. Agora, vejo-o caminhar pela cidade.”

Quase morte recupera a vida

Em 16 de maio de 1958, Dona Helena Moskaleski teve uma criança prematura (sétimo mês), que sobreviveu 13 dias. No trabalhoso parto, a boa senhora sofreu ferimentos com consequentes hemorragias e uma infecção que degenerou em parametrite puerperal¹⁵. Febres, coceiras, prostração e desfalecimentos foram os efeitos desse estado doentio. Por causa da pobreza da família, e da distância para a cidade (25 km), a enferma foi levada ao hospital de Palmeira (Paraná) só no dia 27 de maio. Por essa demora, e por ter viajado de carroça, a doente chegou ao hospital em estado deplorável.

O médico, Dr. Jorge Amin Bacila, julgou o caso desesperador. Fez logo transfusões de sangue, injeções endovenosas de soro, penicilina e outros medicamentos. Apesar de todos esses cuidados, era convicção pacífica que os meios humanos seriam em vão. O médico, por várias vezes, repetia que só por Deus a paciente escaparia com vida. Dona Helena, cheia de fé, e percebendo o fim, pediu os socorros da religião, que recebeu com grande piedade.

Pelas 16 horas do mesmo dia, Pe. César Bianco, Estigmatino, vigário da paróquia, aplicou à doente um santinho com a relíquia do Ven. Gaspar Bertoni, pedindo que ela o invocasse. A paciente, de súbito, começou a se sentir melhor; pediu comida, e foi declarada fora de perigo.

¹⁵ Inflamação do tecido conjuntivo que envolve o útero, conhecido como paramétrio, e pode se estender até a parede pélvica, geralmente ocorrendo após o parto. É considerada uma forma de infecção puerperal ou pós-parto, resultante da infecção bacteriana do trato genital no período pós-parto.

A mulher que estava à beira do túmulo saiu do hospital dentro de poucos dias, e voltou a seus afazeres domésticos, completamente sã.

A CONGREGAÇÃO DOS ESTIGMATINOS¹⁶

A Pe. Gaspar coube o trabalho difícil de fecundação e a amargura da desilusão, entre as chamas dos mais puros ideais.

Ao morrer, a sua congregação contava com apenas duas casas. A terceira foi logo depois fundada para acolher os noviços que se apresentavam.

Falava-se, em seguida, de novas casas em Trento, Riva, Mântua, Rovereto, Cremona, Veneza. O que aconteceu? O vendaval da perseguição atirou-se sobre a Obra do Servo de Deus. Trata-se da perseguição que tentou e conseguiu fechar as ordens religiosas.

Se o Instituto pôde sobreviver àquela atmosfera pestífera, isso se deve à proteção dos Santos Patronos Maria Santíssima e São José.

As circunstâncias permitiram, embora lentamente, o sensível desenvolvimento da Congregação na Itália, nos Estados Unidos, no Brasil, no Canadá, e até em terras de missões, como China, Tailândia e África.

Nessas nações, os Estigmatinos se aplicam ao mais variado apostolado: Exercícios Espirituais, Missões, Colégios, Pensionatos Universitários, Escolas, Oratórios, Recreatórios, Casas de Retiro, Paróquias, e Missões entre os infieis.

Ao lado dos padres, por força das circunstâncias, nasceram a Congregação do Sagrado Coração de Jesus para a Propagação da Fé, fundada em Yihien (China) em 1936, e o Instituto Secular “Servas de Jesus Sacerdote”, fundado em Ribeirão Preto em 1950.

O conjunto das três obras pode ser avaliado no quadro abaixo:

¹⁶ Os dados se seguem referem-se ao ano da primeira edição deste trabalho, 1964.

Estigmatinos	1.094
Irmãs do Sagrado Coração de Jesus para a Propagação da Fé	30
Servas de Jesus Sacerdote	538
Total:	1.662

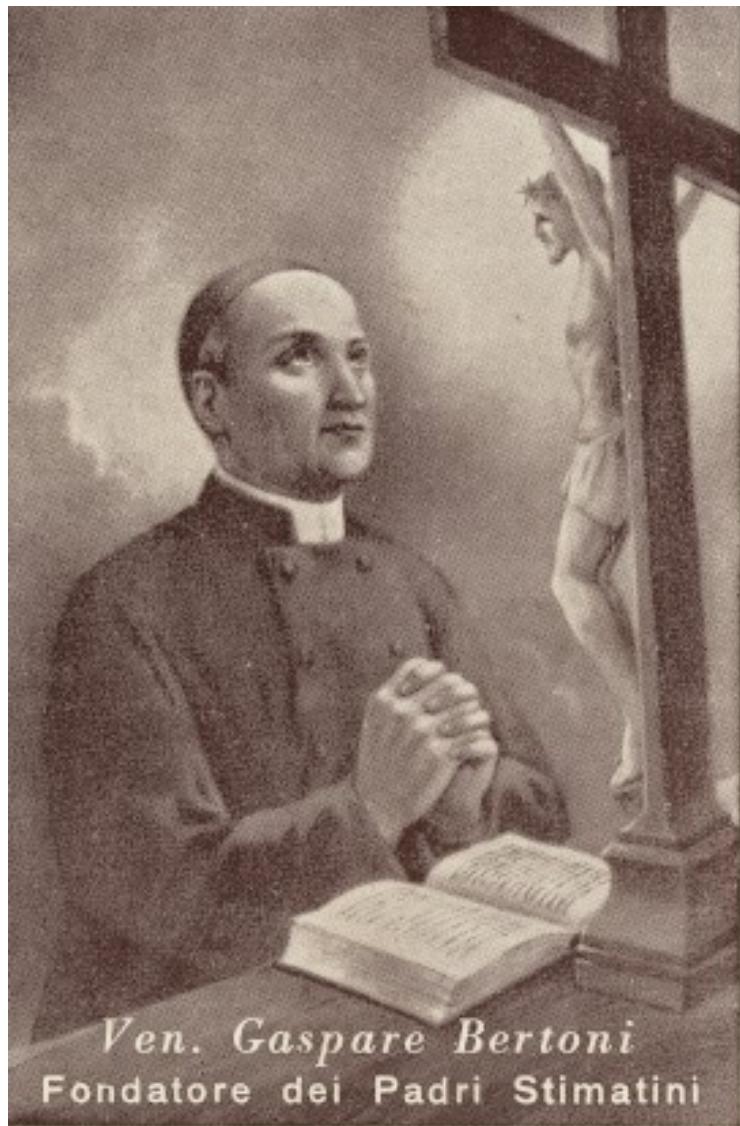
O número das casas chega a cem, mais ou menos. Todo ano entram novas fileiras para a Congregação.

Entre os Estigmatinos mais célebres, podemos citar:

- ◊ Pe. Ricardo Tabarelli, exímio teólogo, e professor por muitos anos no Apolinare de Roma, que conferiu a láurea em Teologia a Pio XII e a João XXIII.
- ◊ Pe. Júlio Zambiasi, físico e matemático, docente na Universidade de Roma;
- ◊ Dom Luís Morando, Arcebispo de Brindisi e Ostuni;
- ◊ O jovem noviço Antônio Caucigh, considerado o São Luís da Congregação;
- ◊ Pe. Luiz Benedetti, que morreu em odor de santidade.
- ◊ Dom Tarcísio Martina, pioneiro das Missões Estigmatinas na China, condenado pelos comunistas a cinco anos de prisão;
- ◊ Dom Carlos Ferrari, Arcebispo de Trento;
- ◊ Pe. Cornélio Fabro, filósofo de fama mundial.

O desenvolvimento do Instituto, hoje, é a continuação daquela chama de zelo com a qual o Fundador entrou nos Estigmas em 4 de novembro de 1816.





Ven. Gaspare Bertoni
Fondatore dei Padri Stimatini